

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 a 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA

Parece estar em curso

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

de CARLOS FERRÃO

O ATAQUE A MAO TSÉ TUNG

Pondo de parte conveniências diplomáticas, no seu discurso do dia 11, Brezhnev, secretário-geral do Partido Comunista soviético, interferiu, de maneira declarada, nos assuntos internos da China e tomou partido, na revolução cultural, contra Mao e os seus seguidores. A condenação destes foi tão categórica que não se encontra para ela precedente, mesmo durante a luta que opôs Tito a Estaline. Para Brezhnev a revolução cultural chinesa «constitui um ataque deliberado à causa do comunismo mundial, especialmente na China, e equipara-se a um golpe de Estado militar reaccionário, dirigido contra o povo chinês e a sua causa». O secretário-geral do Partido Comunista soviético reafirmou a intenção de não atacar o povo chinês e o seu Partido Comunista, mas não deixou dúvidas sobre o propósito de mobilizar, contra Mao e o seu grupo, os recursos e armas de que dispõem os dirigentes de Moscovo. Prometeu-lhes luta implacável e uma hostilidade que, segundo disse, só terminará quando forem afastados do Poder pelos adversários.

Ao povo da China e ao Partido Comunista chinês dirigiu um apelo para que derrubem esse grupo, acrescentando: «Enquanto estes ocuparem o Poder, não haverá entre nós reconciliação possível. O povo da China deve encontrar, em si próprio, a energia necessária para eliminar esses elementos, prejudiciais ao seu país e à causa do comunismo mundial». Brezhnev, depois desse apelo, declarou estar convencido de que «a China afastará os seus actuais opressores, regressando à via da colaboração fraternal com a União Soviética». A sua declaração foi interpretada, nos países comunistas, como uma forma de proclamar que os dirigentes soviéticos estão convencidos de que Mao e os seus partidários perderão, em breve, a partida em que estão empenhados com os seus rivais do Partido Comunista chinês.

VISADO PELA CENSURA

nova iniciativa no que respeita à paz para o Vietnam

NOVA YORK, 16 — (A.N.I.) Desde ontem à noite é voz corrente nas Nações Unidas que «algo se está a preparar» no que respeita à paz para o Vietnam.

O facto resulta de o secretário-geral U Thant, ter já esta semana conferenciado com os embaixadores americano e russo nas Nações Unidas, Arthur Goldberg e Nicolau Fedorenko, e também com enviados do Canadá e da Polónia, países membros da comissão internacional de fiscalização no Vietnam.

O secretário de Imprensa de U Thant tem-se mostrado muito cauteloso, especialmente hoje, afirmando a todos os jornalistas: «Não faço declarações sobre o Vietnam».

No entanto, Goldberg embora recusando-se a revelar seja o que for, deu certo fundamento ao rumores quando disse: «Farei tudo o que me for possível para apoiar qualquer esforço de U Thant que nos possa conduzir a uma solução pacífica do conflito».

U THANT TERIA PROPOSTO UMA SOLUÇÃO DE COMPROMISSO

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — Segundo fontes fidedignas, U Thant numa nota que entregou ao repre-

(Continua na 14.ª página)

Perry Russo teve dúvidas em reconhecer Oswald como um dos conspiradores

NOVA ORLEANS, 16 — (A.N.I. e R.) — «Não revelei antes o que sabia sobre a conspiração para ma-



Lee Harvey Oswald usou também o nome de Leon Oswald?

tar o presidente Kennedy porque não estava seguro de que Lee Harvey Oswald era o mesmo homem que eu conhecera como Leon Oswald e que ouvi conspirar com David Ferrie e Clay Bertrand» — afirmou, ontem, Perry Russo, o «informador confidencial» do procurador distrital de Nova Orleans, Jim Garrison.

«Quando conheci Oswald, ele usava «suíças» e andava sempre de barba crescida. As fotografias que os jornais publicaram, não o apresentavam assim e, embora me parecesse o mesmo, nunca tive a certeza» — afirmou.

«No entanto — prosseguiu — quando, recentemente, um dos colaboradores do procurador Garrison desenhou patilhas compridas sobre uma fotografia de Oswald, então tive a certeza de que era ele a pessoa que eu conhecera».

Ontem, Russo identificou Oswald numa fotografia em que aparecia ladeado por dois detectives, segundos antes de ser morto por Jack Ruby. No entanto, numa outra, tirada no momento em que o suposto assassino de Kennedy foi alvejado a tiro por Ruby, Russo declarou não estar completamente certo de nela reconhecer Oswald.



O ministro dos Negócios Estrangeiros ao entrar, esta manhã, na sala onde se efectuou a conferência de Imprensa

A atitude hostil da Suécia para com a política portuguesa foi vivamente comentada pelo dr. Franco Nogueira na sua conferência de Imprensa desta manhã

No Palácio das Necessidades, o ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Franco Nogueira, concedeu esta manhã mais uma das suas habituais conferências de Imprensa, que se revestia de especial importância, pois era a primeira realizada após a visita à Áustria daquele membro do Governo.

Com a sala repleta de representantes da Imprensa e outros órgãos de informação nacionais e estrangeiros, o sr. dr. Franco Nogueira começou, como habitualmente, pela leitura de uma exposição prévia sobre alguns dos assuntos internacio-

nais que de momento lhe parecem mais relevantes.

O acordo russo-americano sobre não proliferação das armas nucleares

O ministro começou por ler a seguinte declaração:

«Antes de abordar assuntos que mais directamente nos toquem, quereria sublinhar rapidamente alguns pontos a que entre nós talvez se não haja emprestado o devido relevo mas que poderão ter consequências importantes no plano mundial. E o primeiro refere-se às conversas ou negociações que são conduzidas actualmente entre a União Soviética e os Estados Unidos em matéria de energia nuclear, e seu emprego e sua produção. É o assunto apresentado como um passo em frente no caminho da paz, como uma medida destinada a diminuir a tensão internacional, e como um degrau mais na difícil ladeira que conduzirá ao desarmamento. Tudo isto é exacto, e um abrandamento da tensão internacional convirá a todos; e não podemos nem devemos duvidar dos objectivos que neste particular as duas grandes potências prosseguem. A verdade é que, embora por razões diferentes, nem uma nem outra desejam um conflito generalizado, nem no plano da guerra convencional, nem muito menos no plano da guerra atómica. Mas aqui repro-

duz-se uma situação de que a História já nos tem dado exemplos: potências detentoras dos polos de força sempre vêm com a maior aversão a existência de centros autónomos capazes ou com vontade suficiente para decidirem por si, e que por disfrutarem de autonomia, não se submetem facilmente a «controle» exterior, e por isso mesmo podem desencadear acções que obriguem aquelas a tomar uma posição que lhes desagrade ou a serem arrastadas para um conflito em que não desejariam ver-se envolvidas. Isto é grave para as grandes potências, mesmo que se não saia do domínio simplesmente político ou dos conflitos convencionais com armamento clássico. Mas torna-se absolutamente vital quando entramos no terreno dos armamentos nucleares. A existência de centros autónomos de decisão em

(Continua na 15.ª página)

32 PÁGINAS

HOJE

VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA

O S. S. Franz Stangl poderá ser libertado

RIO DE JANEIRO, 16 — (A. N. I.) — «Franz Stangl, o antigo oficial das SS que chefiou diversos campos de concentração e é considerado o responsável pela morte de judeus, poderá ser posto em liberdade, em vez de ser extraditado para a Áustria» — declarou ontem um informador do Ministério brasileiro da Justiça, José La Penha Jr.

O informador lembrou a existência no Brasil de uma lei que determina um prazo máximo de vinte anos para o julgamento de qual-

quer pessoa, a partir da data em que é cometido o crime.

«A Áustria terá de apresentar provas de que Stangl cometeu o crime nos últimos vinte anos e já decorreu mais tempo do que isso sobre o fim da guerra» — comentou La Penha.

Stangl, preso o mês passado em São Paulo, onde vivia sob um nome falso, está agora em Brasília, à disposição do Supremo Tribunal de Justiça.

De ontem para hoje

OS PRÉMIOS DO S. N. I.

No pavilhão onde se encontra a exposição «As Artes ao Serviço da Nação», em Belém, comemorando o 40.º aniversário do Movimento do 28 de Maio, o sr. Presidente da República procedeu ontem à entrega dos prémios de Literatura, Artes Plásticas, Arte Dramática e Música. Os nomes foram já anunciados há semanas, indo desde o prof. Vitorino Nemésio, que recebeu o Prémio Nacional de Literatura, ao dr. Domingos Montello, que recebeu o Prémio Nacional de Novelistica, ao Grupo Teatral Freemundense, que recebeu o de arte dramática. Na cerimónia da entrega falou o secretário nacional da Informação, dr. César Moreira Baptista, que assinalou o valor de cada um dos premiados e fez amplas considerações a propósito do acontecimento. Disse ele: «Dentro da unidade espiritual que esta Exposição representa há, quanto a mim, uma lição, cujo significado avulta quando posta em confronto com o pensamento inspirador das preocupações dominantes no momento que vivemos. Assim, ao designá-la por «As Artes ao Serviço da Nação», quisemos com isso significar não um sentido utilitário nem de subordinação a determinados interesses da colectividade nacional ou do Estado, mas antes uma afirmação que pressupõe a própria integração da vida artística na formação de uma cultura nacional. Isto é, as Artes não devem ser simples meio, mas um fim, pois traduzem altas expressões da Nação. Com isto se assinala que, talvez ao arripio de certas tendências da nossa época, continuamos a considerar como uma das maiores demonstrações da capacidade humana a criação da beleza, dando assim ao homem a transcendência que só o espírito lhe concede. Por outro lado, se o que vemos aqui e nos cerca não é obra de uma única escola ou de uma única geração, tão-pouco é o resultado de um eclectismo oportunista e que teria sido pelo menos tão condenável como o cego apego a uma só medida, a um só cânone, a um só estilo. Também aqui, aliás, o nosso guia, o nosso mestre foi o pensador insigne que afirmou um dia: «O pensamento e o espírito não devem parar. É preciso estimulá-los a dar-lhes um movimento contínuo.»

O NOVO CÓDIGO CIVIL

Na Faculdade de Direito prosseguiu ontem a série de conferências sobre o novo Código Civil. Falou o prof. Gomes da Silva. Disse que tratava das incapacidades das pessoas singulares. Mais adiante disse que para se compreender as linhas mestras do novo Código, tornava-se necessário examinar o sistema do Código Seabra, acrescentando que o referido diploma parece conter uma regulamentação nítida e clara, mas na realidade ela suscitava dúvidas e certas incongruências, segundo disse, e que na sua opinião se explicavam pela influência do antigo direito combinado pouco harmonicamente, com a do Código de Napoleão. No final houve animado diálogo entre o conferencista, o prof. Magalhães Colação e drs. Castro Mendes e Miguel Galvão Teles.

A MORTE do ciclomotorista

Na via motorizada, na Via Rápida do Norte, o sr. José da Cunha, de 62 anos, cabo cantoneiro. Em dada altura tentou fazer uma manobra para o lado. Manobra infeliz porque veio um automóvel, conduzido pelo sr. Manuel da Silva Pereira que o colheu e matou logo.

CONDECORAÇÕES

Na cerimónia, ontem efectuada, em Belém, de distribuição dos prémios de Literatura e Artes, a que presidiu o sr. almirante Américo Thomaz, o sr. Presidente da República procedeu à imposição de condecorações a três individualidades conhecidas na vida da Imprensa, no Teatro e no Cinema. O primeiro condecorado foi o nosso amigo dr. Guilherme Pereira da Rosa, director do nosso prezado colega «O Século», que recebeu o Grande-Oficialato da Ordem do Infante D. Henrique, e a quem o Chefe do Estado dirigiu palavras de significativo apreço; o actor Augusto Costa (Costinha) e o cineasta Jorge Brum do Canto receberam o Oficialato da Ordem de Santiago da Espada. Ao prof. Vitorino Nemésio foram entregues as insignias da Grande-Oficialato da mesma Ordem, antes de receber o prémio nacional de Literatura.

MILITAR FALECIDO EM MOÇAMBIQUE

Por doença, faleceu na provincia de Moçambique, o soldado 8435964, Manuel Francisco Tacho Bertulo.

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do ministro de Estado, sr. dr. Mota Veiga, reuniu-se ontem à tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. O Conselho apreciou o relatório preliminar do III Plano de Fomento, elaborado em primeira versão pelo Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, e ocupou-se ainda de outros assuntos das suas atribuições.

JUSTIÇA

No 1.º Juízo Criminal do Porto foram ontem julgados os réus do crime de morte do comerciante sr. José Maria Pereira, de 32 anos, em Celorico de Basto, para se apoderarem de 90 contos que a vítima trazia do Brasil. O tribunal condenou Augusto Martins em 22 anos de prisão maior, 112 dias de multa à razão de 30\$00 e 2500\$00 de imposto de justiça, e o Veneslau em 21 anos de prisão maior, 93 dias de multa à 30\$00 e 2000\$00 de imposto de justiça. Condenados, ainda, solidariamente, na indemnização de 100 contos à família da vítima.

Regressou de Luanda o almirante brasileiro Murillo Valle Silva

Chegou esta manhã a Lisboa, num avião da TAP, o comandante-chefe da Armada Brasileira almirante Murillo Valle Silva, que se deslocou a Luanda para, em nome do presidente cessante do Brasil, fazer entrega ao governador-geral e outras individualidades da provincia, das condecorações com que o marechal Castelo Branco os havia agraciado.

O almirante Murillo Valle Silva, que estivera recentemente em Luanda como chefe da esquadra brasileira que visitou aquela provincia, foi igualmente portador de uma mensagem de agradecimento do marechal Castelo Branco ao povo de Luanda, pelo acolhimento carinhoso que prestou aos marinheiros do Brasil.

O sr. ministro da Marinha ofereceu hoje ao almirante brasileiro Murillo Valle Silva, que esteve em Angola, um almoço nos arredores de Lisboa.

Assistiram, com suas esposas, os srs. dr. Ouro Preto, embaixador do Brasil; almirante Armando de Roberdo, chefe do Estado-Maior da Armada, e o adido naval brasileiro.

Os sectores público e privado vão participar (em numerário) na criação de um fundo relacionado com o comércio de café

Em portaria hoje publicada no «Diário do Governo», diz o ministro do Ultramar que «disposições recentemente aprovadas pelo Conselho do Acordo Internacional do Café, de que Portugal é membro, visando particularmente a necessidade de impedir o aumento da produção como unico processo conducente a uma maior estabilidade dos preços e, de bem assim, a promoção de uma politica de financiamento de esquemas de diversificação e desenvolvimento nos países sujeitos a crises de superprodução, atribuíram a Portugal, para aplicação a Angola, no decurso do 2.º semestre do presente ano cafeeiro, uma quota de exportação adicional de 8370 toneladas condicionada a uma participação acima referida, sob uma das três modalidades que podem ser adoptadas».

Accentua o ministro que se reconheceu que muitas serão as vantagens decorrentes da utilização por Angola da referida quota adicional que ao País foi condicionalmente atribuída, que se estudaram nas suas várias implicações aquelas disposições do Conselho do Acordo Internacional do Café — e que foram ponderadas a urgência de uma decisão, bem como as vantagens gerais e específicas que para Angola poderão advir do estabelecimento de uma reserva, em divisas estrangeiras, de 20 por cento do valor do café a exportar em regime condicional, colocada sob o «controle» conjunto do país membro e do director executivo daquela organização, para ser utilizada em planos de diversificação de culturas, entendendo o Governo que a satisfação do correspondente ónus deverá ser concretizada pela participação, em numerário, quer dos sectores privados interessados, quer do próprio sector publico.

A obtenção dos recursos para o novo fundo

Desta maneira, a comparticipação do sector publico para a realização do suporte financeiro referido consistirá numa quantia equivalente às

Na Assembleia Nacional prosseguiu hoje o debate acerca do parecer

sobre as contas públicas de 1965

Na ordem do dia da sessão de hoje da Assembleia Nacional, a que presidiu o prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos drs. Cid Proença e Mário Bento, prosseguiu o debate acerca do parecer sobre as contas publicas da gerência de 1965, que só deve terminar na próxima quarta-feira.

Falaram a sr.ª D. Custódia Lopes e os srs. drs. Elísio Pimenta e Artur Alves Moreira.

Este ultimo deputado — que é, também, presidente da Camara Municipal de Aveiro — começou por afirmar que, da análise geral daquelas contas, resalta claramente ao nosso espirito «o equilíbrio da gestão dos dinheiros publicos, que permitiu, não só terminar com um saldo positivo, mas, também, e esta nota nunca será de mais acentuar devidamente, liquidar 4 155 650 contos com os encargos das forças militares em Africa, imprescindíveis baluartes da defesa da nossa legi-

timidade quanto á posse, para todo o sempre, de património territorial e histórico, que não merece a menor contestação perante a justiça e a moral, e que os nossos direitos farão prevalecer, apesar das arremetidas dos ventos da história e da instabilidade e maldade dos homens».

Confinou a sua apreciação á rubrica das Obras Publicas, e, nesta ainda, somente aos dinheiros gastos em 1965 com melhoramentos no distrito de Aveiro, e, muito particularmente, aos despendidos com as estradas nacionais e pontes.

Salientou estes aspectos: — Analisando o mapa comparativo das verbas concedidas e dos subsídios do Estado, pelos 18 distritos do continente, conclui-se que o distrito de Aveiro recebeu, para melhoramentos, durante o ano de 1965, 12 138 contos, o que o coloca numa modesta 16.ª posição, e, se retrocedermos no tempo, considerando o ultimo período de 21 anos, como se verifica noutro quadro analítico, constante do documento em apreciação, verifica-se que os benefícios recebidos ascendem a 183 448 contos, correspondentes a uma 10.ª posição, também abaixo do meio da tabela.

Observou, porém, que, no período decorrido entre 1946 e 1965, Aveiro teve melhor posição quanto a obras no sector de pontes, pois, aos 6050 contos de obras de conservação e reparação, haverá que acrescentar 33 567 contos despendidos em novas construções das quais se destaca, como unica de vulto feita no distrito, a Ponte de Varela, inaugurada pelo Chefe do Estado.

Aquele deputado fez votos para que se efectuem os seguintes melhoramentos: acessos eficientes á cidade de Aveiro e zona portuária; construção da estrada Aveiro-Murtosa, construção das pontes da Barra, de S. Jacinto e da Rata; e de um modo geral, melhoria de toda a rede viária do distrito, toda eia a merecer atenção proporcional ao valor da área que serve e da sua integração nas ligações com os distritos vizinhos».

Antes da ordem do dia

No período de antes da ordem do dia, falaram os seguintes deputados: prof. André Navarro, sobre o ordenamento agrário; Horácio Silva, do problema das transferências de Angola; dr. Peres Claro, acerca do imposto «ad valorem» no porto de Setúbal; dr. Pinto de Mesquita, que se ocupou de problemas de turismo e da região do Douro; eng.º Sousa Magalhães, sobre a industria têxtil; e eng.º Coelho Jordão, que abordou o problema do sal.

VIDA SOCIAL

EMBAIXADA DO JAPÃO

O embaixador do Japão e a senhora Yasusuke Katsuno, acompanhados por sua gentil filha, ofereceram ontem uma recepção para proporcionar aos seus convidados a projecção de dois filmes a cores sobre aquele prodigioso país — um que atesta o notável avanço da técnica e da ciência e outro que documenta as suas fascinantes belezas naturais e a modelar organização turística.

Finda a exhibição, que a assistência sublinhou com prolongados aplausos, os embaixadores do Ja-

pão ofereceram aos seus convidados um jantar em que abundavam as iguarias da mais típica cozinha japonesa, acompanhadas pelo sabroso licor de arroz e por outras agradáveis bebidas.

ENTREGA DA LEGIAO DE HONRA NA EMBAIXADA DE FRANÇA

Amanhã, ao meio-dia, o embaixador de França, conde François de Rose, procederá á entrega da comenda da Legião de Honra ao prof. dr. António da Ilveira, presidente do Instituto de Alta Cultura.

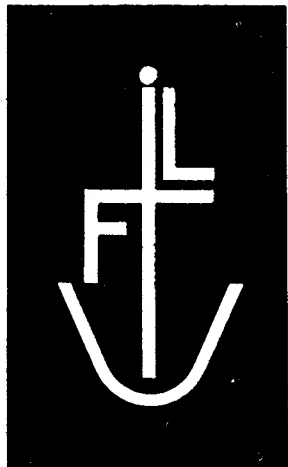
LOTES

PARA MORADIAS EM CASCAIS
PREÇOS DESDE 50 CONTOS

ÓTIMA SITUAÇÃO, JUNTO DO CONJUNTO TURISTICO E O AERÓDROMO DE TIRES, BEM SERVIDO DE TRANSPORTES COLECTIVOS PARA AS PRAIAS DE SANTO AMARO, CARCAVELOS, PAREDE, ESTORIL, CASCAIS, ETC.

PROP. BARAONA & BARAONA

Estrada Marginal, Lote J. M. E.-2.º C — CASCAIS
Tel. 28 23 45 e 28 23 88



NAUTICAMPO-I

(Durante apenas 4 dias)

VEJA NA FEIRA INTERNACIONAL
UMA ESPECTACULAR DEMONSTRAÇÃO DE
EQUIPAMENTO PARA RECREIO AO AR LIVRE
DOS SECTORES NÁUTICO, AERONÁUTICO
E DE CAMPISMO

Preço de entrada 5\$00

Horário normal dias úteis - das 17 às 24 horas
sábado e domingo - das 15 às 24 horas

Ora, diga-nos...

—Gosta de viver em Coimbra?



• Desta feita, o nosso «Ora, diga-nos...» foi até Coimbra. Terra de múltiplos encantos — só quem aí viveu, e, sobretudo, aí fez a sua vida de estudante, o pode avaliar completamente — a capital do Mondego é uma cidade onde, sob diversos aspectos, aparece viver. Mas...

Foi sob este aspecto que iniciou a nossa pergunta, à qual começou por responder António Paulo Santiago Jorge, aluno de Direito: — Gosto de viver em Coimbra, até porque a cidade é pequena e a «malta» conhece-se toda — o que, é claro, também tem alguns inconvenientes.

E depois acrescentou, respondendo a uma outra pergunta: — Sou da Mealhada, mas estou em Coimbra há uns dez anos — já aqui fiz o liceu. Porém, desde que entrei para a Universidade até agora noto uma grande diferença. A cidade é uma beleza, paisagisticamente. É pena haver tanto calor... e tanto frio...

• Depois, foi uma aluna da Faculdade de Letras, do 8.º grupo, Maria Fernanda Teixeira de Campos (natural de Viseu), que nos disse: — Inicialmente, no 1.º ano, gostava muito de viver em Coimbra. Depois, comecei a conhecer melhor o ambiente e vi que a camaradagem não era tão tanta como imaginava e o ambiente não era o melhor para o estudo.



— Por último, foi Pedro António Lopes Monteiro, grêlo de Ciências, que respondeu imediatamente à nossa pergunta. Afirmou-nos: — Sou do Fundão mas estou em Coimbra há dez anos, para onde vim no 7.º ano do liceu. Gostei muito de viver aqui, sobretudo no princípio. A cidade tinha para mim um certo sortilégio.



— tinha para mim um certo sortilégio.

Menor desaparecido

Na segunda-feira passada desapareceu de casa de seus pais o menor Carlos Alberto Lopes Nunes, de 15 anos.

O jovem, que estava empregado na Fábrica de Material de Guerra, frequentava à noite o curso industrial na Escola Afonso Domingues.

Vestia fato preto e camisola verde-escura e usava sapatos pretos.

Os pais aflitos, agradecem a quem o encontrar o favor de telefonar para 710461.

Mercês honoríficas

Foram agraciados: com a Ordem Militar de Avis, o brigadeiro Rui Santos Dias, grande-oficial; e o tenente-coronel Rui Soares de Carvalho, cavaleiro; com a Ordem Militar de Cristo, o prof. dr. Manuel Paulo Moreira, grã-cruz; com a Ordem do Infante D. Henrique, Peter Maier-Oswald, de nacionalidade alemã, cavaleiro; com a Ordem da Benemerência, a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto de Azevedo, comendador; e o eng.º José Pinto de Oliveira, oficial; com a Ordem do Mérito Agrícola e Industrial (Classe do mérito agrícola), o eng.º Joaquim Paiva Caldeira, comendador; (Classe do mérito industrial), grande-oficial, o eng.º Rogério Augusto Cavaca e o dr. Carlos Ferreira Madeira Cacho; comendador, o dr. José Luís da Câmara de Saldanha, eng.º Fernando Henrique Marques Videira e João Dinis Ferreira; dr. Julio Pistacchini Galvão e eng.º Claudino Martins Vicente e José de Lacerda Pereira e Sousa; oficial, Cristino da Conceição Fernandes, e com a medalha, José Rosa Pinto, João Maria Barbas Cardoso, Fernando José Bilé, Deolindo dos Santos Cruz, Silvio Martins e D. Georgette de Almeida Ribeiro.

Aniversário dos Laboratórios Medicamenta

Reuniram-se, num restaurante da capital, todos os colaboradores dos Laboratórios Medicamenta, para festejarem o 4.º aniversário da firma, na sua gerência actual.

Presidiu ao almoço o administrador, sr. A. Diogo Bravo.

No final, vários oradores puseram em relevo o progresso da empresa, devido à colaboração entre todos os seus membros.

O sr. A. Diogo Bravo agradeceu, muito sensibilizado, a homenagem que lhe prestou o seu pessoal, traduzida na oferta de uma placa comemorativa, e felicitou todos os presentes pela sua actividade, à qual se fica devendo a situação próspera da Medicamenta.

Pereceu num naufrágio em Janeiro último mas só se soube agora



Joaquim de Sousa

Em Marselha, conseguiu embarcar como tripulante de um cargueiro israelita, propriedade da firma Hashosha C. L.º. Ohfir Jaffa Road, 19 Haifa — Israel. E tudo corria bem, até à sua última carta de Novembro passado. Depois, silêncio.

Volvidos quatro meses, a esposa, sr.ª D. Maria Francisca Baptista de Sousa, tocada por maus pressentimentos, pediu à empresa armadora notícias do marido, e só então a verdade — retardada não se compreende porque — chegou ao seu conhecimento: o barco afundara-se algures na costa de Itália, em Janeiro passado, e com ele desaparecera o infeliz pescador fusetense, que contava 27 anos de idade. Mais 21 homens, quase todos de nacionalidade grega, pereceram no naufrágio.

A ausência da comunicação do falecimento do Joaquim da Conceição de Sousa à família não estará, de certo modo, a denunciar a intenção de fugir a obrigações para com a viúva e a filhinha de 3 anos de idade, que deixa ao desamparo?

A Gulbenkian deu trezentos contos para a construção de um jardim-escola em Moimenta da Beira

MOIMENTA DA BEIRA, 16 — Desde Outubro findo que, por iniciativa do pároco desta vila, p.º António Bento da Guia, funciona pela primeira vez em Moimenta da Beira um jardim-escola infantil, proficentemente dirigido pela educadora sr.ª D. Maria Virgínia Barbosa de Magalhães. Vinte e duas crianças, de todas as classes sociais, dos três aos seis anos de idade, recebem ali carinhosamente as primeiras noções e convivem alegremente umas com as outras, nutrido a maior simpatia pela sua professora.

As instalações, onde provisoriamente funciona o jardim-escola, amavelmente cedidas pelo exterior local, não dispõem, porém, das condições requeridas por tão delicada missão. Foram, por isso, enviados esforços pela Câmara no sentido de vir a ser construída casa própria. Para esse efeito, a Fundação Gulbenkian concedeu a verba de 300 contos, para a compra do terreno e a construção do edifício destinado ao referido Jardim-Escola, que será o primeiro numa vasta rede de concelhos que, infelizmente, não dispõem ainda desse indispensável meio de educação das crianças, numa etapa tão delicada da sua vida.

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

Um automóvel despistou-se e partiu três árvores indo chocar com um carro estacionado

Esta manhã, deu-se um desastre de viação em condições invulgares: um automóvel, conduzido pelo sr. José Alberto da Cunha Oliveira, morador na Estrada de Benfica, 492-B, r/c 1.º e em que seguia a artista de variedades brasileira Ana Teresa Lima Cirne, de 21 anos, residente na Avenida Almirante Reis, 98, 6.º, esq., quando, cerca das 6 horas, passava na Avenida Rovisco Pais, despistou-se, chocou com três árvores, que partiu, indo embater com um carro que se encontrava estacionado, danificando-o seriamente.

O dono do último, Manuel Pires, motorista dos Hospitais Cívicos de Lisboa, proprietário de um lugar de hortaliça no n.º 32 daquela artéria, ouvindo o ruído do choque, saiu para a rua, e, convencendo-se de que os ocupantes do veículo causador do desastre se preparavam para fugir, puxou de uma pistola e intimou-os a ficarem.

Verificando que aquela artista estava ferida no rosto, seguiu com ela e com o condutor para o Hospital de S. José, onde ela recebeu tratamento. Depois seguiram para o posto da P. S. P. do Arco do Cego.

• Na Rua Garcia da Orta os candeeiros de iluminação pública jogam às escondidas com moradores e transeuntes. Acendem, apagam, acendem, para depois se apagarem de novo, e por largas horas. A avaria (pequena) não será remediável com carácter definitivo?

• Os utentes da carreira de eléctricos

Perguntar por perguntar

n.º 24 (Praça do Chile-Carmo) percorrem diariamente um dos trajectos mais morosos da cidade. Há quem se eternize em Campolide durante vinte, vinte e cinco minutos: a ver passar os eléctricos (cheios). E não é tudo.

Nas Amoreiras há depois a longa espera de uma «aberta» dos semáforos ou do sinaliro. Tinha-se pressa em chegar ao Carmo, a tempo do emprego — e chega-se quando o relógio de ponto já avançou para lá do limite decente. Não haverá meio de acudir por outra forma aos interesses da população trabalhadora de Campolide?

PÁSCOA NO ALGARVE

Aproveite as

CONDIÇÕES ESPECIAIS

DAS RESIDÊNCIAS «AQUAZUL»

LAGOS — Conjunto Turístico «Rossio da Trindade»

APARTAMENTOS MODERNOS
DEVIDAMENTE EQUIPADOS

Pequenos
100\$00

Médios
200\$00
diários

Grandes
300\$00

A 300 METROS DA PRAIA DA D. ANA.
A 1 KM DA PRAIA DE PORTO DE MÓS E A 6 KM DA PRAIA DA LUZ.
DESLUMBRANTE PANORAMA SOBRE A BAÍA E A SERRA DE MONCHIQUE.



Aquazul

Investimentos Turísticos e Hoteleiros, S. A. R. L.

LAGOS: Rossio da Trindade

LISBOA: Av. Duque de Loulé, 47-5.º-Dt.º
Tel. 538595-6-7

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 52-2.º
Tel. 34703

TRÂNSITO VEDADO EM ALGUMAS ARTÉRIAS

O Município de Lisboa determinou que um troço da Rua dos Acores, entre as ruas Visconde de Santarém e do Funchal, vai ser vedado ao trânsito de veículos, para se dar começo à concretização da urbanização daquela zona.

A fim de se proceder a trabalhos de demolição, foram, hoje, vedados ao trânsito de veículos, e durante 15 dias, a Travessa do Socorro e um troço da Rua do Arco da Graça, entre a Calçada do Jogo da Pela e a Travessa do Colégio.

Um guarda da P. S. P. colhido por um «jeep»

O guarda da Polícia de Segurança Pública, António Ferreira Romano, de 41 anos, em serviço na Administração-Geral do Porto de Lisboa, residente na Travessa do Rosário, 10, 1.º, direito, foi colhido, no Terreiro do Paço, por um «jeep» da Polícia Militar.

Sofreu um ferimento na cabeça, recolhendo à sala de observações do Hospital de S. José.

«Amigos de Lisboa»

Os «Amigos de Lisboa» promovem domingo um passeio, para os seus associados, à Serra da Estrela, onde poderão passar um dia de sol sobre a neve. A inscrição faz-se na sede do grupo durante as horas do expediente.

QUEM PERDEU ?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma máquina fotográfica; um embrulho com roupa; umas luvas de senhora; um embrulho com pacotes de café; uma bolsa de prata com dinheiro; uma carteira com documentos de António Fagaga; um cartão passado a favor de Ana Paula Eugénia Esteves; uma caderneta de passagem na Alfândega, em nome de José António Pires; um porta-moedas com espelho; uma capa para senhora; uma mala com o bilhete de identidade de Albertina de Jesus Rato Flores; um pequeno manípulo de metal; um sapatinho de criança; um tampão de roda de automóvel; diversos outros...



a máquina de lavar
que lhe pede um 'slogan'

o 'slogan' vencedor terá como prémio uma máquina de lavar automática CANDY

'Slogan'.....

Nome.....
Morada.....

Racorte este cupão e cole-o num postal, dirigido a CANDY, apartado 1.028 - LISBOA

Devido ao grande êxito obtido por este concurso, a CANDY decidiu prorrogar o prazo da recepção dos slogans até ao dia 31/5, realizando-se o apuramento do slogan vencedor em 15 de Junho impreterivelmente.

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

SAO CARLOS

Amanhã, canta-se em S. Carlos a ópera «Um baile de Máscaras» de Verdi

O Teatro Nacional de S. Carlos, em prosseguimento da sua Temporada de Ópera de 1967, apresenta amanhã, pelos 21 e 15, a ópera «Um Baile de Máscaras» de Verdi, dirigida pelo grande maestro Oliviero de Fabritis, que conduz a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, e interpretada por um grandioso elenco: Emma Renzi, Helena Claudio, Renato Gioi, Renato Cappuccilli e Silvano Pagliuca nos principais papéis e, ainda, Anna Gasparini, Manuel Leitão, Carlos Fonseca, José Afonso e Manuel Dias da Silva. A encenação é de Augusto Cardo e no espectáculo colaboram ainda: o Centro de Estudos de Bailado do I. A. C. sob a direcção coreográfica de Anna Ivanova e

David Boswell, o Coro do Teatro de S. Carlos que foi ensaiado pelos maestros Pellegrini e Pasquali e mestre Alfredo Funga, autor dos cenários.

ABC

«Sete Colinas», a revista onde Lisboa é cantada a sorrir

«Sete Colinas» é o espectáculo que faltava. Uma revista moderna, alegre e colorida. Produzida por José Miguel e escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e musicada por João Nobre e Ferrer Trindade, «Sete Colinas» é a revista onde Lisboa é cantada a sorrir. Carlos Alberto anima a coreografia e Mário Alberto desenhou os figurinos e dirigiu a montagem. A encenação pertence a César de Oliveira e o elenco é deveras valioso. Destaca-se Ivone Silva, Prémio Imorensa-66, Artur Semedo, Leô-

nia Mendes, Óscar Acúrsio, Lurdes Lima, Henrique Viana, as atracções Artur Garcia e Helena Tavares e, ainda, Guida de Cano, Tânia Mota, Carlos Gonçalves, Fernanda Rodrigues e Elisabete Maria.

TEATRO VILLARET

Um espectáculo de morrer a rir: «Assassinos associados»
Estreou-se no passado sábado a mais

divertida comédia do ano: «Assassinos associados», interpretada por Raul Solnado (o mais criminoso), Madalena Sotta, Barroso, Fernanda Borsatti, Cortês, Angela Ribeiro, Nicolau Breyner e Júlia Baba. «Assassinos associados», uma alegre história onde tudo mata, minha gente, tem direcção de João Bethencourt, cenário de Vítor André, tradução de Cortês e João Bethencourt e é original do francês Robert Thomas.

Sangue, suor e gargalhadas, muitos, eis o que se adivinha neste alegre espectáculo de Raul Solnado.

CAPITOLIO

A graça da revista «Quem tem boca vai a Roma!»

As mais belas mulheres estão presentes na revista moderna «Quem tem boca vai a Roma!», texto de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha.

Continua na 6.ª página

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

JEAN MARAIS

na culminância duma carreira sem paralelo, ídolo insubstituível das multidões, interpreta agora a figura extraordinária de Simon Templair, dito «O SANTO»



As aventuras de «O Santo»

(LE SAINT PREND L'AFFUT)



Um filme fulgurante de **CHRISTIAN-JAQUE**

com JESS HANN • DANIELLE EVENOU em EASTMANCOLOR

CONDES AMANHÃ

Dialogos de HENRI JEANSON Baseado no livro de LESLIE CHARTERIS

Maiores de 12 anos

O GRANDE ESPECTÁCULO DAS FÉRIAS!

Hotel do Pinhal—Ofir

No litoral minhoto, a mais bela região de Portugal — Jardim verde, mar azul, areias brancas

BANQUETES E CASAMENTOS ATÉ 700 PESSOAS NUM SÓ SALÃO

Telef. 89473/4 Esposende



A PARAMOUNT APRESENTA UM FILME UNIVERSAL INTERNATIONAL

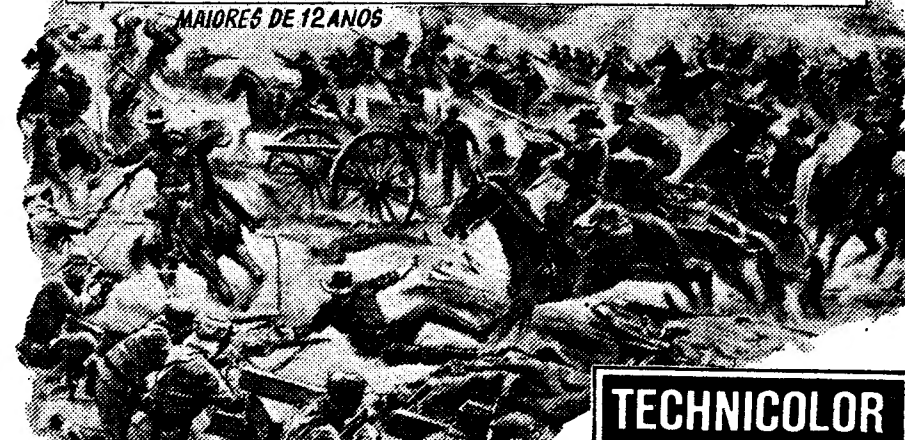
TAL COMO GIGANTES, OS ORGULHOSOS ANDERSON ENFRENTARAM O PODERIO DE DOIS EXÉRCITOS CONTENDORES E RESPONDERAM AO DESAFIO COM A SUA CORAGEM, MAIS FORTE QUE OS CANHÕES!



JAMES STEWART

O VALE DA HONRA

MAIORES DE 12 ANOS



TECHNICOLOR

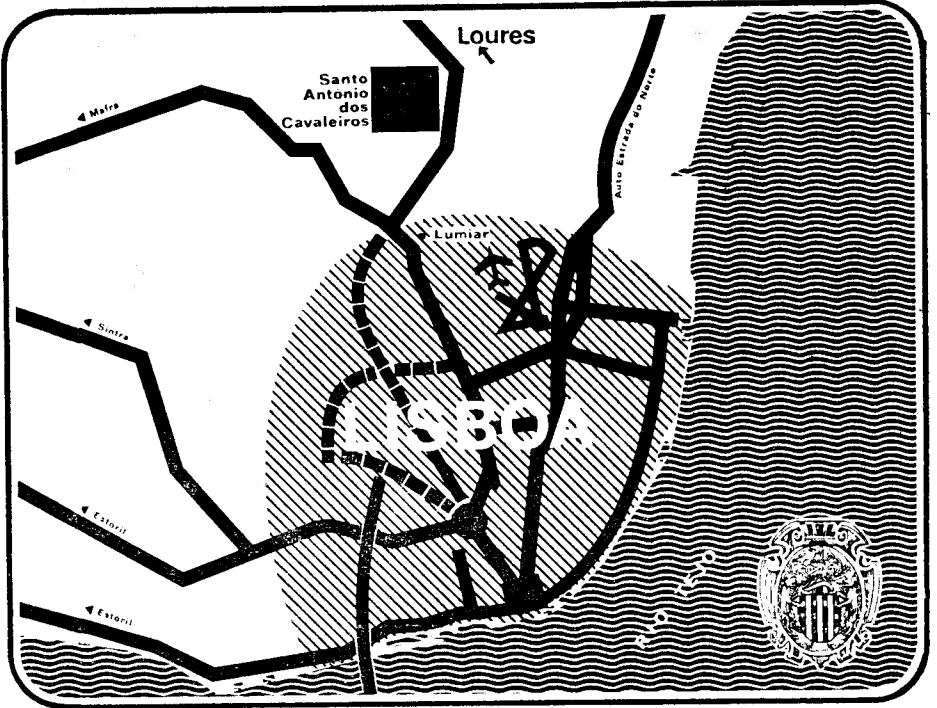
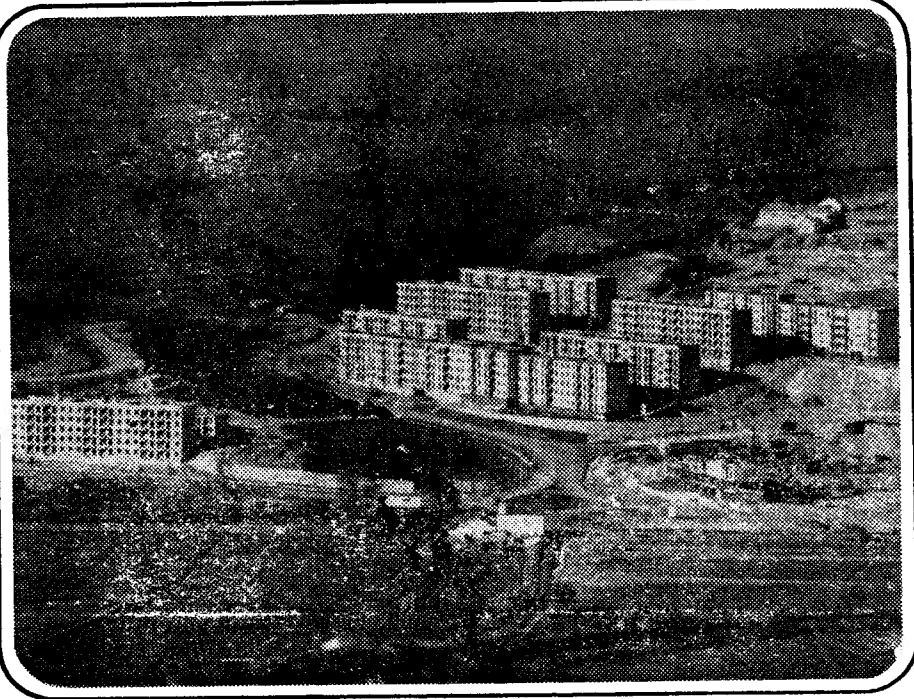
COM DOUG McCLURE • GLENN CORBETT • PATRICK WAYNE KATHARINE ROSS E ROSEMARY FORSYTH PHILLIP ALFORD • PAUL FIX • JAMES BEST Argumento JAMES LEE BARRETT • Realiz. ANDREW V. McLAGLEN • Produtor ROBERT ARTHUR

AMANHÃ O GRANDE FILME DA PÁSCOA NO EDEN e no EUROPA

MÉDICO

De clínica geral, para Angola, com Curso de Medicina Tropical ou que tenha feito serviço militar nesta província ultramarina. Resp. com elementos de identificação, agregado familiar e curriculum vitae à Rua Luz Soriano, 44, ao n.º 100.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS



No parque residencial de Santo António dos Cavaleiros um grande volume de construções já realizado e prototipos mobilados, patentes ao público, facultam uma apreciação perfeita dos diferentes tipos de habitação para venda em propriedade horizontal. Na Sede da Icesa, uma exposição de maquetes e fotos permite um conhecimento mais desenvolvido do plano urbanístico e da dimensão do empreendimento.

Em ambos os locais, pessoal devidamente habilitado prestará as informações necessárias e aceitará inscrições.

HORÁRIO DAS VISITAS

EM STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

DIAS ÚTEIS:

10h. às 13,30h./15,30h. às 19 h.

DOMINGOS:

10,30h. às 12,30h./14,30h. às 19 h.

NA SEDE DA ICESA

DIAS ÚTEIS:

9h. às 13h. / 14,30h. às 20h.

SÁBADOS:

9h. às 13h.

ICESA INDÚSTRIAS DE CONSTRUÇÃO E EMPREENDIMENTOS, S.A.R.L. • Av. D. Carlos I, 42 • Serviços Comerciais, 4º andar • Telef. 676121/6

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

NOITE DE TEATRO — Odette de Saint-Maurice tirou da sua bem fornecida prateleira mais uma peça cor-de-rosa. Intituiu-a «As duas faces do amor» e justificou o rótulo com as seguintes palavras: «Por mais estranho que te pareça, os direitos dos filhos nada têm a ver com os direitos dos pais. E' que a vida dos filhos fez-se para continuar além, e a dos pais param quando começa a dos filhos: são as duas faces do amor...»

Esta pobreza de palavras «brilhantes» devia permanecer ao longo de toda a peça, ou envolta com um excesso de gordura que nenhuma dieta, por mais rigorosa, conseguisse diminuir.

Já que estamos no domínio das palavras, vou dar-me ao trabalho de transcrever um breve trecho. E já evitarei, depois, falar em falsidade, em literatice, em verborreia insuportável. O leitor que me desculpe, mas isto é só para depois não vir dizer que eu que digo, que faço, que aconteço — eu, carregado de veneno, invejoso das glórias literárias desta abençoada terra!

«O amor tem sempre duas faces, disse eu há pouco à Carolina. A primeira obriga-nos a abandonar tudo o que é perfeito, sacrificando honra, nome, família, até ficarmos absolutamente sem nada, ou melhor, às escuras, perdida nos atalhos cheios de pedras e lama — e não conseguimos sair se a outra face não nos sorrir. A luz secou e a lama. Pétalas de flores cobriram as pedras, etc.»

Fol assim. Sempre assim. Não faltaram «as raparigas cheias de ilusões», «algo de terrível está prestes a acontecer», «enquanto os olhos não se abrem não se vê nada», «essa grande vertente da vida virada ao sul», «as nuvens no azul do céu...». E estas palavras ponho-as aqui porque, na sua vacuidade, na sua falsidade reflectem-se a falsidade e a vacuidade de tudo o mais.

Certos fabricantes mal amanhados de subliteraturas acreditam que basta pintar a parede cor-de-rosa

para que logo a vida se torne da mesma cor. Orientam-se por lugares-comuns mais ou menos bem estabelecidos, mais ou menos bem recebidos em certos meios, crentes de que estão a fazer poesia, moral, optimismo, b. d., m. b. d. o «bom dia, muito bom dia» dos antigos programas da manhã da Emissora Nacional.

Para a autora da peça de ontem, «aos 20 anos não há nem duvidas, nem sombras, nem receios. Não se vêem as duvidas, as sombras, os receios. Os caminhos estão todos abertos e os tempos de hoje eternizam-se. E mesmo que o sonho não vá avante, a vida continua».

Só um espírito absolutamente opido pode subscrever semelhantes palavras. Um espírito que paire sobre as nuvens, completamente afastado do chão que os homens pisam...

Com este pressuposto sobre a juventude pode construir-se a literatura mais falsa que se quiser. E com «As duas faces do amor» estamos em presença de como um problema se escamoteia, de como a pregãozinha de moral se torna imoral mesmo...

Repárese. Mónica tem uma filha. A filha namora o Artur. Querem casar, mas os pais dele não concordam visto que Mónica, em sua juventude, fora uma leviana e eles temem que a «tara» da mãe seja hereditária... Aliás, Mónica até parece uma mulher prendada e sensível. Em certos momentos mais apertados vai lá fora fazer o seu chopinzinho.

HOJE PODE VER..

• As 22 e 25: Variedades

As variedades de hoje são preenchidas com a apresentação de um programa produzido pela BBC para a Eurovisão. Neste programa colaboram Derek Dene (cómico), Petals Munro (cantora), Fred Enem (mimo-cómico pianista), «The Seven Ashtons» (malabaristas), Alfred Marks (cantor) e actores do teatro «Playaer's», que cantarão algumas das mais famosas canções «Cokney». A apresentação está a cargo de Leonard Sachs e a orquestra é dirigida por Bernard Herrmann.

Iremos nós assistir a uma atitude firme dos jovens? Aquele Artur vai enfrentar os preconceitos familiares e desposar a Carolinazinha, coitada, que é um anjo de candura e de palermice?

Não. Tudo se resolve sem chegarmos a esses extremos. Afinal, Carolina não é filha da mãe. Fora o pai dela que a entregara a Mónica, com a idade de dois anos. Assim se salvam os preconceitos, salvam-se o Artur e a Carolina, que é um anjo, e nada pobre, pelo contrário, tem até, por parte do pai, o seu pecúlio bem bom...

Estamos pois no melhor dos mundos, a imaginação saint-mauriciense vela para evitar todas as convulsões sociais, de desfecho sempre imprevisível. Vá, quietinhos, sossegadinhos, a gata borralheira é princesa, tão bom...

A vacuidade desta peça propaganda-se ao trabalho dos intérpretes: uma Dalila Rocha apagada, monótona, engasgada, uma Mariana Vilar a um nível de escolaridade elementaríssima, um João Lourenço pesado como chumbo, um Rodolfo Neves sem nada para nos dar e sem saber, aflitíssimo, como há-de fingir que tem... Lamentável ver todos estes actores aos quais já seria de exigir alguma coisa agirem ao nível dos principiantes menos caçados, submetidos a uma direcção (?) deficientíssima.

Assim vão as noites de teatro. Assim vão ao fundo, quero eu dizer. — M. C.

Principiou em Coimbra o IX Ciclo de Teatro organizado pelo C. I. T. A. C.

O Ciclo de Teatro, organizado pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (C. I. T. A. C.), é já uma manifestação cultural que, pelas raízes criadas, e, sobretudo, pelo seu grande interesse e significado, aquela cidade universitária não pode dispensar. E, digamos mais: que o próprio teatro português não pode dispensar.

Com efeito, o ciclo transformou-

MAURICE BÉJART NA ÓPERA DE PARIS

Parece que o actual «maitre de ballet» da Ópera de Paris, Michel Descombey, talvez um pouco assustado pelos clamores que se levantam contra a acção balética dos dois teatros de Estado e, porventura, contra o seu próprio trabalho, está a lançar mão do nome e do talento prestigioso de Maurice Béjart, que nunca deixou de estar em foco na dança francesa mas subiu de novo a primeiro plano com a recente estreia em Paris do seu «Romeu e Julieta».

Pois Béjart está a ver na Ópera sucessivos bailados seus, entre os quais se destaca a sua última coreografia, uma obra sobre o «concerto opus 8», de Webern.

A obra será dançada por Jacqueline Rayet e Jean-Pierre Bonnefous, este último a seguir os ensaios com um braço engessado, pois sofreu há pouco tempo um desastre de automóvel, que o tem impossibilitado de trabalhar nos últimos tempos em boas condições.

O novo «pas-de-deux» de Béjart será estreado na Ópera nos finais do mês.

se numa espécie de pequeno festival do teatro português — melhor (e pior...): do teatro que é possível representar em Portugal, em que anualmente, no decorrer de quase uma década, se apresentam as nossas melhores companhias — incluindo, entre estas, as dos grupos estudantis. E não deve haver encenador, actriz ou actor que não recorde como um ponto alto da sua carreira os aplausos vibrantes de um publico sobretudo jovem, e com uma formação teatral muito superior à que vulgarmente existe entre nós, graças à notável acção desenvolvida vai já para 30 anos pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (T. E. U. C.), e, de há 10 anos a esta parte, pelo C. I. T. A. C. Como também haverá quem se recorde de uma pataada justa, a sublinhar sadicamente o que os estudantes e a juventude recusam...

Pois, começou mais uma edição do Ciclo de Teatro — a nona. Num Teatro Avandia cheio — ainda não é desta feita que o ciclo se efectua no teatro académico «Gil Vicente» — houve o ambiente próprio destes momentos. Como é costume, falou o presidente da direcção do C. I. T. A. C., o estudante Jorge Strecht Ribeiro, que lembrou as posições de princípio sempre defendidas pelo organismo, e que ainda recentemente tinham sido postas em destaque, durante as comemorações dos 10 anos de actividade do Círculo. Agradeceu o habitual subsídio da Fundação Gulbenkian — a que desde o início, se deve uma fundamental ajuda — e esta importante iniciativa — e às companhias que estarão presentes em Coimbra. E terminou por realçar a importância de que o ciclo de

(Continua na 2ª página)

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

musica de João Nobre e Carlos Dias e montagem de Hernani e Rui Martins. Em paradas de figuras, «Quem tem boca vai a Roma!» patenteia Eugénio Salvador, José Viana, Lígia Teles, Mariema, Helena Vieira e Luís Horta, as atracções internacionais Ana Monica, Vicky e The Roller's Stars, as jovens artistas Linda Silva e Palmira Ferreira, os magníficos actores cómicos Vítor Mendes e Mariano Franco,

as prometedoras discípulas Simone Maria, Odete Antunes, Maria Antónia e Gina Loureiro e, ainda, um enquadramento de trinta bailarinas de extraordinária e irradiante juventude.

Com figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos «ateliers» Paiva, coreografia de Mariano Franco, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador, a revista «Quem tem boca vai a Roma!» permanece no cartaz como o mais retumbante triunfo de toda a temporada artística de Lisboa!

ROMA

«Bate primeiro, Freddy!»

O cinema dinamarquês está a progredir de ano para ano. Depois de «3 raparigas em Paris», «Gertrudes» e «Escola de bem gozar a vida», aparece-nos agora «Bate primeiro, Freddy!», originalíssima paródia de Erik Balling aos filmes de espionagem e contra-espionagem, agora tanto em moda...

Fotografado em estupendo «eastman-color», e apresentado em versão inglesa, o actual programa do Roma contém múltiplos motivos de interesse para captar a atenção do público durante cerca de duas horas. Ao contrário dos seus «congéneres», nesta história a emoção traduz-se em imprevisível e o trágico transforma-se em luto motivo para as mais sonoras gargalhadas!

Morsen Grounwald, Ove Sprege, Martin Hansen e a insinuante Essy Person são os principais intérpretes do movimen-

tado e «diabólico» conflito de «Bate primeiro, Freddy!», cuja brilhante carreira está a causar a mais justificada sensação! O público, levado pela surpreendente originalidade do tema, e pelas desconcertantes situações em que se envolvem «maus» e «bons», diverte-se como nunca com este novo programa, e é o primeiro a recomendá-lo sem favor...

«Bate primeiro, Freddy!» pode, no seu género, considerar-se dos mais válidos e gozados filmes apresentados esta temporada em Lisboa!

MUNDIAL

O êxito da comédia «Adulterio à italiana»

O público confirmou o êxito do filme «Adulterio à italiana», a melhor comédia do ano. Espectáculo alegre, que é, ao mesmo tempo, um filme de excelente nível, entra em 4.ª semana de exibição no cinema Mundial, confirmando uma carreira notável traduzida por sucessivas enchentes, pois Lisboa não quer perder uma comédia deliciosa que comenta um lado sério da vida de todos os casais de um modo fresco, malicioso, divertido. «Adulterio à italiana» trata-se, na verdade, de uma comédia fora de série, que merece ser vista e comentada por todos os mulheres e também por todos os homens, na medida em que ela nos apresenta o mais risinho trepidante e imaginoso «adulterio». Filme pleno de humor e de moderna fantasia e vivacidade, espectáculo fabuloso de riso, malicioso e luxuosamente encenado. Nele brilham a beleza vulgar e a elegância de Catherine Spaak e Maria Grazia Buccella, bem como a versatilidade cômica de Nino Manfredi, sem dúvida um dos mais populares artistas do riso de Itália.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Inferno no Pacífico» no Coliseu

A estreia de ontem, no Coliseu dos Recreios, revela-nos, com autenticidade e sem artifícios, os momentos emocionantes, trágicos, terríveis ou de heróico sacrifício da guerra no Pacífico, desde o ataque a Pearl Harbour até à reconquista das Filipinas.

«Inferno no Pacífico» é, efectivamente, uma visão de impressionante realismo, documental e autêntica, onde a guerra perde toda a sua teatralidade e nos oferece a verdadeira face. Filmes dos serviços do Exército Americano e filmes apanhados aos japoneses permitiram dar ao público esta epó-

(Continua na 8.ª página)

...CINEMA MODERNO, DESPIDO DE COMPLEXOS E RECALCAMENTOS, «UM HOMEM E UMA MULHER» É ACONTECIMENTO NO CINEMA DOS NOSSOS DIAS...

«LE FILM FRANÇAIS», 20-1-67

...E É, TAMBÉM, O MAIOR ACONTECIMENTO CINEMATOGRAFICO DA TEMPORADA EM PORTUGAL!!!

PRESTES A ATINGIR 150 000 ESPECTADORES ENTRA EM

6^A SEMANA

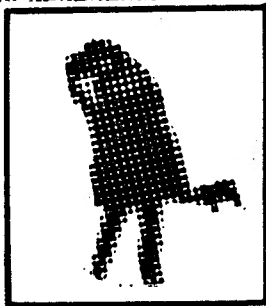
NO CINEMA



A FASCINANTE REALIZAÇÃO DE CLAUDE LELOUCH

COM

anouk aïmeé
jean-louis trintignant
pierre barouh



ADULTOS

um homem e uma mulher

(un homme et une femme)



GRANDE PRÉMIO DE CANNES
PRÉMIO ESPECIAL DA O. C. I. C.
GRANDE PRÉMIO DA COMISS. SUP. TÉC. PARA A FOTOGRAFIA
GLOBO DE OURO DA ASSOC. DA IMPRENSA ESTRANG. DOS E. U. A.
PARA ANOUK AÏMÉE
GLOBO DE OURO PARA O MELHOR FILME ESTRANGEIRO
PROPOSTO PARA 4 «OSCARs» DA ACADEMIA

TEATRO

CAPITÓLIO

A NOITE
2 Sessões
As 20.45
e 23 horas

A ÚNICA REVISTA EM CENA!

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA!

UM ÊXITO POPULAR

EM 8.ª SEMANA

UM CARTAZ DE ESTRELAS E AS MELHORES ATRACÇÕES!
ADULTOS

COLISEU

HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)

GRANDE PROGRAMA DUPLO DE CINEMA:

«INFERNO NO PACÍFICO»

e
«DRAGÕES DA VIOLENCIA»

Sábado — à tarde e à noite

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO



Ê X I T O !

3.

S E M A N A
O AVENTUREIRO DE TAHITI

JEAN-PAUL BELMONDO

SONORO FILME
EASTMANCOLOR
TECHNISCOPE
MAIORES DE 17 ANOS

MONUMENTAL

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

AVENIDA As 21.45 horas
Tel. 320379 Adultos
Um festival de bom-humor com
a alegre peça de V. KATAIEV
O CAMARADA MIUSSOV
Sábado, às 16 horas — Tarde a
preços populares



3

ASTROS

Lino Ventura
Syla Koscina
Leo Gordon

NUM FILME DE AVENTURAS RECHEADO DE ACÇÃO !

UM IATE PARA JAMAICA

NO CENÁRIO MARAVILHOSO DAS
CARAÍBAS; HOMENS EMPENHADOS
NUMA LUTA SEM QUARTEL, ONDE
NÃO HÁ SOBREVIVENTES !



EXCLUSIVO SA
Rivus
para M/12

HOJE às 21.30 **A ESTREIA**
DO MÊS

no **POLITEAMA**

HOJE — MARAVILHOSA TARDE DE FESTA PARA CRIANÇAS!

AS 18.15 EM
ESTREIA
NO
ODEON

ROUBARAM UMA ESTRELA

UMA COMÉDIA QUE SE
RECOMENDA AOS PAIS
PARA REGALO DOS FILHOS

COM A NOVA E ENDIABRADA
«MINI-VEGETA»

ESTRELLITA

QUE DANÇA, CANTA E ENCANTA

AVENTURAS!

RISO!

CAN-
ÇÕES!

DAN-
ÇAS!

TER-
NU-
RA!

COM
SPARTACO SANTONI
ANTONIO CASAL
E A PARTICIPAÇÃO DE
MARUJITA DIAZ



BRINDE DA PÁSCOA PARA A PE-
TIZADA A QUEM
A GERÊNCIA DO
«ODEON» NUNCA
ESQUECE

EASTMANCOLOR

MAIORES 6 ANOS

Excl. de DISTRIBUIDORES REUNIDOS

SENSACIONAL ESTREIA · HOJE · ÀS 21.45 **AVIS**

EXCLUSIVO **DOPERFILME**

MAIORES DE 12 ANOS

A MAIS SINISTRA E DIABÓLICA FIGURA QUE O CINEMA APRESEN-
TOU NUM FILME DE GRANDE MISTÉRIO E ALTA «SUSPENSE»!...

O MISTERIOSO DR.
FU MANCHU

CHRISTOPHER LEE

NIGEL GREEN
JOACHIM FUCHSBERGER
KARIN DOR TSAI CHIN

JAMES ROBERTSON JUSTICE

O IMPÉRIO DO CRIME,
DO SADISMO
E DA TORTURA
PARA DOMINAR
O MUNDO!

TECHNISCOPE
TECHNICOLOR



TODO O MISTERIOSO AMBIENTE DO MUNDO ORIENTAL SERVE DE CENÁRIO A UMA EXCITANTE E TEMERÁRIA AVENTURA !

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 6.ª página)

pela de uma das mais complexas e terríveis guerras em que os homens se têm empenhado. Do programa faz parte o filme de Jeste, a cores, «Dragões da Violência», com Alan Ladd. — *Visor 96.*

«Fogo na carne», no Odeon

Os folhetins folhetinescos — pas-se a expressão: mas também uma boa obra pode ser publicada em folhetins — têm o seu público. Um grande público — infelizmente. E poder-se-ia, perfeitamente, explicar porque o que não vem para aqui não é português de pormenor, podia ser português a fita ontem estreada no Odeon. Mas é espanhola. Em eastmancolor, com muitas cântigas em fundo, e um triângulo amoroso-agrícola, com uma mulher e dois homens, um bom e outro mau, etc. Como se vê, terá o seu habitual público certo.

Falta dizer que a película se chama «Fogo na carne», é realizada por Jean Orduña e os intérpretes são Jean Pana, Svan Eory, José Moreno, Roberto Rey, Miguel Liger, Maria Paz Pardal, Elena Maria Tejeiro e Alfredo Sardo. — *Visor 987.*

ATENÇÃO

ENCONTRA-SE QUASE ESGOTADO O 1.º NÚMERO DO NOVO JORNAL ILUSTRADO

ATENÇÃO

UM JORNAL DIFERENTE

16 páginas a duas cores edição da

SCALA

(Sociedade Cooperativa de Actividades Literárias e Artísticas — S. A. C. R. L.)

PEDIDOS E INFORMAÇÕES: Restauradores 53-3.

LISBOA-2 — Telefone: 324596

TEATRO

ABC

Telef. 366745

HOJE: Às 20.45 e 23 h.

JOSÉ MIGUEL

APRESENTA

7 COLINAS

UM GRANDE ESPECTÁCULO UM SENSACIONAL ELENCO:

IVONE SILVA • ARTUR SEMEDO • LEONIA MENDES • OSCAR ACÚRCIO • LURDES LIMA • HENRIQUE VIANA e as atracções ARTUR GARCIA e HELENA TAVARES



ARTUR GARCIA

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título — «Um iate para Jamaica». **Produção** — Francesa. **Realização** — Claude Santet. **Intérpretes** — Lino Ventura, Sylva Koscina e Leo Gordon. **Género** — Aventuras. **Distribuição** — Espectáculos Rivos. **Processo** — Normal, preto e branco. **Classificação** — 12 anos.

No Avis

Título — «O misterioso dr. Fu Manchu». **Produção** — Inglesa. **Realização** — Don Sharp. **Intérpretes** — Christopher Lee, James Robertson Justice, Nigel Green, Karin Dor e Tsai Chin. **Género** — Mistério e crueldade. **Distribuição** — Doperfilme. **Processo** — «Techniscopes» e «technicolor». **Classificação** — 12 anos.

«NOITES BRANCAS»

na Casa da Comédia

Prossegue por mais uns dias, no pequeno teatro de bolso das Janelas Verdes, a carreira da apresentação do célebre conto de Fodor Dostoiévsky, «Noites Brancas» que Norberto Barroca encenou sobre versões de Maria Franco e Rachel Bastos. Nesta obra particular na vida do grande génio russo, os adeptos do grande escritor podem assistir à vida dos personagens fantásticos deste grande percurso da dramaturgia psicológica, e que Tchekov entre outros veio dar realidade, aliante que tem enchido o teatrinho da Madragoa de um público preparado para apreciar a delicadeza do texto e da interpretação que entrou no segundo mês de consecutiva exibição. Participam no espectáculo: Fernando Pires na sonoplastia, Carlos Silva Santos na luminotécnica e Laura Soveral como assistente. São intérpretes Graça Lobo, Norberto Barroca, Marta Ribeiro, Vladimir Franklin e Joaquim Cosme. O espectáculo é para maiores de 12 anos e conta com o subsídio do Fundo de Teatro.



meias Cantreice

CARÍCIA, fabricadas por  no novo «nylon» revolucionário que a DU PONT criou para o conforto e o encanto das suas pernas, são como UMA SEGUNDA PELE...

A venda nas seguintes casas de Lisboa:

CASA RODA
CASA RIO DE JANEIRO
CASA TORRE EIFFEL
ESTABELECIMENTOS ANA PAULA
MODAS AUREA
MARTINS & LOPES, LDA.
RAMIRO LEÃO & C.ª LDA.
TECIDOS DE SANTA JUSTA

Marca registada da Du Pont

O IX Ciclo de Teatro organizado pelo C. I. T. A. C.

(Continuação da 5.ª página)

teatro se reveste para os estudantes e para a cidade em geral. Em segunda, a Companhia Portuguesa de comediantes representou «O Ídolo» de Clifford Odets, tendo sido bastante aplaudida — repetindo-se o espectáculo esta noite. São as seguintes as datas dos próximos espectáculos: 4 e 5 de Abril, «Assim que passem cinco anos», de Frederico Garcia Lorca, pelo C. I. T. A. C.; 12 e 13 de Abril «O Tempo e a Ira», de John Osborne, pelo Teatro Experimental do Porto; 17 e 18 de Abril: «Bocage — Alma sem mundo», de Luzia Maria Martins, pelo Teatro Estúdio de Lisboa; 26 e 27 de Abril, «D. Quixote», de Cervantes (versão francesa de Ives Janique), pelo Teatro Experimental de Cascais; 2 e 3 de Maio, espectáculo a designar pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra («O Prometeu aguilhoado», de Esquilo), ou pelo Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa.

O C. I. T. A. C. em Lisboa

Entretanto, o C. I. T. A. C. apresentará-se pela primeira vez em Lisboa — desde que é dirigido pelo encenador argentino Victor Garcia conhecido já do público português como director do Teatro das Nações de Paris — nos próximos dias 31 de Março e 1 de Abril, pelas 18 e 30, no Tivoli. No primeiro

DISCOTECA

- Quando da sua recente estadia no Rio de Janeiro o conjunto «Os Três de Portugal» gravou uma engraçada versão de «A banda», a canção que celebrizou o jovem compositor Chico Buarque.
- Os Jograis de Lisboa, dirigidos por Carlos Silva, vão gravar um disco.
- Acompanhado pela orquestra de Jorge da Costa Pinto, o artista Horácio Reinaldo, em vésperas de partir para o estrangeiro, gravou mais um «L. P.».
- A nova etiqueta «Portugália» vai editar um «45» com fados dos artistas Maria José Vidal, Mário Rocha e Glória de Lourdes.
- Vai gravar, dentro de dias, um novo disco comercial, a artista Alice Maya.

dia representará «O grande teatro do mundo», de Calderon de la Barca, «Auto da oferta», de autor anónimo castelhano do sec. XVI, e «Auto de S. Martinho», de Gil Vicente. No segundo levará à cena (ainda antes, portanto, da sua apresentação em Coimbra) «Assim que passem cinco anos», de Frederico Garcia Lorca.

Outro «long play»

de Shegundo Galarza

O prestígio artístico de que disfruta entre nós Shegundo Galarza e o êxito alcançado pelo seu «LP» de êxitos internacionais — que há um mês se encontra à venda — está na base do lançamento de outro «long play» e este com as canções do Festival de San Remo. São trinta canções que, divididas pelas duas faces do disco, oferecem a particularidade de serem executadas sem interrupção.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- * Deve vir brevemente a Portugal a apreciada fadista Maria Teresa Quinta, uma das mais lídmas representantes da canção nacional, em terras brasileiras.
- * O Conjunto «Os Três de Portugal» actuará muito em breve num programa de televisão.
- * Foi inaugurado em Alfama mais um restaurante típico — «O País de Alfama».
- * Está a actuar no «Timpanas» a artista Isaura Alice de Carvalho.
- * É já no próximo dia 25 que se realiza, na «Voz do Operário», a festa de homenagem ao castiço cantor Fernando Maurício.
- * Estreou-se com êxito na «Sanzala» a cantadeira Marília Simão.
- * Esmeralda Amado, Sebastião Ribeiro e Esmeralda Cruz são os artistas que estão a actuar no «Beco», em Setúbal.
- * Parte dentro de dias para uma longa digressão à América do Sul a artista Lúcia Ribeiro.
- * Está a actuar na «Tipóia» o castiço cantor Raul Dias.
- * Deve voltar, ainda esta época, a Lisboa, o cantor brasileiro Francisco Egydio.
- * A cançonetista Madalena Iglésias tem em vista uma digressão aos Estados Unidos.
- * Uma das composições que será apresentada no próximo programa «Melodias de Sempre», da R. T. P., intitula-se «Quentes e boas», e é da autoria do saudoso compositor Raul Ferrão.



2 SESSÕES * ADULTOS *
21 HORAS E 23 HORAS
BILHETES DESDE 15500

VENHA MORRER A RIR como
ASSASSINOS ASSOCIADOS

RAUL SOLNADO
D. MAIS CRIMINOSO

MADALENA SOTTO • BARROSO • FERNANDA BORSATTI • CORTEZ • ANGELA RIBEIRO NICOLAU BREYNER • JULIA BABO

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

POR IMPOSIÇÕES CONTRATUAIS SERÁ RETIRADO EM 30-3-67

UM DOS 10 MELHORES FILMES DO ANO!

Uma RESTEA DE AZUL
«A Patch of Blue»



SIDNEY POITIER
ELIZABETH HARTMAN
SHELLEY WINTERS
(Oscar 1966)

ADULTOS

15.ª SEMANA • 5.º MÊS

estúdio

NOVEMBRO, DEZEMBRO, JANEIRO, FEVEREIRO, MARÇO

EM RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA

Vai subir mais um foguetão —construído por dois estudantes de Viseu

UISEU, 16 — Os estudantes António Afonso Navega, do 7.º ano do Liceu de Viseu, e o seu companheiro, externo do mesmo Liceu, António Manuel de Carvalho Barreiros, vão lançar, por estes dias, mais um foguetão, dos muitos que, desde há quatro ou cinco anos andam a construir, uns com mais êxito que outros.

Os dois conseguiram, pelo menos duas

vezes, despertar a atenção de numerosas pessoas que de perto têm observado os seus esforços e estudos. Na verdade, quem visita o seu «laboratório», no «Quintal dos Pais», na Rua Alexandre Herculano, não deixa de ficar cativado de tamanho arrojo e de tais gestos e canseiras: fios por todos os lados, uma autêntica oficina de pirotécnicos e de mecânicos atulhados em livros e mapas, planos e cálculos, muitos cálculos,

Têm eles disposto já de amparo e estímulo da Mocidade Portuguesa, cujo delegado distrital, dr. Sales Loureiro, é um educador reconhecido, culto espírito á altura de acompanhar equilibradamente os esforços e o arrojo dos dois construtores de foguetões. E no comandante de Infantaria 14, coronel Carlos Faustino Duarte, igualmente os dois estudantes têm tido bom e carinhoso observador.

Tudo se apresta, pois, para, num destes próximos dias, no Campo de Aviação da Muna, a multidão do costume se aprestar para ver subir — quem duvida? — mais um grande e moderno foguetão viseense...



O foguetão em experiências

vezes, despertar a atenção de numerosas pessoas que de perto têm observado os seus esforços e estudos. Na verdade, quem visita o seu «laboratório», no «Quintal dos Pais», na Rua Alexandre Herculano, não deixa de ficar cativado de tamanho arrojo e de tais gestos e canseiras: fios por todos os lados, uma autêntica oficina de pirotécnicos e de mecânicos atulhados em livros e mapas, planos e cálculos, muitos cálculos,

Os antigos alunos e professores do Colégio Moderno vão reunir-se em jantar de confraternização

Os antigos alunos e professores do Colégio Moderno vão reunir-se num jantar de confraternização para assinalar o 30.º aniversário da fundação daquele grande estabelecimento de ensino.

O jantar deve efectuar-se, em princípio, no Hotel Cibra, no dia 15 de Abril próximo. Está constituída uma comissão de antigos alunos, das várias gerações, que frequentaram o colégio até hoje. É a seguinte: D. Lígia Soares Pereira Relvas, D. Maria Manuela Conde e Cunha, D. Maria de Lourdes Silva Henriques e os srs. dr. Renato Henriques, eng.º José Carlos de Sousa Veloso, Rui Romão Ramalho, Alvaro Ribeiro Ferreira, dr. João Cortes de Figueiredo, dr. António de Pignatelli, Pedro Nunes Barata, Manuel Cobra Ferreira, Artur Querido Baptista, dr. Eduardo Farinha, Luís Alberto Pereira de Araújo e José Simões de Sousa.

A esta comissão será agregado um antigo professor. As informações podem ser pedidas ao sr. Manuel Cobra Ferreira, na Casa Ferreira, Rua da Rosa, 185.

O 30.º aniversário dos Bombeiros Voluntários de Camarate

Os Bombeiros Voluntários de Camarate começam no próximo dia 19 a celebrar o 30.º aniversário da sua fundação, que passa em 25 de Abril. No próximo domingo, às 11 horas, será celebrada missa de sufrágio por todos os bombeiros que morreram em luta contra o fogo e também pelos militares que pereceram no incêndio que consumiu parte da serra de Sintra. Em seguida, haverá homenagem ao cemitério local, onde serão colocadas flores na campa de um bombeiro falecido em serviço.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 16 — É o seguinte o texto do comunicado distribuído pelos serviços de informação pública das Forças Armadas de Angola relativo a 5 a 11 de Março:

«A actividade dos bandidos trazia-se em tentativas de infiltração de grupos através da fronteira norte do rio Cuango e em actos de vandalismo nas regiões de Bembe, Terra Nova, Tembo, Aluma, Dala, e sudoeste de Cazombo. Nas regiões fronteiriças referidas foi interceptado pelas nossas forças, entre Luvo e Buela, um grupo de terroristas que sofreu vários mortos.

Vários grupos armados e fardados sofreram numerosas baixas durante quatro tentativas para a travessia do rio Cuango, ocorridas nas regiões de Massau e Marimbanguengo.

Na região de Bembe, criminosos atacaram uma fazenda que foi so-

corrida por elementos da Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola.

Na região da Terra Nova foi atacada uma sanzala, tendo os criminosos debandado perante a acção das nossas tropas, que acorreram ao local.

Na região de Tembo Aluma as milícias locais repeliram ataques feitos a duas sanzalas por numeroso grupo de bandidos e capturaram muitas munições, incluindo granadas de morteiro e material diverso.

Na região de Dala um grupo de criminosos assaltou uma casa comercial e assassinou um civil.

A sudoeste de Cazombo o povo da região resistiu a uma tentativa de rapto por um grupo de bandidos que ali cometeram mais assassinios.

Nas zonas onde se refugiaram, os

terroristas foram intensamente perseguidos pelas nossas forças, tendo esboçado esporádicas reacções e sofrido algumas baixas, em especial nas regiões de Micula, General Freire, a sudoeste de Vila Viçosa, rio Mongolo e a nordeste de Barraca.

Da actividade das forças militarizadas destaca-se, além das acções dos voluntários e das milícias já referidas, um ataque de elementos destas últimas a um acampamento de terroristas, a sueste de Massau, tendo alguns bandidos sido mortos e o acampamento destruído.

As nossas tropas não sofreram baixas neste período, havendo a lamentar dois mortos civis e feridos da organização provincial de voluntários e defesa civil de Angola.

Cerca de 500 refugiados, regressados do Congo de Kinshasa fizeram a sua apresentação às nossas autoridades».

SUBI NA VIDA!

porque me lembrei de recorrer aos serviços do

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Os alunos da secção do Liceu de Oeiras aguardam à chuva e ao frio o começo das aulas

No anexo do Liceu de Oeiras, situado em Nova Oeiras, onde desde o começo do segundo período fun-

Posto médico da Associação Académica da Faculdade de Direito

A Associação Académica da Faculdade de Direito tem em funcionamento um posto médico com consultas grátis para os sócios, às segundas, quartas e sextas-feiras, domiciliárias e da especialidade.

Além deste serviço, que pode ser utilizado mesmo pelos não sócios, mediante o pagamento de uma pequena quantia, funciona diariamente um outro posto de enfermagem.

cionam as aulas do 1.º ciclo da secção masculina, e que fica localizada a cerca de 1 quilómetro da estação do comboio, os alunos são obrigados a aguardar, à porta de entrada, que chegue a hora regulamentar — 8 e 40 — para poderem passar no interior do edifício.

Tratando-se de crianças de pouca idade, é desumano que não lhes seja facultada a entrada à medida que vão chegando, visto que podem contrair doenças assim expostas, num descampado, ao frio e à chuva, sem qualquer abrigo próximo.

A hora a que as crianças chegam, já se encontram a postos, dentro do edifício, os funcionários do liceu. É incompreensível que as crianças não sejam logo recolhidas, à medida que vão chegando.

No CACEM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.

LICENCIATURA DE UM INVISUAL

Na Faculdade de Letras de Coimbra, concluiu a sua licenciatura em Germânicas o dr. Fausto Manuel Dias de Figueiredo. Trata-se do invisual que há meses, como noticiámos, obteve o 1.º prémio, entre centenas de concorrentes, num concurso organizado pela estação emissora da B. B. C., em Londres, com um trabalho histórico sobre a Inglaterra.

CINE-CLUBE UNIVERSITÁRIO

Efectua-se hoje, ao fim da tarde, mais uma sessão do Cine-Clube Universitário, na qual será exibido o filme de V. Zurlini «A rapariga da mala». O C. C. U. L. tem agora uma secção de filmes pedagógicos, sobre diferentes matérias versadas nos cursos e realizados de acordo com modernas técnicas audio-visuais.

ASSEMBLEIA GERAL

Aprovados os relatórios e contas da Companhia dos Tabacos de Portugal e da Intar

Para apreciação dos relatórios das contas e dos pareceres do conselho fiscal relativos às gerências do ano findo realizaram-se as assembleias gerais da Companhia dos Tabacos de Portugal e da Intar — Empresa Industrial de Tabacos, a antiga Companhia Portuguesa de Tabacos.

A primeira reunião presidiu o sr. dr. Manuel Colares Pereira, que, abertos os trabalhos e depois de recordar que passou há pouco o centenário do nascimento do prof. Moreira Junior, que foi ministro da Marinha e Ultramar e, durante 37 anos, presidente do conselho de administração da Companhia, evocou com sentidas palavras a sua memória.

Agradecidas essas palavras pelo sr. dr. Manuel Vicente Moreira, vice-presidente do conselho de administração e filho do sr. conselheiro Moreira Junior, a assembleia aprovou, sem discussão e por unanimidade, o relatório e as contas, que apresentam o lucro líquido de 3 019 599\$15, contra 3 009 609\$15 no ano anterior.

Seguiu-se a assembleia geral de accionistas da Intar — Empresa Industrial de Tabacos. Na presidência, o sr. dr. Jorge Lima de Melo do Rego, que, ouvido com interesse, evocou, igualmente, a memória do eng.º José Frederico Ulrich,

conselheiro Moreira Junior, recordando alguns curiosos aspectos da sua vida.

Foram, então, postos em discussão o relatório e as contas, no qual se começa por anotar que o lucro líquido da gerência de 1966 foi de 8 738 047\$96 contra 4 946 584\$84, em 1965. Acrescenta-se: «O lucro da exploração cifrou-se em escudos 15 541 578\$96, contra 10 591 526\$09 no ano anterior. Depois de se terem abatido os encargos da dívida assumida na Caixa Geral de Depósitos para a construção da Fábrica de Cabo Ruivo — encargos cifrados em 6 803 581\$00 (juros e amortizações) — resultou o já mencionado lucro de 8 738 047\$96, que nos permite distribuir um dividendo (cativo de impostos) de 17\$70. O dividendo distribuído no ano anterior (igualmente cativo de impostos) foi de 9\$95. O custo da fábrica nova já pôde ser amortizado em 25 537 contos.»

O primeiro orador foi o sr. prof. Fernando Emídio da Silva, que após ter manifestado o seu regozijo por ver na presidência da assembleia o sr. dr. Jorge de Melo do Rego, fez várias considerações sobre a vida da Intar.

Sobre o relatório e as contas pronunciou-se, seguidamente, o accionista sr. Jacob Levy. Falou, ainda, o sr. eng.º Justino José Ferreira, a quem como ao sr. Jacob Levy prestou esclarecimentos, em nome do conselho de administração, o sr.



VAI PASSAR! O NOVO TAUNUS 15 M-TS

ENTUSIASMO - no arranque fulminante!
(0/100 km em 16 segundos)

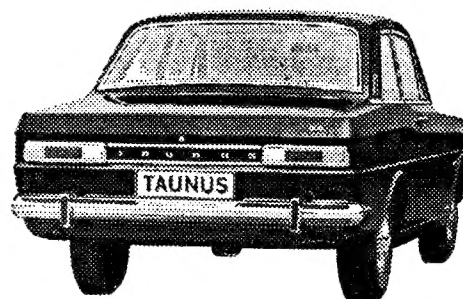
DOMÍNIO - sentir o carro responder com precisão.
Eis o novo Taunus 15 M-TS Linhas desportivas.
Potente motor V4 - 1.500 TS de 80 HP.
Nova suspensão tipo McPherson.

SEGURANÇA - Via mais larga, com tracção dianteira e travões de disco.

Uma performance realmente sensacional

O RESTO É PRAZER - TODO PARA SI!

Aceite uma demonstração no seu concessionário Ford!



6 lugares — 2 e 4 portas



15-02

LISBOA : LINCURI, Lda. - Av. da República, 32 - A
STAND MODERNO - Av. Fontes Pereira de Melo, 15 - A

Aprovadas (com saldo positivo) Prosseguiu
as contas do Município de Coimbra
o I Seminário
Internacional
de Geografia

COIMBRA, 16. Na habitual reunião da Câmara Municipal, ontem mais uma vez efectuada sob a presidência do eng.º Araújo Vieira, avultou a autorização de pagamento respeitante à aquisição de cantaria para a banca da central do Estádio Municipal, no montante de 105 332\$50, e à construção do caminho municipal n.º 1088, que ascenderá a 55 608\$00. Foram também adjudicadas as empreitadas de construção da calçada entre Vendas de Santana e Costa de Rios Frios (24 900\$00), de uma outra calçada, esta «a portuguesa», em Rio de Galinhas (23 800\$00), e do caminho de acesso à estação dos C. T. T. de Ceira (29 525\$00).

A vereação aprovou ainda as contas da gerência respeitantes a 1966, que são as seguintes: **Câmara Municipal** — receita, 52 505 733\$40 (incluindo o saldo de 1965, que totalizava mais de 8500 contos); despesa, 46 010 497\$10, transitando para o ano de 1967 um saldo de 6 495 236\$30. **Serviços Municipalizados** — receita cobrada, 77 269 403\$80; saldo de 1965, 2 345 160\$30; receita total, 79 614 564\$10; e despesa 75 488 962\$40, transitando para 1967 um saldo de 4 125 604\$70. **Serviços de Turismo** — saldo de 1965, 502 028\$90; receita cobrada, 1 765 113\$30; receita total, 2 267 142\$20; e despesa, 1 179 814\$30, transitando para 1967 um saldo de 587 327\$40.

A vereação aprovou igualmente

**Subsídio valioso
do governador civil
para a Casa da Imprensa**

A acção assistencial e cultural da Casa da Imprensa continua a merecer o maior apoio, quer das entidades oficiais, quer das particulares, sem esquecer as empresas jornalísticas, a rádio e a R. T. P., que têm dado o maior relevo às suas actividades. Há a registar agora a concessão de alguns subsídios à Casa da Imprensa, entre os quais, um de 24 mil escudos oferecido pelo sr. dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa; outro de mil escudos, do presidente do conselho de administração da Fundação de Oeiras; e outros, de igual importância, da Sociedade Estoril-Sol e do Banco Espírito Santo.

**Farrapeiro dos Bombeiros
Voluntários da Amadora**

A Associação dos Bombeiros Voluntários da Amadora dirigiram circulares a todos os habitantes da respectiva área, a solicitar a entrega aos bombeiros devidamente uniformizados, de donativos, garrafas vazias ou sucatas de qualquer género, por ocasião da visita dos componentes do seu corpo activo, a qual prosseguirá nos próximos domingos.

A visita feita no dia 12 foi um bom prenúncio, pelo volume das ofertas. O produto total desta recolha destina-se à aquisição de uma nova ambulância, cuja falta se faz sentir muito.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Rita da Luz Madeira Corvelo
PORTALEGRE, 16 — Faleceu hoje, ao princípio da tarde, a sr.ª D. Rita da Luz Madeira Corvelo, de 85 anos, viúva, mãe dos srs. Carlos Madeira Corvelo, chefe da secretaria da Câmara de Elvas, Hercúano Madeira Corvelo, director do director-geral das Contribuições e Impostos, Jorge Garibaldi Madeira Corvelo, director de Finanças em Lisboa, e das sr.ªs D. Margarida Madeira Corvelo e D. Raquel Madeira Corvelo Garcia, casada com o comerciante desta cidade sr. Sérgio Garcia.

O funeral efectua-se amanhã, pelas 13 horas, da casa da extinta para o cemitério local.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

uma derrama para fins de assistência, a cobrar em 1967, na percentagem de 10 %, semelhante às derramas votadas em anos anteriores. O presidente do Município aproveitou para sublinhar a homenagem prestada ao vereador do pelouro de incêndios, sr. António Miranda Veloso, homenagem a que a Câmara em seu tempo se associou. Por último o vereador dr. Francisco Cortez, tomando por base uma notícia, publicada na imprensa regional, sobre a diminuição dos rendimentos do Mercado D. Pedro V, propôs a realização de um rigoroso inquérito para esclarecimento da opinião pública. Foi encarregado da sua redacção o primeiro-oficial Madeira Santos.

**Os basquetebolistas
angolanos da M. P.
chegaram hoje a Lisboa
a fim de disputarem
os campeonatos nacionais**

Chegou esta manhã a Lisboa, no voo da TAP, a representação de Angola aos campeonatos nacionais juvenis de basquetebol, que se disputam nos próximos sábado e domingo.

A representação de Angola é formada pela equipa da Escola Comercial e Industrial Infante D. Henrique, de Moçamedes, actuals campeões provinciais nesta modalidade.

Trata-se da primeira equipa juvenil que se desloca à Metrópole, para participar numa final dos campeonatos nacionais escolares, realizados por iniciativa da Mocidade Portuguesa.

O grupo é chefiado pelo inspector Ceolito Moreira, e constituído pelo treinador António Elísio Mendes e pelos jogadores Carlos Costa Nunes, Jorge Pacheco Cruz, José Luís Vieira Pinto, Leopoldo Rodrigues, Rui Bernardino Proença, José Custódio Teixeira, Carlos Marques Jesus e Helder de Jesus Bento. São todos rapazes naturais de Moçamedes e Porto Amélia.

Além dos jogos do campeonato nacional, estão previstos outros encontros a realizar em diversos centros, na Metrópole, durante a permanência de duas semanas da equipa angolana no continente.

No aeroporto aguardavam a caravana de Moçamedes, o comissário nacional-adjunto para a Educação Física, professor Eduardo Trigo, que representava, também, o comissário nacional da Mocidade Portuguesa, o inspector de desportos da M. P. professor Francisco Freire e o chefe da secção de Educação Física do Comissariado, Joaquim Fabião.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa prosseguiram, esta manhã, os trabalhos do I Seminário Internacional de Geografia, promovido pelo Centro de Estudos Geográficos, sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em primeiro lugar, o prof. Jean Demangeot, da Universidade de Toulouse, apresentou uma comunicação sobre o «Sistema geodinâmico e a diferença de clima». Acentuou os efeitos primários de neotectonização, depois os efeitos em zona fria ou temperada, os efeitos em países áridos ou mediterrânicos; por fim, os efeitos em regiões tropicais húmidas. Concluiu que, em geral, os movimentos do solo têm tendência a contrariar a erosão vertical e a favorecer a erosão lateral, nos climas não tropicais.

Em seguida, o dr. Orlando Valverde, director da divisão do Conselho Nacional de Geografia do Brasil, fez a «Síntese da evolução económica da Amazônia», tratando da borracha, juta, pimenta-do-reino, e da malva; da transumância de várzea e do regime de cheia do Amazonas, bem como da pesquisa de minerais.

Falou, a propósito, das condições ecológicas e recursos naturais nos trópicos húmidos, e findou com um plano global para desenvolvimento da Amazônia, acentuando o aproveitamento da energia hidroeléctrica e desenvolvimento industrial, bem como a exploração de minérios e a reorganização da agricultura.

Da parte da tarde realizaram-se os trabalhos práticos, como ilustração das lições proferidas de manhã.

**O caso
do surdo-mudo
que apareceu morto
em Olhão**

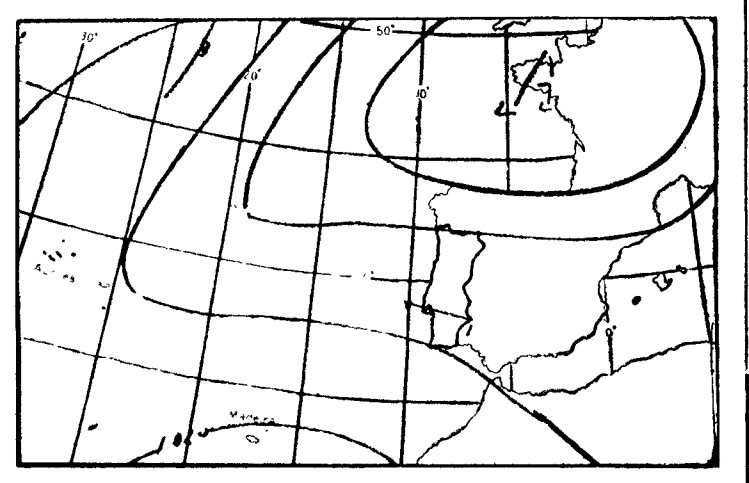
OLHÃO, 16 — Na casa mortuária do cemitério desta vila, será hoje à tarde efectuada a autópsia do corpo do surdo-mudo João António dos Santos, de 54 anos, apalhador de peixe, que foi encontrado morto, já em adiantado estado de decomposição, pela sua filha Maria de Lourdes, numa barraca de lata contígua a outra em que habitava a sua mulher, também surda-muda, Custódia do Nascimento Januária, que vive de fazer limpezas e recados. Embora só a autópsia possa esclarecer quanto às causas da morte, não há suspeitas de crime.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado e o vento era moderado de Leste.
9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 23,5; mínima: Alvalade, 2,5.
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 16°; Faro, 13°; Funchal, 18°; Lisboa, 14°; Penhas Douradas, 11°; Portalegre, 16°; e Porto, 15°.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
— Isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 17 — Uma massa de ar com trajecto continental transportada na circulação de um anticiclone situado nas regiões noroeste da França deverá influenciar as condições meteorológicas em Portugal continental.

SOL **AMANHÃ** Nascer às 7 e 47 Ocaso às 19 e 45

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

MARES

PREIA-MAR: Dia 16 — As 7 horas (3,6 m); 19 e 11 (3,5 m). Dia 17 — As 7 e 30 (3,4 m); 19 e 47 (3,4 m). Dia 18 — As 8 e 19 (3,2 m); 20 e 40 (3,2 m).
BAIXA-MAR: Dia 16 — As 0 e 23 (1,2 m); 12 e 41 (1,2 m). Dia 17 — As 1 e 08 (1,3 m); 13 e 20 (1,4 m). Dia 18 — As 1 e 50 (1,5 m); 14 e 10 (1,6 m).

FASES DA LUA

Dia 19 Dia 26 Dia 1 Dia 9

Bom tempo, com céu geralmente pouco nublado e vento fraco a moderado de leste.

O Banco de Crédito Comercial e Industrial

(em catorze meses de funcionamento) alargou as suas actividades a vários pontos de Angola e Moçambique onde inaugurou dez agências

Foi um acontecimento de relevo, a criação do Banco de Crédito Comercial e Industrial e a sua entrada em actividade no final do ano de 1965. Surgiu uma empresa de crédito cujo âmbito abrangia as nossas duas principais províncias ultramarinas — Angola e Moçambique — em demonstração de plena confiança no presente e no futuro desses territórios e, além do mais, era um valioso contributo para o seu progresso económico e social. Nas decorridas catorze meses, a entrada em actividade do primeiro banco comercial que abrange as duas grandes províncias portuguesas de África, verificou-se como eram fundadas as esperanças que então se depositavam na sua acção. O relatório e as contas do exercício de 1966 — elaborados pelo Conselho de Administração, ao qual preside o dr. Miguel Gentil Quina — documentos agora distribuídos aos accionistas, constituem elucidativa comprovação da impor-

tante tarefa que cabe à nova instituição de crédito naqueles territórios.

Conclui-se, pelos dados expostos nesses documentos, ter sido notável a expansão do Banco nas duas províncias, o que demonstra que veio preencher uma lacuna. No final do exercício de 1966 o Banco contava, além das sedes de Luanda e Lourenço Marques, onde foram inauguradas as primeiras dependências urbanas, mais dez estabelecimentos, seis em Angola — abertos, sucessivamente, em Carmona, Benguela, Sá da Bandeira, Lobito, Negage e Porto Alexandre — e em Moçambique, inaugurados, ao longo do ano, na Beira, em Nampula, em Quelimane e em Vila Trigo de Morais, a assegurar uma presença efectiva nos pontos dos territórios das duas províncias que mais necessitavam de apoio bancário.

A dimensão que a instituição de crédito atingiu demonstra-se, também, pelo ritmo de progresso das suas actividades. Assim, o volume dos depósitos aumentou, em 1966, 538 milhares de contos e a concessão de crédito foi ampliada, correspondendo especialmente em apoio às iniciativas que influem no desenvolvimento económico e social de Angola e Moçambique. Observe-se, ainda neste aspecto, que foi consideravelmente reforçada a carteira de títulos e que os valores do activo registaram substancial incremento.

Novas disposições sobre ensino agrícola no Ultramar

Uma portaria do Ministério do Ultramar hoje publicada, altera as normas do regulamento das Escolas Práticas de Agricultura no Ultramar.

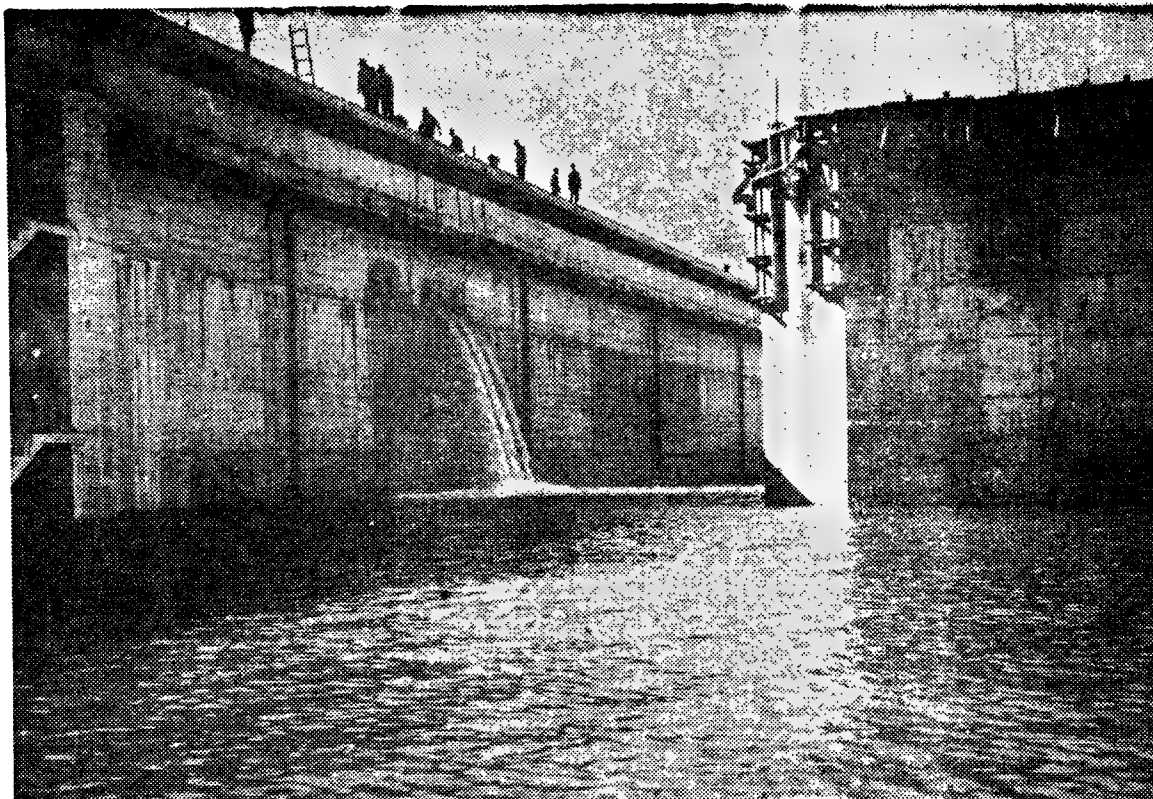
Por nova doutrina, o ciclo preparatório tem a duração de dois anos — é considerado equivalente ao ensino industrial e comercial.

As escolas serão dotadas de autonomia administrativa e financeira, competindo a sua administração a um conselho constituído pelo director, pelo professor-secretário e por um vogal eleito pelo conselho escolar.

Apoio ao progresso económico

A orientação do Banco tem sido dirigida, evidentemente, para o auxílio aos sectores mais associados ao progresso das duas províncias. No total do crédito que concedeu avulta por isso, aquele que foi ministrado a empresas industriais e agrícolas. Deve registar-se, também, para demonstração do interesse que a empresa dispensa ao desenvolvimento económico e social dos dois territórios africanos, que na sua

(Continua na 3.ª página)



A água entra lentamente na doca n.º 1. À direita vê-se um «duque de alba»

As grandes docas da Margueira estão a ser lentamente alagadas para se colocarem as portas-batéis

Continuaram hoje a alagar-se as docas que a Lisnave está a construir no seu novo estaleiro da Margueira — a fim de terem a água suficiente para dar fluência às portas-batéis dentro delas construídas.

A operação está a decorrer da melhor forma, tal como tinha sido planeado. O enchimento faz-se lentamente, por causa das diferenças de nível entre o interior e o exterior e para não fazer, eventualmente, perigar a estabilidade da enscadeira. Não obstante — calcula-se que, só hoje, tenham passado para as docas cerca de 150 mil metros cúbicos de água — devendo, amanhã e depois, a quantidade de água atingir os 400 000 m³.

Amanhã e sábado vai fazer-se en-

tão o reboque das portas-batéis das docas para os seus locais, procedendo-se, em seguida, ao seu assentamento. Depois, por meio de escavadoras e terraplanadoras far-se-á a remoção das terras (as quais serão aproveitadas para regularizar os pisos em volta das docas) que constituem actualmente a enscadeira.

Uma vez completada esta operação, recomençar-se-á a bombagem (as bombas das docas têm o débito de 64 000 m³/hora), para esvaziar as docas e ser possível concluir os trabalhos em execução.

No meio da doca n.º 1 encontram-se já «duques de alba» — grandes caixões ocios de betão armado, que flutuam — os quais servem para aumentar a capacidade de atracação sem ser necessário

construir cais. Para isso serão colocados no prolongamento dos cais já existentes

Alunos de oito universidades e em representação no III Encontro

que decorrerá no Colégio

Decorrerá de 18 a 22 do corrente, no Colégio Universitário Pio XII, ao qual coube a respectiva organização, o III Encontro Europeu de Universitários, iniciativa lançada em 1965 e que se propõe fomentar o intercâmbio cultural e o verdadeiro espírito de amizade europeia. O programa é constituído por uma série de actividades culturais — jogos florais (140 concorrentes), concurso fotográfico, colóquio e representações teatrais, e competições desportivas — futebol, basquetebol, handebol e ténis de mesa —, que se efectuarão nos campos do Estádio Universitário e nos campos privativos do Colégio Universitário Pio XII.

Neste Encontro, que é patrocinado pelos ministérios dos Negócios Estrangeiros e Educação Nacional de Portugal e da Espanha, Ministério de Propaganda e Turismo de Espanha, embaixadas de Espanha e Bélgica em Portugal e Fundação Calouste Gulbenkian, e apoiado pelo Secretariado Nacional da Informação, participam estudantes das Universidades de Lisboa, Coimbra, Madrid, Salamanca, Barcelona, Oviedo, Valladolid e Lovaina, contará ainda com a participação brasileira, através de 15 estudantes residentes no Colégio Universitário da Casa do Brasil de Madrid.

O programa do Encontro

No colóquio, que se efectuará no dia 20, pelas 21 e 30, na sala da biblioteca do C. U. Pio XII, e que será presidido pelo sr. prof. dr. Adriano Moreira, será debatido o tema «Valores culturais europeus».

Nos dias 21 e 22, no Teatro Vasco Santana, haverá espectáculos com representações pelo Teatro Universitário de Lovaina (Bélgica), que apresentará «Fin de la Partie» de Samuel Beckett, e «Conversa

A estátua do dr. Manuel de Arriaga foi colocada na cidade da Horta

HORTA, 16 — (A. N. 1.) — Foi ontem à tarde colocada num pedestal de basalto regional de três metros de altura, a estátua erigida ao dr. Manuel de Arriaga, primeiro presidente da República, que era na altura do Faial.

Da autoria do escultor Numidico Bessone, a estátua é fundida em bronze e mede dois metros.

Abastecimento de batata de consumo

O Grémio da Lavoura do Montijo enviou telegramas ao secretário de Estado da Agricultura e ao presidente da Corporação da Lavoura, a solicitar que não seja autorizada superiormente qualquer importação de batata de consumo, em consequência de não ser justificável por carência do produto para o abastecimento do mercado e porque a próxima colheita começará dentro de um mês.



JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE
EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

AGORA NOS CAFÉS PORTUGAL E BRASILEIROS

ALCATIFA

ALCAFLOC

um produto IPETEX fibra nylon

distribuidores
C. U. F. PERGOL
COMPANHIA DE TORRES NOVAS
SOMACO SOPAL



IMPUTRESCÍVEL

Homenagens

a Camilo Castelo Branco em Vila Real

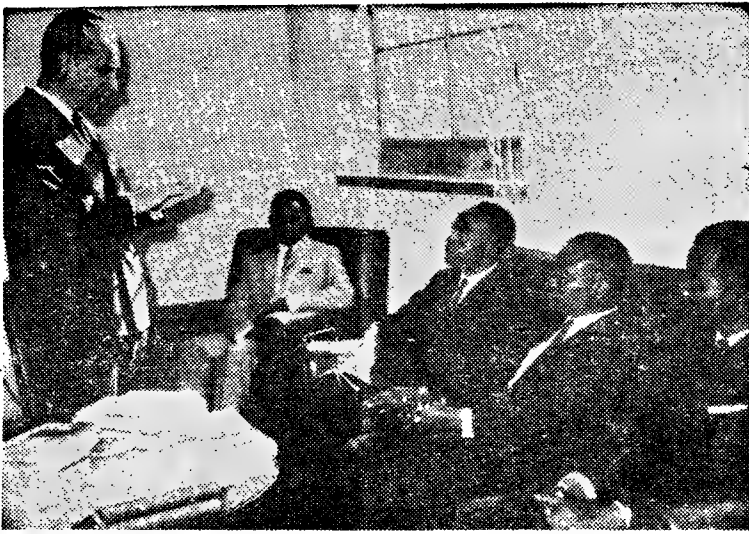
VILA REAL, 16 — Efectuam-se hoje, nesta cidade, significativas homenagens ao grande romancista Camilo Castelo Branco, comemorando a data do seu nascimento.

Com a presença do governador civil do distrito, dr. Torcato Portugal de Magalhães, dos presidentes da Comissão Distrital da União Nacional, da Junta de Distrito, da Câmara Municipal e da Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão, promotora da iniciativa, e de muitas outras entidades categorizadas, proceder-se-á ao desceramento de uma lápida, no Solar dos Brocas, situado na rua que há muitos anos tem o nome do escritor, com a seguinte inscrição:

«Casa dos Brocas. 1774. Solar da família do grande escritor Camilo Castelo Branco, visconde de Boticelho, que nasceu em Lisboa, em 16 de Março de 1825, e faleceu em S. Miguel de Seide, em 1 de Julho de 1890. Nesta casa, nasceu o pai do escritor, Manuel Joaquim Botelho de Castelo Branco, em 17 de Agosto de 1778. Mandou colocar esta lápida a Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão, por sugestão do jornal «O Vila-realense», de 9 de Junho de 1966»

Nesta cerimónia usará da palavra os srs. major José de Campos e Sousa, eng.º Pedro Avelos e padre Luís Castelo Branco. Depois, todos os assistentes se dirigirão ao Jardim da Carreira, onde serão colocados ramos de flores no sopé do monumento ao autor do «Amor de Perdição».

A noite, no Clube de Vila Real, com a presença das autoridades civis, militares e religiosas, o conhecido publicista major Campos e Sousa, que muito tem escrito acerca do grande escritor, pronunciará uma conferência intitulada «Camilo e a Princesa do Corgo».



Os ministros do Malawi ouvem explicações do eng.º Manuel Rocha, director do L. N. E. C.

Os ministros do Malawi visitaram esta manhã

o Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Os ministros das Finanças e dos Transportes do Malawi, que se encontram em Lisboa numa visita oficial, e ontem foram recebidos pelo sr. Presidente do Conselho, estiveram, esta manhã, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Acompanhavam aqueles estadistas, além dos srs. Muthali e Chalusa, respectivamente, director-geral do Comércio e Indústria e alto funcionário do Ministério de Transportes daquele país, os srs. eng.º Jorge Pereira Jardim, conselheiro do Malawi em Moçambique; comendador Pinheiro de Sousa, conselheiro honorário de Portugal em Blantyre; eng.º Fernando Seixas, da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira; e V. Gale, presidente do conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Malawi.

Os visitantes foram recebidos pelo sr. eng.º Manuel Rocha, director do Laboratório, que, após os cumprimentos e lhes ter descrito as actividades e a organização daquele departamento, acompanhou-os numa observação pormenorizada a diversos sectores, nomeadamente aos estudos que o Laboratório tem realizado para diversas províncias ultramarinas portuguesas. Foram vistos os respectivos modelos reduzidos e os estudos que estão a decorrer para a construção da barragem de Cabora Bassa, em Moçambique.

Trabalhos relevantes

Também o modelo da foz do Cuama (Moçambique) e os estudos em fase muito adiantada, respeitantes à barragem da Chicumba, na mesma província, foram observados pelos visitantes, bem como

outros resultados espectaculares conseguidos com as prospekções geofísicas concretizadas, recentemente, no sul de Angola, visando a pesquisa de água indispensável à demarcação de zonas pastoris.

A visita terminou no moderno centro de convívio daquele departamento, onde se ofereceu uma chávena de café português aos ministros do Malawi e à comitiva. Esta reunião foi pretexto de ampla troca de impressões, tendo os representantes daquele país da África Oriental manifestado o seu interesse pela observação do Laboratório e pelos relevantes trabalhos ali já concluídos ou que se encontram em curso, alguns dos quais reputaram de decisivos para o progresso não só das províncias ultramarinas portuguesas, mas também dos países vizinhos.

O comandante do «Elna»

(que se afundou em poucos minutos perto do Cabo de S. Vicente)

apresentou o protesto de mar

Um pequeno cargueiro de 216 toneladas, o «Elna», propriedade de um armador de Gibraltar mas matriculado no porto escocês de Glasgow, afundou-se ontem, ao princípio da tarde, nas imediações do Cabo de S. Vicente.

O barco carregava em Lisboa tijolos, cal, vinho e cerveja, fazendo-se ao mar na passada segunda-feira. O violento temporal que tem assolado o Atlântico Norte provocou-lhe água aberta, e a situação evoluiu tão rapidamente que o comandante do «Elna», capitão E. G. Walford, não hesitou em lançar um S. O. S. Pouco depois aparecia no local outro cargueiro inglês, o «Mercian», que recolheu a tripulação. Alguns minutos mais, e o «Elna» mergulhava nas águas com os seus quatro masts.

Ontem mesmo o «Mercian» chegou ao Tejo, trazendo a bordo os sete ocupantes do cargueiro afundado. São eles, além do comandante, o imediato David Cooke, de nacionalidade inglesa, o motorista Jaime Pedro dos Santos, de 46 anos, natural de Setúbal, os mari-

neiros Wayland Purmont, de 26, também inglês, José Manuel Monchique, de 35, e Emídio Luciano, de 44, ambos portugueses e naturais, respectivamente, de Vila Real de Santo António e Setúbal, e o filho do armador do barco, o jovem inglês Biaggio Ramage, que ia ver com os pais a Gibraltar.

Todos muito satisfeitos, como se calcula, pelo desfecho desta aventura que poderia ter redundado em mais uma tragédia do mar, seguiram os tripulantes portugueses para as suas residências e instalaram-se os ingleses no Hotel Bragança. O capitão Walford, a quem o caso tocou mais de perto, é que ontem à noite se não sentia bem e foi assistido no Hospital de S. José. Crise nervosa passageira.

Contada agora em tom de aneddotado, a história quase nem é dramática. Mas foi-o sem dúvida, e se a tripulação está com vida deve-o ao rápido socorro do «Mercian», que captou o S. O. S. em fonia e imediatamente mudou de rumo. Outros três barcos, todos cargueiros, manobravam da mesma forma, não chegando, porém, a tomar parte activa no salvamento da tripulação.

A emergência ficou atestada, entre outras coisas, pelo lançamento de sucessivos S. O. S. em fonia e grãfia, logo registados na Marconi, em Lisboa, e nas estações rádio-navais de Lisboa, Sagres, Cádiz e Gibraltar.

O protesto da ocorrência

Cabe agora ao capitão Walford fazer o protesto de mar, para o que se avistou esta manhã com o sr. José Maria da Silva, da firma «Companhia», agente em Lisboa do armador do «Elna», sr. James H. Ramage.

O comandante do cargueiro desaparecido esteve também no Consulado Geral da Inglaterra em Lisboa, com vista a regularizar a situação dos tripulantes britânicos.

Um novo rebocador

é hoje lançado à água

Ao fim da tarde, efectua-se no sector Norte do Estaleiro da Lisnave, a cerimónia do lançamento à água do novo rebocador «Puxa», destinado ao serviço daquela empresa no porto de Lisboa e nas suas duas secções de construção e reparação naval.

Trata-se de um navio de 25,5 metros de comprimento por 6,5 de boca, com a velocidade de 10 nós, assegurada por um motor de 1190 cavalos.

ra
as
ntéis

serão colo-
o dos cais

e oito universidades representação do Brasil II Encontro Europeu rá no Colégio Pio XII

o corrente.
o Pio XII.
iva organi-
Europeu de
a lançada
e fomentar
e o verda-
europeia.
o por uma
culturais —
(correntes).
colóquio e
e competi-
ol, basque-
de mesa —
campos do
nos campos
universitário

tion Symphonietta», de Jean Tardieu; o Teatro Universitário do Colégio de S. Bartolomeu de Salamanca, que levará a cena «Os corvos», de Alfonso Sastre; e o grupo teatral do Colégio Universitário Pio XII, que fará a sua estreia em público representando a peça de Príste Monteiro «A rabeca».

Os trabalhos enviados para os Jogos Florais foram apreciados por um júri constituído pelos srs. drs. Pedro Rocamora e Maurice Rousseau, respectivamente, adidos culturais das embaixadas de Espanha e da Bélgica em Portugal, dr. David Mourão-Ferreira e padre José António das Neves.

Para júri do Concurso Fotográfico foram convidados os srs. drs. Constantino Varella Cid, Joaquim Nunes de Almeida e mestre Manuel Alves San-Payo.

O primeiro grupo de estudantes participantes chega amanhã, vindo de Lovaina. Os restantes chegarão no próximo sábado.

A TRADIÇÃO DA OURIRESARIA NACIONAL É DE PROBIIDADE E DE COMPETÊNCIA

Ouriresaria da
GUIA

EM QUASE 100 ANOS DE EXISTÊNCIA
AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER
ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

OS CAFÉS um novo e ótimo BACALHAU
BRASILEIRA 6.ª-feira

CASINO ESTORIL

APRESENTA
HOJE À NOITE
EM ESTREIA

MICHELE
SANDRI

MARIA DA GLÓRIA • TRIO BIARGES



ANGEL PERICET

y su BALLET DE ARTE ESPAÑOL

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40\$00. Todos os dias jantar 80\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

TODOS OS DOMINGOS «Matinée» às 17 horas
Chá completo 25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

TODOS ESTES ARTISTAS ACTUAM TAMBEM
TODAS AS NOITES NO

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

O ministro da Marinha distinguiu dois grumetes fuzileiros especiais

O titular da pasta da Marinha recebeu, pelo meio-dia, no seu gabinete, os primeiros-grumetes fuzileiros especiais António José Pigarra Marçal e Manuel José Franco Belo, os quais foram distinguidos com o «Prémio Governador da Guiné», por «actos valorosos praticados em campanha na referida província».

Assistiram à cerimónia o chefe do Estado-Maior da Armada e o comandante da Escola de Fuzileiros, respectivamente almirante Armando de Roboredo e capitão-de-mar-e-guerra Luciano Bastos, e os oficiais do gabinete do ministro.

O almirante Fernando de Quintanilha, depois de felicitar os premiados, ofereceu-lhes o livro «A Marinha de Guerra Portuguesa», uma cuidada edição daquele Ministério.

EM TRÊS LINHAS

Para transportar tropas com destino ao Ultramar, foi fretado o paquete «Índia».

Um decreto hoje publicado introduz alterações ao Código do Trabalho Rural.

Foi concedida ao Jardim Zoológico, pelo Fundo de Desemprego, uma comparticipação de 300 contos, para obras de melhoramento.



Pretendem vender ouro, pratas
ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIRESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Ambiente de optimismo e confiança na cerimónia de investidura do novo presidente do Brasil

BRASÍLIA, 16. — (F. P.) — Num ambiente de optimismo e confiança, o 25.º presidente da República brasileira, marechal Costa e Silva, foi solenemente investido nas suas funções. Eleito em 3 de Outubro, por sufrágio indirecto, para ocupar a suprema magistratura, até 1970, o novo chefe do Estado foi, durante dois anos, até Julho de 1966, ministro da Guerra do Governo que sucedeu ao golpe de Estado de Março-Abril de 1964, que afastou João Goulart.

O marechal Costa e Silva, que foi um dos principais artífices da revolução nacional, incarnada, durante três anos, pelo marechal Humberto Castelo Branco sucede a um outro militar de carreira cuja escolha foi imposta pelo Exército e que governou com poderes excep-

cionais. Castelo Branco encontrou dificuldades, traduzidas, principalmente, nas críticas formuladas à audaciosa política contra a inflação, lançada pelo ministro cessante, Roberto Campos. Algumas críticas chegaram a identificar tal política com o abandono do Brasil ao capital estrangeiro.

O presidente cessante e o seu su-

Três mil pessoas assistiram ao acto de posse

BRASÍLIA, 16. — (F. P.) — Com os punhos cerrados pela emoção, o marechal Castelo Branco tinha lágrimas nos olhos quando entregou ao seu sucessor, marechal Costa e Silva, a faixa presidencial verde e ouro, insignia do Poder que exerceu «com honra e autoridade», durante perto de três anos.

Havia cerca de três mil pessoas no Palácio do Planalto, onde se desenrolou a cerimónia. Entre elas, estavam os representantes de 75 países estrangeiros.

O antigo presidente, na sua alocução, identificou a causa do Brasil com a «revolução nacional» de 31 de Março de 1964.

«Os brasileiros podem estar certos de que os seus sacrifícios não foram em vão», declarou o marechal Castelo Branco, antes de afirmar a sua convicção de que o seu sucessor seria o «fiel continuador» da revolução de 1964.

No Rio, caiu uma verdadeira chuva de «confetis» nas principais avenidas da cidade, na altura em que a Rádio começou a transmitir a cerimónia de Brasília.

Uma hora mais tarde, então já como simples cidadão, o antigo chefe do Estado brasileiro tomou o avião para o Rio de Janeiro, enquanto o seu sucessor almoçava com os 16 membros do novo Governo.

cessor rejeitaram a ideia de que esta substituição fosse apenas um expediente para perpetuar o comando dos militares no Estado brasileiro. Quando o marechal Costa e Silva jurou, perante o Congresso, fidelidade à nova Constituição «presidencialista» de 1967, o presidente do Parlamento quis, sob aplausos unânimes, ver nesta investidura o começo de uma nova era e o regresso às normas democráticas. Podem também prognosticar-se esforços sinceros da parte do novo Governo para explorar, prudentemente, o caminho da pacificação política do Brasil, dividido desde 1964 em dois campos, senão três — se se acrescentar o partido que Carlos Lacerda e Kubitschek esperam formar.

Os governadores cessantes, como os do Gabinete oficialmente constituído ontem, reconheceram que tem de ser aberto novo capítulo económico, tendo em conta o desenvolvimento industrial e comercial do Brasil. O «slongan» é «fazer de novo», enterrando as antigas quere-las.

As directrizes políticas do novo chefe do Estado serão conhecidas hoje quando se dirigir aos ministros. Os observadores estão persuadidos de que vai ser feito um grande esforço de renovação, sem comprometer os objectivos fixados pelos militares quando afastaram do Poder o regime de Goulart.

DIA A DIA PREPARATIVOS SOVIÉTICOS

A notícia tem carácter oficial, uma vez que é dada pelo órgão das forças militares soviéticas «Estrela Vermelha». Esta informa que na província marítima da Sibéria Oriental, que tem por capital Vladivostok e com a China uma fronteira de mais de quinhentos quilómetros, os preparativos militares entraram em fase de grande actividade. Esta reveste-se de características especiais, que denunciam a verdadeira natureza do conflito sino-soviético. Os russos procuram não distrair importantes forças de manobra que possa ser afectado o seu potencial estratégico noutras regiões do Globo e iniciaram uma preparação a longo prazo, baseada na eventual utilização dos recursos demográficos da população local. Segundo aquela publicação soviética, a preparação da mocidade começou a fazer-se desde os doze anos, em escolas de treino, nas quais a tarefa de adestramento está a cargo de oficiais do Exército e outros elementos das forças armadas que já ali prestavam serviço.

Para jovens entre os doze e os dezasseis anos começou também um treino intensivo nas instalações da esquadra russa do Pacífico, ao mesmo tempo que se intensificam os preparativos para a realização, ainda este ano, de jogos desportivos em larga escala, os quais são uma forma de treino militar. Calcula-se que nesses jogos tomem parte, este ano, trinta e cinco mil rapazes. A província marítima é uma das regiões que a China reivindica, clamando



RUDION MALINOVSKI ministro da Defesa soviético

do que se trata de território chinês e não de território soviético. Segundo agora foi revelado, em meados do ano passado o adestramento da população civil para fins militares iniciou-se também noutros territórios contestados. A «Estrela Vermelha» fala de, pelo menos, três províncias fronteiriças onde esse trabalho está em curso há alguns meses. A Liga da Juventude da província Oriental da Sibéria (Komsomol) tem, nessa tarefa, o principal papel.

As exportações inglesas para a Rodésia atingiram em 1966 11 milhões de libras

SALISBURY, 16. — (F. P.) — As exportações britânicas para a Rodésia atingiram, o ano passado, onze milhões de libras esterlinas, apesar das sanções — declarou o ministro rodésiano das Finanças, John Wrathall, respondendo às afirmações de Londres de que o volume das exportações não tinha ultrapassado 2,7 milhões de libras, no ano findo.

Se o cálculo de Londres está certo — acrescentou Wrathall — então os exportadores britânicos têm manifestamente desenvolvido um grande esforço para fazer chegar as suas mercadorias à Rodésia por outras vias.

Wrathall disse ainda que, no corrente ano, a Rodésia procura novas fontes de abastecimento, além das inglesas.

Expectativa em Saigão Os «vietcongs» bombardeados com tambores de gasolina

(Continuação da 1.ª página)

sentante dos Estados Unidos na O. N. U., propõe uma «solução de compromisso» para se chegar às negociações destinadas a pôr termo à guerra no Vietnam e a procurar uma solução pacífica do problema.

Este processo consistiria em obter simultaneamente uma redução das operações militares americanas e norte-vietnamitas enquanto se desenrolassem conversações preliminares. A etapa seguinte seria uma nova conferência de Genebra, durante a qual seriam negociados os problemas políticos inerentes à guerra do Vietnam.

Assim definido esquematicamente, tal processo seria uma versão dos «três pontos» da fórmula que U Thant apresentou há mais de um ano: cessação incondicional dos bombardeamentos, redução das operações militares de um lado e do outro e admissão do Vietcong nas negociações.

Diz-se nos meios informados da O. N. U. que o presidente Johnson tinha conhecimento da nota de U Thant quando comentou, no Tennessee, as condições em que os Estados Unidos entrariam em negociações.

UM «ESPECIALISTA» DAS NEGOCIAÇÕES MELINDROSAS SUBSTITUI CABOT LODGE

SAIGÃO, 16. — (F. P.) — É grande a expectativa quanto à significação das substituições que o presidente Johnson anunciou ontem na pessoa dos mais altos dirigentes da missão americana na capital sul-vietnamita.

Os observadores notam que o novo chefe desta missão, Bunker, é tido por «especialista das negociações melindrosas».

Nas semanas que se seguem, prevê-se a renovação quase total da equipa americana civil, e talvez, mesmo, dos mais altos cargos militares.

Há dois dias, o chefe da secção política da Embaixada terminou a sua missão. Agora, é Cabot Lodge e o seu adjunto William J. Porter, que cedem a vez a outros diplomatas.

Na realidade, a demissão de Porter foi a que maior surpresa causou. Há quem a explique pela decisão do presidente Johnson de colocar em Saigão, a orientar os as-

suntos civis, o seu conselheiro pessoal, Robert Komer, cujas duas estadias anteriores nesta cidade foram comentadas com severidade, tanto nos círculos da Embaixada americana como noutros.

AS MODIFICAÇÕES PODERÃO ABRANGER O PRÓPRIO GENERAL WESTMORELAND

Em 15 de Maio, Barry Zorthian, membro do conselho da missão, deve terminar estas funções. Dirige os serviços de informação e propaganda. Seguir-se-ão Roy Wehrle, principal conselheiro para as questões económicas, e o general Bill Humphreys, chefe dos serviços de saúde.

Provavelmente, as modificações no plano militar só virão a ser conhecidas durante a conferência de Guam, mas desde já tudo leva a crer que as funções do general William C. Westmoreland serão profundamente alteradas.

Interrogado, Cabot Lodge declarou tratar-se de «simples coincidência», não devendo interpretar-se a situação como «modificação da política americana no Vietnam».

«De momento, nada faz prever inovações...» — acrescentou o embaixador.

Disse, também, que para a maior parte das personalidades substituídas, «está a expirar o tempo regulamentar de estadia (18 meses)». Para algumas, até, esse tempo foi grandemente ultrapassado.

MANIFESTAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE TRENTO

TRENTO, 16. — (F. P.) — A Universidade desta cidade foi encerrada por tempo indeterminado, a pedido do reitor.

A reitoria tinha solicitado ontem a intervenção da Polícia para mandar evacuar os estudantes que ocuparam os edifícios, depois de uma manifestação a favor da paz no Vietnam.

REALIZADORES EUROPEUS VÃO COLABORAR NUM FILME SOBRE A GUERRA

HA NOI, 16. — (F. P.) — O cineasta holandês Joris Ivens vai rodar no Vietnam do Norte um filme acerca da guerra, com a colaboração dos realizadores franceses Alain Resnais, Jean Luc Godard, Agnès Varda e Jacques Deby — anuncia a agência norte-vietnamita de informação. Ivens encontra-se em Hanói a convite do Ministério da Cultura.

Os «vietcongs» bombardeados com tambores de gasolina

VUNG TAU, 16. — (R.) — A Força Aérea australiana iniciou os bombardeamentos no Vietnam lançando tambores de gasolina sobre os «vietcongs» e incendiando-os com balas tracejantes.

Um informador da base aérea australiana nesta localidade declarou hoje que um avião de transporte «Caribou» lançou ontem 44 tambores de gasolina de 200 litros na densa floresta da província de Phuoc Tuy, sobre concentrações de guerrilheiros. Em seguida, os helicópteros voaram a baixa altitude sobre as árvores, disparando milhares de balas tracejantes contra a gasolina que se derramara dos tambores.

Quando os helicópteros se aproximaram, os guerrilheiros abriram fogo, sem, no entanto, causar baixas. Ignora-se se houve baixas entre os «vietcongs» devido ao incêndio, que lavrou durante horas.

Este primeiro ataque aéreo australiano foi motivado por indicações dos serviços secretos de que os juncos do Vietcong navegavam, de noite, até à costa a fim de descarregar munições que eram, depois transportadas pelos guerrilheiros através da densa floresta, próximo da cidade de Dat Do.

Sylvie Vartan e Johnny actuaram juntos pela primeira vez

PARIS, 16. — (F. P.) — Vinte e uma cadeiras partidas, manifestações transbordantes de entusiasmo durante mais de duas horas e um serviço de ordem interno e externo reforçado (que não chegou a intervir) assinalaram, ontem à noite a apresentação conjunta, no Olympia, do casal Smet, mais conhecido pelos nomes de Sylvie Vartan e Johnny Hallyday.

Foi a primeira vez que, dançando e cantando, os dois canções «yé-yé» se exibiram no mesmo espectáculo.

ANDARES NO ESTORIL VENDEM-SE

Excelente localização a 200 m da Praia de S. João e Tamariz.

PRÉDIOS de 7 pisos — Zona de convívio no último andar — Este c/ salão de festas, cozinha, W. C. senhoras e cavalheiros, bengaleiro e elevadores.

ANDARES c/ 5 c. assoalhadas, cozinha, casas de banho, copa, despensa zona de serviço, lavabos, c/ fogão de sala e roupeiros.

De todas as varandas, panorâmica completa do mar e Baía de Cascais.

Amplas zonas ajardinadas c/ parques automóveis privativos, construção e acabamentos de 1.ª qualidade e de luxo.

TRATAM OS PRÓPRIOS — GIL E COSTA, L.ª — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, COM ESCRITÓRIOS EM LISBOA NA RUA DE S. MAMEDE AO CALDAS, 6, 2.ª, ESQ — TELEFS. 86 08 77 - 86 58 15 E 87 06 69.

MOSTRA NO LOCAL — ESCRITÓRIOS NO ESTORIL — RUA DOS CEDROS (JUNTO AO HOTEL PARIS) — TELEF. 26 15 88, ONDE PODEM SER CONSULTADAS MAQUETAS E DESENHOS EM PORMENORES.

A conferência de Imprensa do ministro dos Negócios Estrangeiros

(Continuação da 1.ª página)

matéria nuclear é por isso havida pelas potências atómicas como dificilmente aceitável: se terceiros países, que não lhes estejam subordinados, puderem também pramir com autonomia o gatilho atómico, os possuidores da arma máxima sentem que podem ser forçados a uma guerra nuclear contra sua vontade e sem que estejam directamente em jogo e de forma imediata os seus interesses fundamentais. O ângulo de visão dos dois grandes polos de força é assim igual nesta matéria e são coincidentes os interesses; e assim se explicam as conversações que entre si aqueles têm conduzido. Verificase, todavia, que algumas outras potências — cuja capacidade nuclear é ainda inferior ou que ainda não fazem parte do «clube atómico» — tem suscitado objecções e expresso funda inquietação perante a eventualidade de um tratado russo-americano limitando e controlando e em certos casos mesmo proibindo a produção de energia nuclear, uma vez que esta pode sempre ser usada para fins militares. Compreendem-se os propósitos e os sentimentos das potências atómicas; mas a justiça e a objectividade levam-nos a entender também as fundadas razões dos demais países. Em primeiro lugar, o tratado em negociação limita e até proíbe os meios de produção de energia nuclear por terceiros países; mas essa proibição não se aplica às duas super-potências atómicas. Em segundo lugar, as mesmas duas potências não só continuariam a expandir a produção de energia atómica para fins pacíficos ou militares, como não destruiriam todo o armamento atómico que já possuem e que lhes criaria uma situação de soberania privilegiada. Finalmente, depois de haverem imposto o desarmamento atómico de todos os povos, não dão a estes a menor protecção ou garantia de defesa contra agressão nuclear, o que quer dizer que cada um dos grandes países fica, em teoria, livre de atacar terceiros com meios nucleares, sem que esses terceiros países se possam proteger ou tenham a garantia da protecção de outros «grandes». Além de tudo isto, e mesmo no simples plano tecnológico ou industrial ou económico, o problema reveste-se de aspectos que podem ser decisivos para o progresso e bem-estar de todas as nações actualmente estranhas ao «clube nuclear» dos grandes. E todo este problema é tão relevante que muito tem influenciado a viragem da política mundial, e em particular da política europeia, que parece processar-se desde há alguns meses, e que cumpre assinalar. Portugal não produz, nem utiliza, de momento energia nuclear, embora nos planos de Governo seja considerada a sua produção e utilização para futuro mais ou menos próximo; mas não podemos deixar de compreender os motivos que levam grandes potências a erguer-se contra um tratado que se poderia classificar de «Tordesilhas Nucleares». E a todos estes aspectos não julgo que tenhamos dado entre nós suficiente rele-

FALECEU

FREI DIOGO CRESPO

Faleceu hoje frei João Diogo Crespo, conhecido religioso da Ordem de São Francisco de Assis. Tinha 63 anos e disfrutava de grande prestígio no meio católico, especialmente entre a juventude, devido à sua cultura e aos cargos que exerceu em movimentos apostólicos. Foi director da revista «Flama» e durante o desempenho desse cargo manteve particulares contactos em pessoas ligadas aos meios artísticos. Era natural de Fereia do Alentejo, tendo tomado o hábito de franciscano, no Seminário de Tuy (Espanha), em Agosto de 1963. O funeral efectua-se amanhã, às 11 horas, da capela do Ordem Terceira de São Francisco, a Jesus, para o cemitério dos Prazeres.

Conselho regional

da Casa de Trás-os-Montes

Esta noite, às 21 e 30, na sede da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, tomam posse os componentes do conselho regional eleito para o ano corrente.

vo e por isso me permiti chamar a atenção para os mesmos.

As actividades da Organização da Unidade Africana

Noutro plano inteiramente diferente recordarei a reunião recente da Organização da Unidade Africana. Direi que o seu traço mais notável, desta vez, foi a sooriedade, a quase apagada discórdia com que decorreu o encontro de Addis Abeba. Nada teve de espectacular, nem de particularmente ruidoso. Poderá pensar-se que as reuniões da Organização vão ganhando em eficiência e compostura o que vão perdendo em demagogia e virulência. Mas não foi isso que parece ter-se produzido. A reunião caracterizou-se sobretudo pela atmosfera de desinteresse, pelo agravamento das divergências entre os seus membros, pelas dificuldades financeiras com que luta a Organização, pela perplexidade bem vinda em que se debatem os participantes quanto aos insucessos da política que têm preconizado e pela sua hesitação quanto ao resultado das iniciativas que gostariam de tomar. Ouviram-se as habituais acusações contra o colonialismo e sobretudo o neo-colonialismo, e deverá dizer-se que nem todas serão destituídas de fundamento; preconizaram-se algumas medidas, como no que toca ao Sudoeste Africano, cuja inviabilidade se conhece antecipadamente; e não conseguiu a reunião deixar de recomendar o uso da violência, desta vez contra a Rodésia.

Há que sublinhar um ponto: nenhuma resolução foi votada contra Portugal, nem houve propriamente debate sobre o Ultramar português, e isso porque, segundo foi alegado, já é sobejamente conhecido o ponto de vista da O. U. A. sobre a política portuguesa. Congratulemo-nos com o facto, sem esquecer que este traz sobretudo as discrepâncias profundas que dividem os componentes da Organização. Como quer que seja, não foi um êxito o encontro de Addis Abeba. Segundo os jornais, o representante da Tanzânia disse no fim que os delegados não se haviam comportado com clareza, nem com dignidade, nem com autenticidade. Em qualquer caso, afigura-se fora de dúvida que a Organização da Unidade Africana sente não poder manter a mesma virulência, a mesma agitação estéril, o mesmo dinamismo demagógico como até aqui; e talvez entre agora num terreno mais construtivo, mais sólido e mais responsável. Toda a África apenas terá a ganhar com o facto se este vier a confirmar-se.

As relações com a Suécia

No plano das nossas relações bilaterais, quereria dizer uma palavra sobre a Suécia. Portugal sempre tem mantido com a Suécia relações correctas. No plano económico e comercial, no plano cultural, mesmo em alguns aspectos políticos, os nossos contactos com aquele país, desde há muitos anos, têm sido cordiais, mesmo amistosos, e caracterizados por espírito de boa colaboração. Penso que sempre temos respeitado a Suécia, e que a havemos tratado com a consideração que aquele país nos merecia. Internacionalmente, colaborámos e colaboramos com aquela nação em vários organismos a que ambos pertencemos. E nas Nações Unidas, durante anos, a Suécia sempre nos apoiou, e era a delegação sueca aquela que tomava a iniciativa de apresentar propostas ou pedidos favoráveis a Portugal e à sua política em África. Repito: a delegação sueca era das mais activas entre as que nos favoreciam na O. N. U. Durante todo este tempo, não julgo que tenhamos ofendido a Suécia ou que tenhamos faltado a algum dever ou compromisso, e nunca o Governo de Estocolmo nos dirigiu qualquer reclamação ou fez qualquer queixa. Mas, nos últimos tempos, em particular nos últimos meses ou semanas, tudo tem mudado. A imprensa sueca conduz uma campanha permanente e sistemática contra Portugal, em que o insulto frisa com a violência, em que a mentira iguala a paixão tendenciosa; e a rádio e a televisão suecas dedicam-nos horas de acusações de toda a ordem. Nós temos procurado esclarecer factos, refutar argumentos, fornecer elementos concretos; mas a imprensa sueca, embora liberal, não pode jamais acolher dados ou opiniões contrárias às suas. Idêntica atitude assumem a rádio e a televisão: esta última recusa, mesmo, tomar conhecimento de documentos fotográficos que se tentou pôr à sua disposição, e isso porque aquela destruiu a imagem artificial e negativa que tem difundido a nosso respeito. Houve, há tempo, um grande jornal de Estocolmo que imprimiu, a três colunas, uma fotografia de uma miserável barraca

de madeira, que não era identificável, mas a legenda explicava que Lisboa era assim, e só assim. De tudo somos acusados: e não há defeito que se não atribua à nossa política, à nossa sociedade, ao nosso povo. Mas, ultimamente, esta situação ainda se agravou. Membros do Governo sueco falando publicamente no Parlamento, ou fora dele, têm expresso as mais hostis opiniões acerca da política portuguesa, muito particularmente no que toca ao Ultramar. Somos acusados de crueldade, de opressão, de atraso; há poucos dias, um membro do Governo sueco, classificou de «abominável» a nossa política. Isto foi ouvido por todo o Parlamento sueco e lido na imprensa; mas, posteriormente, parece ter sido rectificado e omitido no diário das sessões, consoante um outro jornal sueco sublinha criticamente. E o ministro dos Negócios Estrangeiros sueco afirmou, também, que a nossa política ultramarina era «de vistas curtas», que a Suécia a «condenava absolutamente», e, por último, declarou, numa grande frase, que o Governo português «já sabia bem qual era o ponto de vista da Suécia nesta matéria». E acrescentou que se internacionalmente fossem decretadas sanções contra Portugal, a Suécia, apoiada-las-ia fielmente. Mas, para já, reparemos, sobretudo, nisto: o ministro sueco dos Negócios Estrangeiros declarou, oficialmente, e com soberania, que o Governo português já está bem informado do que pensa a Suécia nestes assuntos, querendo, assim, significar que agora espera que Portugal adopte religiosa e respeitosa o ponto de vista sueco. Não sabemos que necessidades de política interna podem ter influenciado ou levado aquelas declarações; mas, em qualquer caso, nada temos com tais circunstâncias. Parece, porém, que não nos é útil manter silêncio quando o ministro dos Negócios Estrangeiros sueco nos diz e comunica ao mundo que Portugal já foi completamente informado do que pensa a Suécia acerca da nossa política. Fica-se perplexo perante uma tal atitude.

Julgará o ministro sueco que é importante para o mundo saber o que a Suécia pensa ou deixa de pensar a respeito da política portuguesa? Julgará o ministro sueco que nos confina da China, na Rússia, nos Estados Unidos ou nos corredores da O. N. U. se está ansiosa e nervosamente à espera de saber o que pensa a Suécia quanto a Portugal para então aqueles países

definirem depois a sua própria opinião? Finalmente, julgará o ministro sueco que nós ficamos perturbados porque a Suécia discorda de nós, ou que ficamos hesitantes e preocupados porque não beneficiamos da aprovação ou da anuência da Suécia, ou que vamos modificar a nossa política, ainda que fosse num pequeno pormenor, para ter em conta o que afirma a Suécia? A declaração sobreceira e solene feita pelo ministro sueco é manifestamente excessiva. Mas daria a Portugal um direito. Dar-nos-ia o direito de dizer à Suécia, doravante, o que pensamos da sua política, das suas instituições e da vida colectiva da Suécia.

Mas, por nossa parte, não desejamos adoptar o mesmo método reprovável, e por isso abster-me-ei de ir mais além. Mas em todos estes atritos suscitados pela Suécia há um outro ponto que convém destacar. Nas campanhas da imprensa de Estocolmo sugere-se que a Suécia deveria deixar de comprar e de vender a Portugal — porque o comércio luso-sueco, e o intercâmbio económico luso-sueco, contribuem para que Portugal sustentasse uma guerra no Ultramar. Eu não compreendo bem este argumento. Não vejo bem como pode a instalação de uma fábrica de celulose em Portugal, para produzir papel, ajudar o que a Suécia alega ser a cruel política portuguesa em África; compreendo que isso possa beneficiar os investimentos e os capitais suecos; mas escapa-me a ligação com o problema africano. Como quer que seja, neste capítulo do comércio luso-sueco há que acentuar um aspecto importante. Pela convenção de Estocolmo, de que os dois países são partes, ambos são obrigados a permitir a entrada livre das mercadorias do outro.

Há que definir posições

Esperamos que a Suécia continue a adquirir produtos portugueses; nós faremos o mesmo, e continuaremos a adquirir produtos suecos. Mas se a Suécia sente relutância em nos fornecer produtos seus, porque isso nos ajuda no Ultramar, então basta que nos dispense das obrigações de Estocolmo e que nos peça para comprarmos noutro país o que compramos na Suécia. Logo que recebamos esse pedido assim faremos imediatamente, e ficará apaziguada a consciência sueca. Mas de tudo quanto afirmo quero sublinhar um último aspecto. Não negamos à Suécia o direito de discordar de nós e de julgar diferentemente os acontecimentos

e de se reger por instituições diversas. O que se torna sujeito a reparo é o tom de julgamento e de magistratura moral que a Suécia se arroga.

Cordialidade com a Áustria

Concluo com uma alusão à visita recente que fiz à Áustria. Não temos com este país problemas ou dificuldades especiais, e as nossas relações com a Áustria processam-se no terreno construtivo da boa colaboração e do bom entendimento. Todos sentimos profunda admiração, para com o povo austriaco, pelas suas grandes tradições históricas, pela sua apurada sabedoria política, pela sua extremada cultura; e hoje a Áustria assume de novo uma posição singular, mercê de uma neutralidade que todos respeitam, e que lhe permite ocupar uma posição central e imparcial entre o Leste, o Oeste e o terceiro mundo. Por isso tem interesse que um membro do Governo Português tivesse sido convidado e recebido pelo Governo Austriaco, e possa trocar com este opiniões e informações sobre alguns grandes problemas que a todos interessam, como as relações Leste-Oeste, a crise das Nações Unidas, os problemas económicos, e outros, mais particularmente referentes à Áustria e a Portugal. Todas as conversas se realizaram num ambiente de esplêndida cordialidade e de grande franqueza, e terá interesse indicar, sem querer ser indiscreto para com os nossos amigos austriacos, que encontrei em Viena de Áustria, em muitos círculos, pontos de vista semelhantes aos nossos sobre alguns grandes problemas embora partindo naturalmente de ângulos diferentes. Por último, quero daqui agradecer ao chanceler da Áustria, dr. Klaus, o seu generoso acolhimento. Quero em particular destacar os meus agradecimentos ao ministro austriaco dos Negócios Estrangeiros, dr. Toncic-Sorini. Trata-se, aliás, de um grande amigo de Portugal, profundo conhecedor e admirador da nossa história, da nossa cultura, das nossas realidades actuais. Desde há anos que nos visita, e por isso não foi de agora o nosso conhecimento. Não se estranhará assim que aquela amizade por Portugal, junta à bem conhecida cortesia e calorosa hospitalidade austriacas, tenha levado o ministro a extremos de amabilidade e de deferência para com Portugal e o seu Governo, de que beneficiei largamente. Daqui renovo por isso os meus agradecimentos ao ministro austriaco e ao seu Governo.

Quanto ao caso do arrastão espanhol o ministro confirmou a razão que assistia à lancha portuguesa e expressou o seu pesar pela morte de um marítimo

Após a sua declaração, o ministro pôs-se, como habitualmente, à disposição dos jornalistas para esclarecer quaisquer dúvidas e responder às perguntas que estes lhes quisessem fazer. Começou, então, a série de perguntas e respostas.

P. — Seis anos volvidos sobre o começo da guerra em Angola, como se pode caracterizar a presente situação sócio-económica-militar daquele território?

R. — Decorrido um novo período de seis anos temos já uma perspectiva clara da maneira como se tem processado o desenvolvimento daquela província ultramarina portuguesa. No plano político, pode dizer-se que está inteiramente restabelecida dos acontecimentos que toda a gente conhece, e pode, até, concluir-se que esses acontecimentos não tiveram a sua origem em Angola, mas nasceram noutros países que não tinham a sua base em Angola; tão-pouco esses acontecimentos disseram respeito à maioria do povo de Angola. No plano militar, as Forças Armadas Portuguesas restabeleceram a normalidade, e hoje não há uma área mínima daquela amplo território que não esteja controlada pelas nossas forças. Se não houvesse no estrangeiro as bases inimigas que todos sabem existir, não haveria qualquer problema em Angola. E' no Congo — como o próprio Governo de Kinshasa afirma — que estão as bases e é dali que parte a orientação para o ataque a Angola. No plano interno, muitos teriam pensado serem os prejuízos irrepará-

veis. Mas desde há anos que se está em perfeita normalidade e Angola retomou o seu progresso de crescimento.

P. — Portugal estaria disposto a reconsiderar a questão do reconhecimento diplomático de países do Leste europeu?

R. — A posição, de princípio, de há muito que está estabelecida, e, ainda recentemente, o Chefe do Governo a manifestou, numa entrevista ao jornal francês «Figaro». Temos relações comerciais com países do Leste e, até mesmo, relações diplomáticas com um deles. Sem dúvida que essas relações se têm expandido. Quanto a um próximo alargamento de contactos entre Portugal e países do Leste, não vejo perspectivas, de momento, embora isso possa suceder em qualquer altura, a partir do momento em que o Governo português considerar que isso lhe traz vantagens. No entanto, repito, de momento não há perspectivas.

O caso do arrastão espanhol

Um correspondente espanhol inquiriu então do dr. Franco Nogueira qual a posição do Governo português acerca do incidente nas águas de Sesimbra, entre um pesqueiro espanhol e uma lancha portuguesa de fiscalização, do qual resultou a morte de um marítimo daquele pesqueiro.

Sobre isso, o ministro respon-

— As autoridades portuguesas fizeram o mais rigoroso dos inquéritos logo que tiveram conhecimento desse infortunado incidente. Não

resta, porém, a menor dúvida, repito, a menor dúvida, quanto aos factos. O pesqueiro espanhol estava pescando claramente dentro de águas portuguesas, não obedecendo às ordens da lancha de fiscalização portuguesa. Quando esta se aproximou, o pesqueiro espanhol abandonou as suas redes e navegou para o largo. A lancha portuguesa deu-lhe ordem para parar e, inclusivamente com o sinal «K» que internacionalmente tem esse mesmo significado, mas nem por isso foi obedecida. Fez então tiros de aviso, disparando cerca de uma centena de balas para a água. O pesqueiro não só não parou como acelerou a sua marcha. Foi então que da lancha se fizeram disparos para a estrutura superior do pesqueiro e só assim este parou. Verificou-se que um homem havia sido atingido e, embora rapidamente transportado para Setúbal, os esforços dos médicos não conseguiram, infelizmente, salvar-lhe a vida.

E o dr. Franco Nogueira acrescentou:

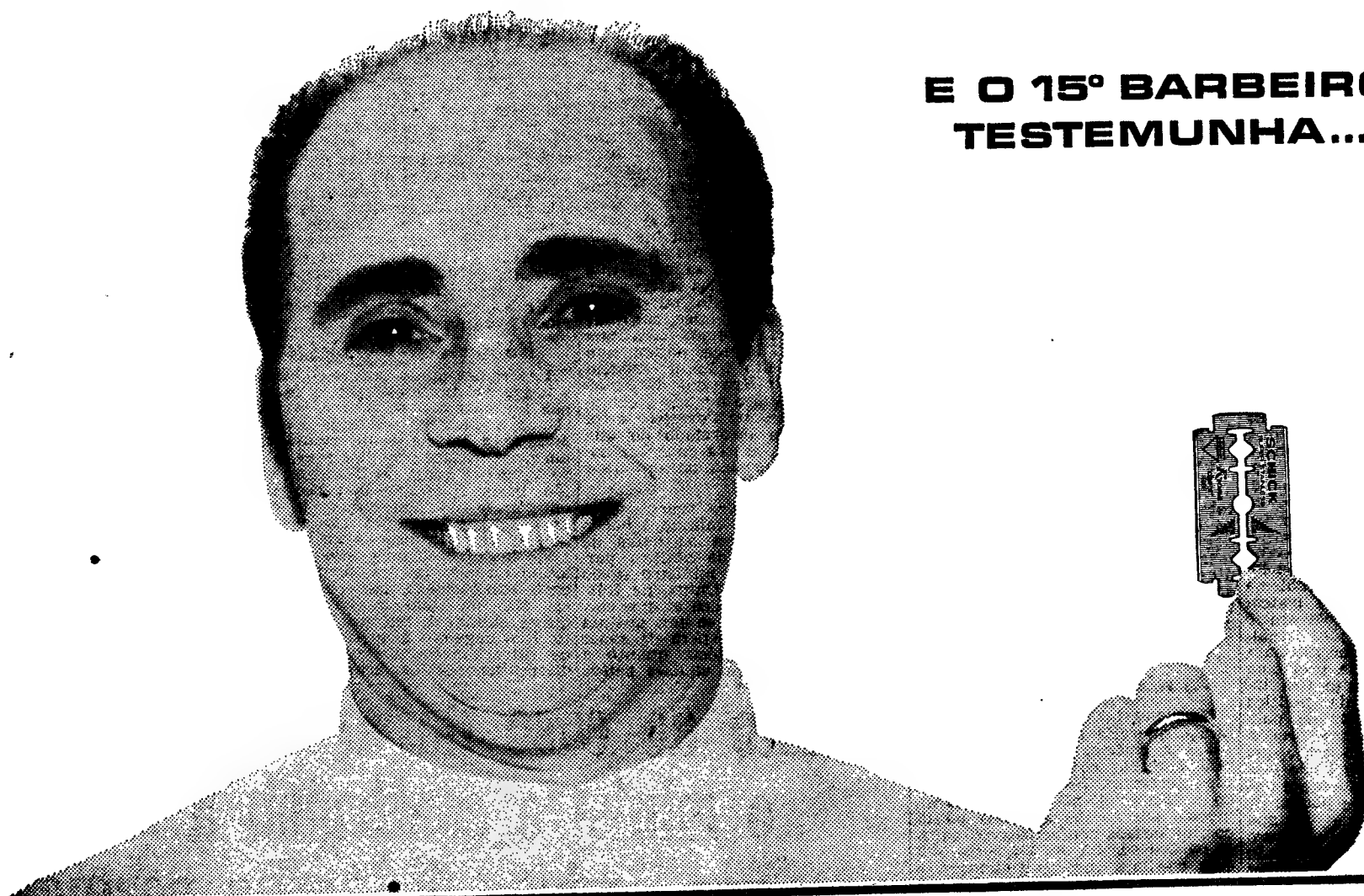
— Compreendo a emoção que este facto causou entre os nossos amigos espanhóis e só ela pode explicar a pouca objectividade da imprensa espanhola ao tratar do caso. Há um ponto, porém, que quero referir, para esclarecimento dos correspondentes espanhóis: Não podia a lancha portuguesa ter detido o pesqueiro de outro modo, apesar de ser muito mais rápida do que ele. Essa rapidez permitia-lhe perseguir o pesqueiro, até

(Continua na última página)



Estes 15 barbeiros experimentaram uma lâmina SCHICK

**E O 15º BARBEIRO
TESTEMUNHA...**



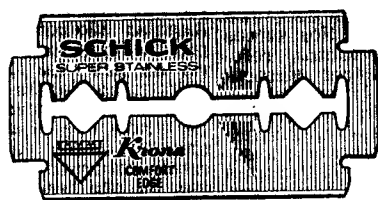
...15 barbas bem feitas com UMA ÚNICA LÂMINA
SCHICK
SUPER STAINLESS STEEL

Eu abaixo assinado, António Duque, exercendo a profissão de barbeiro, agremiado no. 2882, declaro que me barbeei suavemente com uma lâmina SCHICK Super de aço inoxidável.

Esta mesma lâmina barbeou outros 14 barbeiros na minha presença.

Fui o 15º a utilizar esta lâmina e fiquei perfeitamente barbeado.

António Duque



* segue reconhecimento

DISTRIBUIDORES: João Machado da Conceição & C., L. LISBOA - PORTO



A MULHER DO FUTURO

pode ser mais independente

Responde um gerente comercial, casado, de 60 anos.

1 — Qual a sua concepção da mulher ideal? Que qualidades considera indispensáveis no sexo feminino?

R. — Será a que conduz a vida pelo amor. Um amor que une entre si aqueles com quem convive, tornando-se centro de atracção pela simpatia. Utiliza ideais religiosos espiritualmente sólidos. A parte as qualidades comuns a ambos os sexos, a mulher deve possuir a graça natural que é fruto do espírito de doação e da capacidade de viver conscientemente alegre porque sabe suportar as contrariedades da vida. Fisicamente deverá ser bonita e elegante, no duplo sentido das suas formas e na originalidade do seu vestir.

2 — Como imagina a mulher do futuro?

R. — Penso que pode ser mais independente do que a mulher de hoje. As que souberem compreender a vantagem que o mundo de amanhã lhes oferece, podem desenvolver um sentido de responsabilidade que lhes dará uma posição de autêntica orientação, pela educação, inclusive dos adultos. O natural do homem é render-se ao bem. Num mundo que procura uma definição de uma vida mais nobre e justa, pela distribuição equitativa dos valores de toda a ordem, a posição da mulher poderá ser a de fomentar uma nova ordem não só das coisas, como facilitar o equilíbrio social.

3 — Qual a sua opinião acerca do trabalho profissional da mulher? Acha-o incompatível com as suas atribuições de mãe e dona de casa? Porquê?

R. — Quando isso represente uma forma da sua realização através de uma actividade social, porque não? Certamente há casos em que sim e casos em que não. Mas se a mulher recebe uma educação que lhe permite ser um valor, sempre encontrará maneira de, pelo seu trabalho, ser útil à sociedade. O que importa é que as horas que dedica aos

filhos, como as que dá à sociedade, sejam válidas.

É grande o número de mulheres que procura cultivar-se

4 — Como gostaria que decorresse a orgânica do seu lar? Participa na sua elaboração ou deixa isso à inteira responsabilidade da sua esposa? Se não é casado, como espera proceder?

R. — Como tem corrido até aqui, em harmonia, pois não só a minha mulher acompanha o meu trabalho, pelo diálogo constante que estabelecemos, como pela ajuda que lhe dou em casa, quando necessário, mas deixando-lhe liberdade para decidir o que lhe diz respeito.

5 — Como encara a ajuda masculina nos trabalhos domésticos, se a sua esposa não tem criada e trabalha fora do lar? O homem solteiro pode responder em perspectiva do futuro.

R. — Como uma necessidade da vida moderna, que entre nós está a tomar um certo desenvolvimento, sobretudo em casos novos.

6 — Que pensa da cultura e promoção feminina? A mulher de hoje estará ou não mais apta a compreender o amor e a ter socialmente uma posição definida?

R. — A mulher dos nossos dias deu-se conta de que a cultura é indispensável para assegurar o seu empenhamento social. Há certas hesitações entre nós, mas já é grande, graças a Deus, o número de mulheres que procura com avidez cultivar-se. E já não é excepção encontrar mulheres com autonomia em razão da sua cultura. Parece indispensável que, tanto as autoridades como os particulares, com capacidade para isso, organizem, pelos meios competentes, o desenvolvimento da cultura da mulher em todos os domínios. Só assim ela poderá estar à altura de compreender o amor, como meio eficaz de valorização pessoal e dos que a rodeiam, e tanto basta para definir a sua posição.

A formação do homem muito orientada para a profissão

7 — Porque se nota, em geral, um tão acentuado desinteresse da mulher pelas questões políticas? A participação da mulher neste sector tão importante na vida das nações e no rumo dos povos não será de desejar?

R. — Lá chegaremos. O interesse político desenvolve-se entre os que têm capacidade de mando ou através de uma propaganda que dê relevo às necessidades mais instantes da política, considerada como governo dos povos, orientação da educação popular, condicionada pela selecção de valores em todos os sectores da população, de modo a criar um estímulo que quase não existe entre nós.

Claro que a intervenção da mulher na política é indispensável, sobretudo se mantiver uma linha isenta de particularismos, que lhe permita estimular o interesse pela justiça e o bem geral.

8 — A mudança quase radical na personalidade feminina, na última centena, motivou a própria transformação do homem. Quer definir o homem actual?

R. — A vida moderna atrai demasiadamente o homem não preparado para tantas solicitações. Está, contudo, a tomar-se consciência do aproveitamento do tempo, e sem se conseguir o equilíbrio entre o tempo de trabalho e os tempos livres, bem aproveitados, não será possível o melhor rendimento do homem de hoje. Por outro lado, a formação do homem está muito orientada para a profissão e pouco para os valores. Felizmente encontra-se entre os novos uma reacção favorável, no sentido da promoção social, mas com pouco estímulo oficial. Os rapazes que regressam da guerra, nas províncias ultramarinas, trazem uma marca de melhoria no sentido humano. Se o nosso progresso económico se acentuar e se o regresso dos imigrantes da Europa se verificar, com melhoria do valor técnico dos homens, o processo de valorização profissional e social dos trabalhadores portugueses poderá ser um facto.

9 — Que pensa do patriarcado e matriarcado e do novo regime, ainda em esboço, das relações entre os dois sexos?

«Certas liberdades dos jovens favorece as relações entre os dois sexos»

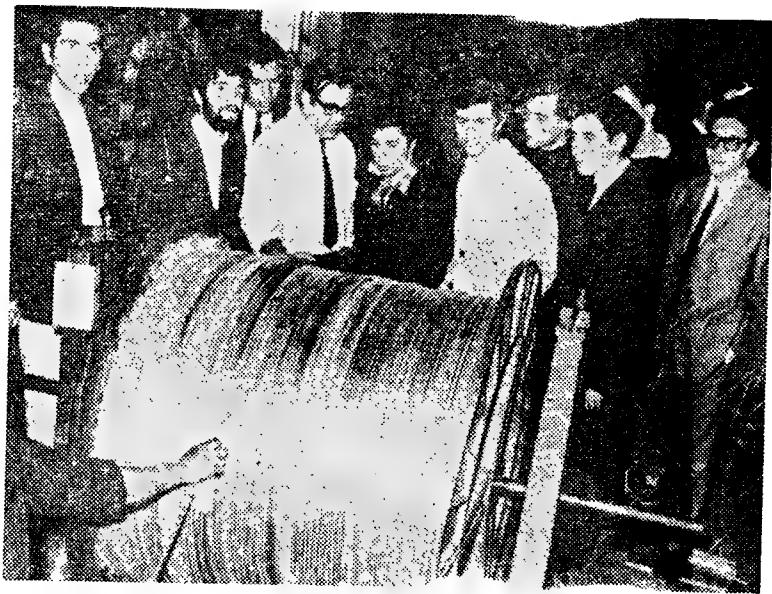
R. — O patriarcado e o matriarcado dependem, em grande parte, das circunstâncias sociais e dos tempos. Com os novos meios de educação, as mulheres têm, por vezes, posição equivalente às do homem para se determinar e até superá-los. Nestas condições o matriarcado impõe-se. Penso, porém, que na maioria dos casos predomina o patriarcado, com uma tendência de equilíbrio, por causa da parte crescente que a mulher está a tomar na vida social. Certa liberdade dos jovens de hoje favorece as relações entre os dois sexos, e será mesmo útil, na medida em que procurem uma ajuda recíproca, num amor construtivo.

10 — Importar-se-ia ser dirigido profissionalmente por uma mulher? Porquê?

R. — Com certeza que não me importava, desde que a direcção estivesse entregue em mãos competentes. Um grande armazém de Lisboa conheceu, durante algum tempo, uma tal ou qual desorganização. Uma vez entregue a uma mulher, com espírito organizador, a administração tomou outro rumo e passou-se a uma fase progressiva. Colaborei com uma mulher que levantou uma casa agrícola, que os sócios (masculinos) tinham arruinado.

NOTA — Para responder é necessário que os leitores indiquem a idade, estado e profissão. Continuamos a receber gostosamente as respostas que nos queiram enviar.

Alunos do Instituto Industrial do Porto visitaram a Fábrica Ávila



Um aspecto da visita

Na sequência de uma série de visitas de estudo de alunos do ensino técnico, estiveram, ontem, na Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo d'Ávila, Lda., um grupo de alunos finalistas do Instituto Industrial do Porto, acompanhado de professores das respectivas disciplinas. A visita, ao longo das várias secções do complexo fabril, orientada por técnicos da fábrica, terminou nos modernos laboratórios de física e de química. Finalmente, foi oferecido aos visitantes um bifeite, durante o qual o sr. Manuel d'Ávila, administrador industrial, disse algumas palavras para

vincar o prazer com que a Fábrica Ávila recebia estas visitas, válidas contributos para a preparação profissional dos futuros técnicos. Em nome de todos, respondeu-lhe o professor eng.º Rogério Paula.

«Diário de Lisboa»

Do sr. Edgar da Silva Lello, da Rua 5 de Outubro, Porto, recebemos uma amável carta de cumprimentos pelo artigo que publicámos em 11 do corrente, com o título «O rio Douro vai ser navegável». Gratos pela atenção.

HOTEL PRAIA-MAR

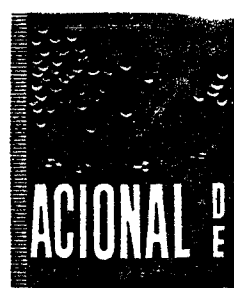
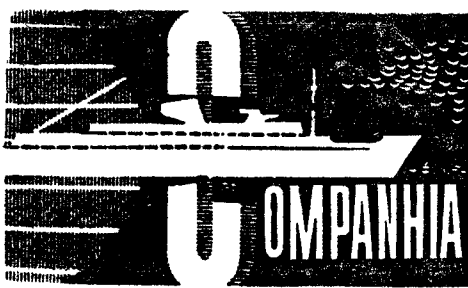
CARCAVELOS

Telefone: 2473131

A 15 KM DE LISBOA POR AUTO-ESTRADA JUNTO DA MAIOR PRAIA DA COSTA DO SOL

O HOTEL QUE LHE PERMITE TRATAR DOS SEUS NEGÓCIOS FAZENDO FÉRIAS A BEIRA-MAR

160 QUARTOS — SALAS DE CONFERÊNCIA, SALA DE JANTAR E BAR COM VISTA PANORÂMICA SOBRE O ATLÂNTICO, COM AR CONDICIONADO



SAÍDAS

LINHAS E ESCALAS

LINHA DE ÁFRICA

«TIMOR»

28 de Março

«Príncipe Perfeito»

25 de Março, às 20 horas

«MOCAMBIQUE»

6 de Abril, às 12 horas

«ROVUMA»

12 de Abril

«SOFALA»

21 de Abril

«TIMOR»

28 de Março

Directo a: Luanda, Lobito, Moçamedes e Lourenço Marques.

Funchal, Luanda, Lobito, Cidade do Cabo, Durban, Lourenço Marques e Beira.

Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cidade do Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

Leixões, Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).

Leixões, Cabinda, Santo António do Zaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçamedes e, se necessário, Porto Alexandre, Cuio e Dande.

LINHA DO ORIENTE

Dili e Macau, via Luanda, Lobito, Moçamedes e Lourenço Marques.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua do Comércio, 79 a 85 — Telef. 323021 — Geral; 322160 — Cargas; 34764 e 369172 — Reserva de Passagens

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22438

AO CORRER DO TEMPO

Procurei identificá-lo ou, pelo menos, decifrar a sua assinatura. Não consegui. Também não importa. O interesse da sua carta está na versão brasileira, de Guilherme de Almeida, dos famosos versos de Paul Gêraldy.

Transcreve você essa versão. Desconhecia-a sim, não é ridículo, mas prefiro o original. Questão de gosto. Vou, contudo, copiar os primeiros versos que teve a amabilidade de me dar a conhecer:

«Eu gosto, gosto de você! Compreende? Eu tenho por você uma doideira...»

Falo, falo, nem sei o quê, Mas gosto, gosto de você. Você ouviu bem isto que eu disse?...»

Escreve-me:

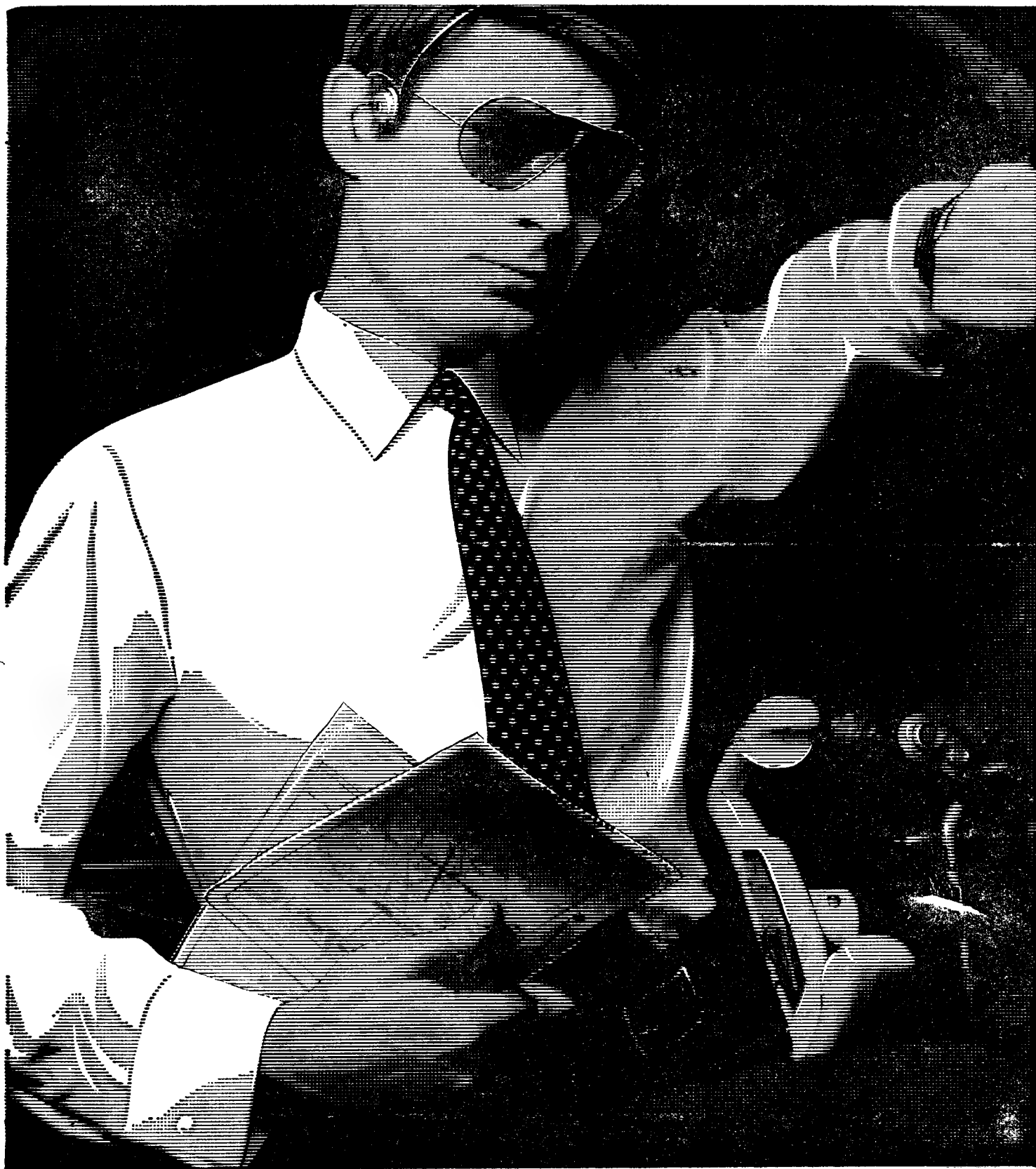
«Aqui tem como o brasileiro Guilherme de Almeida traduziu os primeiros versos de «Expansões», na sua tradução de «Toi et Moi», que intitulou exactamente «Eu e Você».

Vale a pena conhecer esta tradução, pois — se não é heresia intencional, que ganharam um novo sabor com a maneira de dizer brasileira.

A leveza, a naturalidade, a autenticidade e, enfim, a beleza que V. tão bem notou nos versos de Paul Gêraldy, estão, igualmente, presentes nos versos de Guilherme de Almeida, que direi serem, até, quase sempre, mais leves e naturais.

Aproveitei a sua carta, leitor, para a dar a conhecer aquelas das minhas leitoras que, como eu, desconheciam a versão brasileira, a sua existência. As que não lerem com facilidade a língua de Racine, por certo vão apreciar esta notícia. Obrigada pela sua carta e pela revelação da sua sensibilidade.

EVA



© Marca registada de Stoffel S.A.

Sempre impecável e nunca precisa ser passado a ferro Stoffels splendesto®

De facto, a camisa Stoffels splendesto de corte perfeito permanece impecável e mantém a sua elegância o dia inteiro.

Stoffels splendesto é feita duma popeline super leve, de puro e fino algodão de alta qualidade, é agradável de vestir, porosa e não transparente.

Mas, o mais importante é que Stoffels splendesto, é uma fibra natural de 100% de algodão puro e nunca precisa ser passada a ferro.

As camisas Stoffels splendesto estão à venda nas boas casas da especialidade.

Símbolo do
ALGODÃO PURO



MAIS SAUDÁVEL
MAIS CONFORTÁVEL



A popeline Sulça de Stoffels que dispensa o ferro



CARROS USADOS

PROVENIENTES DE
TROCAS

Faunus 20 H (de serviço) 1966

Faunus 12 M 1500 1965

Faunus 12 M 1964

Faunus 12 M 1963

Faunus 12 M Super 1961

e alguns carros de serviço

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva,
n.º 15 (Alvalade)



S.  R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento, nas freguesias de Santa Clara-a-Velha e Saboia, no referido concelho, de um troço final da linha aérea a 15 kV, Odemira-Pereiras, passando pelo posto de transformação aéreo de Saboia Gare, com 9629,5 m, do poste n.º 155 ao posto de transformação de Pereiras, sito no lugar de Pereiras, na freguesias de Santa Clara-a-Velha, e linha aérea a 15 kV com 1477,5 m, do poste n.º 176 da linha anterior ao posto de transformação de Saboia, sito no lugar de Saboia, na freguesia de Saboia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Março de 1967.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condições social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203. r/a. — Telef. 771639.
(Ao Campo Pequeno)

99.94.3.4.p



o dia indicado
à hora indicada
no segundo exacto

POLEROUTER DATE

O relógio POLEROUTER DATE, última descendência da série "POLEROUTER" responde a esta exigência. Movido pelo célebre movimento MICROTOR, está equipado de um calendário automático de grande visibilidade. Existe em ouro, plaqué ouro 300 microns e aço.

- calendário automático
- movimento automático, o mais achatado do mundo
- até 2 dias de reserva de marcha
- 28 rubis
- impermeável
- antimagnético



Representantes oficiais da S.A.S.

S. R.

Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Camaras Municipais dos Concelhos de Barreiro e Moita em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, nas freguesias de Palhais e Moita, respectivamente nos concelhos de Barreiro e Moita, de uma linha aérea a 30 kV, com 756 m, do apoio n.º 23 da linha Palhais-Moita ao posto de transformação da firma J. F. Rocio & Irmãos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Camara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 13 de Março de 1967.

Pelo Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

RECLAMOS LUMINOSOS

«RECLA»

Trata — Projecta — Executa

«HIPÓLITO»

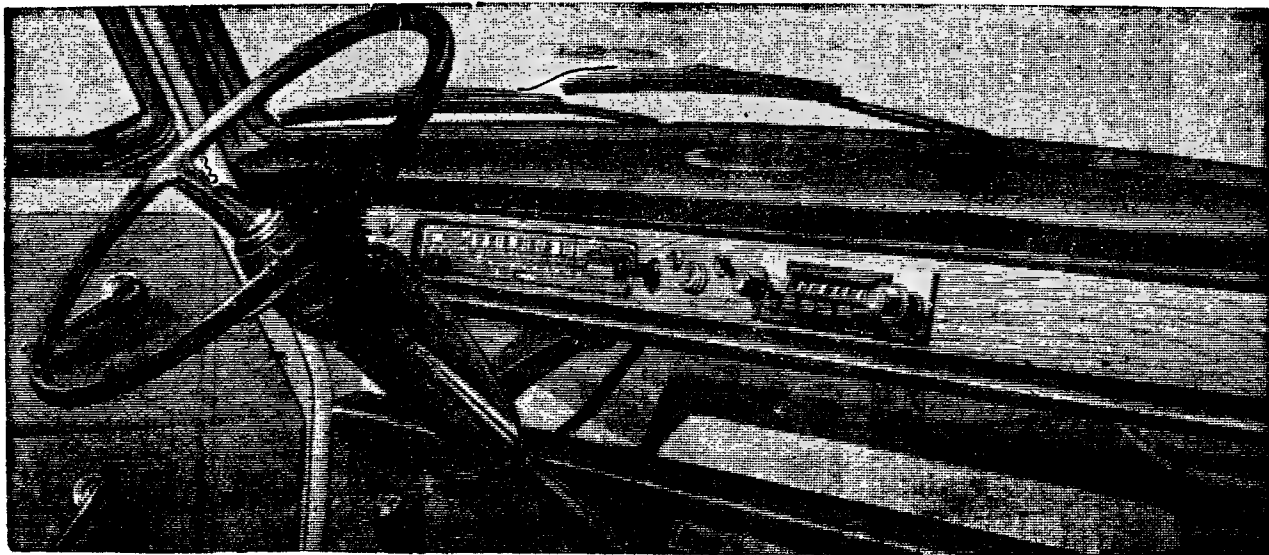
Tel. 675505

Rua D. Carlos Mascarenhas, 65

CAMINHOS DE FERRO

Carruagens directas
de Vila Real de Santo António
a Hendaia, às 4.ªs feiras
para transporte de emigrantes

A fim de proceder ao transporte de trabalhadores algarvios que se destinam a França e além a C.P. estabeleceu um serviço semanal, às 4.ªs feiras, assegurado por duas carruagens directas sem transbordo, de Vila Real de Santo António a Hendaia.



AUSTIN 1100

SEMPRE ACTUAL NO AVANÇO TÉCNICO
E NA ELEGÂNCIA DAS SUAS LINHAS

ECONOMIA

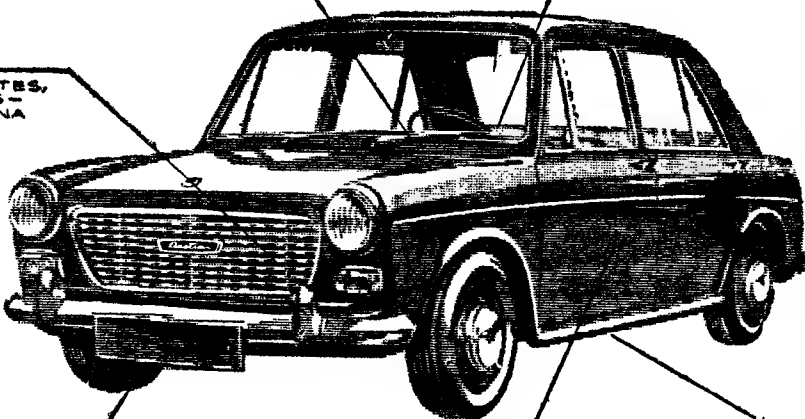
BAIXO CONSUMO DE
COMBUSTÍVEL E
MANUTENÇÃO ECONÓMICA

ACABAMENTOS 1967

PAINEL DE INSTRUMENTOS REVESTIDO
DE MADEIRA, ESTOFOS DE EXCELENTE
QUALIDADE E ASPECTO ESTAPETES
EM ALCATIFA ALCAALOC, DE FIBRA
SINTÉTICA LAVÁVEL

PERSONALIDADE

DE LINHAS ELEGANTES,
SÓBRIAS E ACTUAIS —
DESENHO DE FARINA



CONFORTO

A SUSPENSÃO HYDROLASTIC
E ASSENTOS CONFORTÁVEIS
PROPORCIONAM A
MAIOR COMODIDADE

ESPAÇO

ESPAÇOSO PARA 4/5 LUGARES SEM
DIMENSÕES EXTERIORES
EXAGERADAS O QUE PERMITE
CONDUÇÃO E ARRUMAÇÃO FÁCEIS

SEGURANÇA

RODADO LARGO, BAIXO CENTRO
DE GRAVIDADE E TRANSMISSÃO
À FRENTE CONFEREM-LHE UMA
ESTABILIDADE INEXCESSÍVEL

SE DER PRIORIDADE À SEGURANÇA E
ÀS COISAS REALMENTE IMPORTANTES
DECIDIRÁ POR UM AUSTIN 1100

DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. S. A. R. L. • LISBOA • PORTO • EVORA
BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

S. C. A. L. A.

SOCIEDADE COOPERATIVA
DE ACTIVIDADES LITERARIAS
E ARTÍSTICAS

S. A. C. R. L.

Largo Frei Heitor Pinto, 6

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos Estatutos, são convocados os Senhores Accionistas da SCALA a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no Largo Frei Heitor Pinto, 6, em Lisboa, no dia 31 de Março, pelas 17 horas, em primeira convocação, e, uma hora depois, com qualquer número de presentes, a fim de:

1.º — Discutir e deliberar sobre o Relatório da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1966.

2.º — Proceder à eleição anual dos membros do Conselho Fiscal.

Lisboa, 15 de Março de 1967.

O Presidente da Assembleia Geral

ENG.º PEDRO BELLO

PRÉDIO

À LAPA

Construção em cimento armado, com acabamentos de 1.ª. Compõe-se de 4 inquilinos, tendo cada habitação 5 casas soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa, marquise e hall.
PODE-SE entregar vago ou alugado.
PREÇO — 1.650.000\$00 — FACILITA-SE.

MOSTRA E TRATA A

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2. — TELEFOS. 369384/5/6

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Está aberto concurso para a categoria de terceiros-oficiais do quadro, nas condições publicadas no Diário do Governo, II série, de 2 de Março de 1967. As provas serão realizadas em Junho e serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

Para mais informações dirigir-se à Repartição do Expediente da referida Direcção-Geral, na Rua da Alfândega.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO
DA AGRICULTURA

Fundo de Fomento
Florestal e Aquícola

Concurso público n.º 1/67
(Sacos de polietileno)

Faz-se saber que no dia 30 de Março de 1967, pelas 11 horas, na sede do Fundo de Fomento Florestal e Aquícola, Rua do Telhal, n.º 12-1.ª, Lisboa, se procederá à abertura das propostas relativas ao concurso acima indicado.

O programa do concurso e o caderno de encargos podem ser examinados, durante o horário oficial, na sede deste Organismo.

Para ser admitido a concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter sido efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, à ordem deste Fundo de Fomento, o depósito provisório de 10 000\$00. A guia para este depósito deve ser requisitada na referida sede do Organismo.

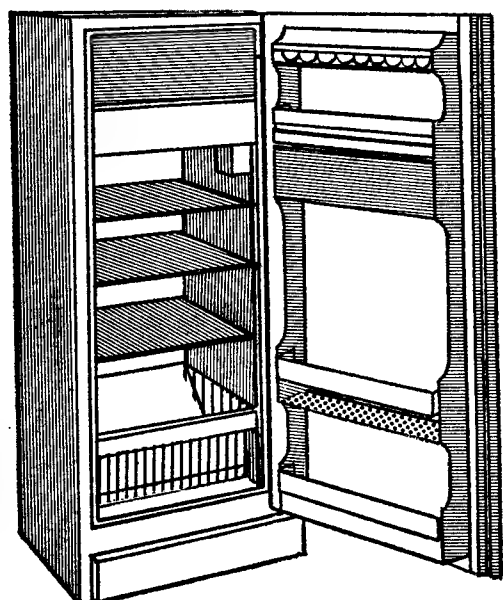
O depósito definitivo para obter a adjudicação do fornecimento é de 5% do preço daquela.

Fundo de Fomento Florestal e Aquícola, 14 de Março de 1967.

O presidente do Conselho
Administrativo,

Jorge Brito dos Santos
Engenheiro Silvicultor

OS PRIMEIROS NO MUNDO



a adoptar
uma nova técnica
na refrigeração
que permite:

- maior capacidade em menor espaço
- mais frio e menor consumo a preços mais baixos

FRIGORÍFICOS **IGNIS**

SÉRIE **SPAZIALE**  **2S**

REPRESENTANTES: Soc. de Rep. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 LISBOA

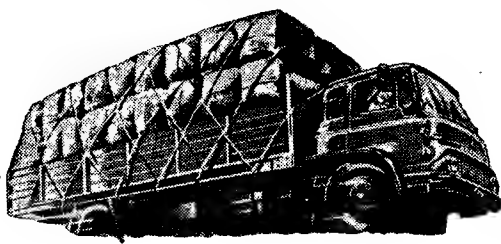
BEDFORD

CAMIÕES PARA TODOS OS FINS



modelos **J**
3.500 a 10.433 Kgs
de peso bruto

modelos **K**
3.500 a 15.000 Kgs
de peso bruto



O proprietário da BEDFORD está sempre protegido pelo serviço de assistência General Motors - SOREL que lhe assegura uma manutenção pronta e eficiente



SOREL CONCESSIONÁRIA DA

RUA FLÁVIO FOLGUEIRAS 12 - TEL. P.P.C.A. 58111 (C. LINDAS)
RUA D. LUIZ G. 28 - TEL. P.P.C. 657 55 56/49
LISBOA

GM
PORTUGAL

S.  R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento, na freguesia de Saboia, do citado concelho, de uma linha aérea, a 15 kV, com 923 m, do poste n.º 93 da linha Odemira-Pereiras ao posto de transformação de Luzianes, sito no lugar de Luzianes.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repertação de Licenciamento, em 10 de Março de 1967.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS - PREÇOS
ACESSÍVEIS



Aven. Padre
Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

CASACOS DE PELES

BOLAS, ESTOLAS E PELES
PARA GUARNIÇÕES

Astrakans, Leopards, Visons, Martas e outras peles a preços sem competência. Consertos transformações e tinturaria. Casacos de Camurça Cabedal e Skai para senhora e homem, confeccionados e por medida. Limpam-se casacos de camurça com garantia. As últimas novidades em MALAS DE CROCODILO e viagem, carteiras, porta-moedas, pastas, luvas, cintos etc., executando-se qualquer trabalho por encomendas. Vendas a pronto e com facilidades de pagamento

MERCADO DAS PELES

RUA DOS FANQUEIROS, 286 TELEFONE 36 99 68

TÁXIS



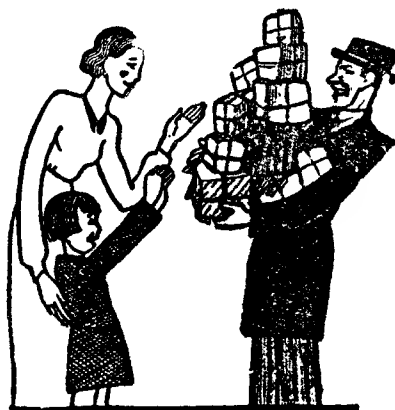
PREFIRA COM
MOTOR DIESEL

PERKINS 4.108



AUTO-INDUSTRIAL

LISBOA - AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 - TEL. 53 89 56 - COIMBRA - LEIRIA - PORTO
ESTORIL - AV. DE NICE, 4 - TEL. 26 33 96 - CALDAS DA RAINHA - SANTARÉM



BRINDES

PARA A

PASCOA

O MAIOR, O MAIS COM-
PLETO E VARIADO SOR-
TIDO

ATE E BOM GOSTO!

As mais interessantes novidades
OS MELHORES PREÇOS

«Au Bon Marché»

45-RUA DA ASSUNÇÃO-47

ARRANHA-CÉUS NA PRAÇA DE LONDRES

No seu 17.º piso, tem um chão flutuante, com suportes «TICO», produto que vem facilitar a montagem de maquinaria, não necessitando, pernos ou chumbadores para fixar. Representantes exclusivos - PROINDUSTRIA - Z. Bettencourt da Silva, Lda. - Rua Gais do Tojo, 52-54

Telefones 669067/8/9

PRÉDIO

NA BOA HORA

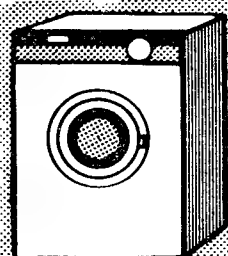
Construção em cimento armado, revestido frente e rectaguarda a Evinel composto de 8 pisos, tendo cada habitação 4 casas soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa e hall.

RENDIMENTO - 220.800\$000 - PREÇO, 3.700 CONTOS.
FACILITA-SE PARTE. - Isento 4 anos.

MOSTRA E TRATA A

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3, 2. - TELEFS. 369384/5/6



MÁQUINAS DE LAVAR E ENXUGAR ROUPA

TOTALMENTE AUTOMÁTICAS

MAIS BARATAS DO QUE NUNCA

FRIGAS - R. MARIA, 43-C

INDÚSTRIA DE MALHAS

EXPORTAÇÃO

Pretendo associar-me com capital e clientela internacional, com fábrica apetrechada para exportar.

Escrever ao sr. Lacombe

Joaquim Costa, 12. MADRID.

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na CASA
PEDRO ALVES, SUC. RUA DO BATALHOZ.

DESPORTO

O maior poder físico dos espanhóis

ESPANHA, 3
PORTUGAL, 1

contribuiu decisivamente
para o seu triunfo no desafio de Málaga

MÁLAGA, 16 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — O desafio ontem disputado, nesta cidade, no estádio de Romareda, respectivamente a primeira mão da eliminação, destinada a apurar o representante peninsular no Torneio Internacional de Juniores, a realizar na Turquia, permitiu uma vitória da selecção espanhola, que, em boa verdade, não surpreendeu... exactamente porque se aguardava sob reserva e sem optimismo, a actuação da equipa portuguesa, ao mesmo tempo que se acreditava no valor da turma da nação vizinha.

O encontro treino, há dias realizado no estádio do Restelo já constituirá uma indicação... ou uma prevenção.

A equipa espanhola venceu e convenceu utilizando uma frase já muito estafada. Mas... foi assim mesmo. E o seu magnífico triunfo, que lhe permite encarar com certa confiança o jogo da 2.ª mão, em Lisboa, no dia 29 deste mês, pode constituir aviso para as responsáveis da turma nacional.

Os juniores que Portugal apresentou, todos eles estreantes e tendo, por isso, atenuantes, não deixaram, no entanto, uma impressão de inferioridade que tornasse lamentável a sua actuação.

Enquanto tiveram forças para

Os «Internacionais» de Portugal

em golfe começaram hoje

No magnífico campo do Clube de Golfe do Estoril, começou a disputar-se, hoje, o 38.º Campeonato Internacional de Portugal — a mais importante competição da «Semana Internacional» de 1967, que, desde o último sábado, está a decorrer com um entusiasmo verdadeiramente inextinguível.

A prova masculina reuniu 58 nomes, entre portugueses (os melhores nomes da actualidade), ingleses, americanos, suecos, canadianos e irlandeses, dos quais muitos vieram propositadamente ao nosso País na mira de inscrever o seu nome no rol dos vencedores do importante certame, que inclui já verdadeiros campeões.

Os três primeiros torneios da Semana Internacional tiveram os seguintes vencedores:

Taça Internacional — Em pares mistos: Ariane Brito e Cunha-Daniel Hanley, 69 pontos.

Taça Clube de Golfe do Estoril — Equipa formada por Manuel Leão, F. Costa Cabral, Tito Lagos e F. Burnay de Mendonça, 437 pontos.

Taça Vanda Rosa — Collette Hanley (com abono), 68 pontos; Dick Smith (sem abono), 72 pontos.

lutar, deram réplica condigna aos seus fortes opositores e o empate (1-1), que se registava ao intervalo,

RESCALDO DOS INCIDENTES NO ESTÁDIO DO BONFIM

Os incidentes verificados no Estádio do Bonfim, aquando da realização do encontro Vitória de Setúbal-Sporting, no dia 5 do corrente, tiveram ontem o seu epílogo.

O Conselho de Disciplina da F. P. F., já de posse das conclusões do inquérito, que, a seu pedido, tinha sido instaurado, na sua habitual reunião semanal, tomou as decisões que entendeu por bem.

E, assim, a interdição preventiva do Estádio do Bonfim, sucede uma interdição por três jogos, acompanhada de multa de 3000\$000, tendo sido, ainda, suspenso por quatro jogos o jogador Herculanio do Carmo Santos.

Relativamente à última jornada, foram aplicados os seguintes castigos:

I DIVISÃO — A Carlos Manuel de Sá Pinto, do Belenenses, 3 jogos de suspensão, «por agressão a um adversário»; e a Fernando Pires da Silva, do Sporting, 2 jogos de suspensão, «por resposta à agressão de um adversário, no que é recorrente».

II DIVISÃO — A Arnaldo Gil Craveiro, do Cova da Piedade, 4 jogos de suspensão, «por jogo perigoso sistemático, agravado por ser «capitão» da equipa»; a Vítor Manuel Roque de Pinho, do Seixal F. C., 3 jogos de suspensão, «por agressão a um adversário»; e a Carlos Maria Ramos Deus, dirigente do Torres Novas, 30 dias de suspensão, «por palavras que revelaram falta de correcção ante o árbitro», no decorrer do encontro que o seu clube disputou contra o Sporting de Espinho.

Os corpos gerentes do C.N.I.D. são empossados depois de amanhã

Devidamente sancionados pelas entidades oficiais, os elementos que formam os primeiros corpos gerentes do Clube Nacional da Imprensa Desportiva, recentemente fundado, tomam posse no próximo sábado, às 18 horas.

A cerimónia efectua-se nas instalações da Federação Portuguesa de Futebol, na Rua da Emenda, 30, 1.ª, cedidas por aquele organismo numa manifestação de simpatia pela nova colectividade.

prova-o cabalmente.

A velocidade diabólica que os espanhóis imprimiram ao jogo desde os primeiros minutos e a que os portugueses procuraram responder havia — era fatal — de causar os seus efeitos. E esses foram bem visíveis.

Enquanto puderam, os lusitanos dispuseram sem desfalecimentos, repartindo-se os lances pelos dois meios campos, indiferentes os duplos do dr. José Maria Canhoto à desvantagem que o marcador acusava desde os oito minutos. E assim foi até cerca da meia hora.

Depois, o «gás» dos portugueses apagou-se, passando os 30 minutos, vindo ao de cima a superioridade física dos espanhóis, cada vez mais acentuada, para no segundo tempo se tornar esmagadora, de tal modo que o resultado só não se tornou mais expressivo, pela magnífica actuação do «keeper» Aníbal, a figura saliente do « onze » português.

Os espanhóis nunca abrandaram o ritmo veloz que imprimiram ao jogo, nem mesmo quando passando à posição de vencedores podiam ter descansado. Só após os 3-1 eles pararam a sua tarefa demolidora.

Dois figuras se agigantaram ao longo dos 80 minutos do desafio — do lado português, o guarda-redes, como já referimos, do lado espanhol Barrios, autor de dois golos, mostrou-se um jogador de «alto» a baixo.

A arbitragem apenas aceitável, deixando dúvidas quanto à validade do segundo golo dos espanhóis.

VOLEIBOL

O Belenenses venceu o C. I. F. (3-1) no «Regional»

Em jogo a contar para a 5.ª jornada da 2.ª volta do Campeonato Regional de Voleibol, de seniores, o Belenenses venceu, ontem, à noite, o C. I. F., por 3-1 (15-9, 15-6, 13-15 e 15-8).

O melhor conjunto belenense impôs-se ao C. I. F., que, não logrando anular o seu maior poderio de remate, apenas pôde concretizar a sua reacção no 3.º «set», que venceu com mérito.

Alinharam: C. I. F. — José Barreiros, Carlos Brilhante, Vítor Melo, Luís Reis, Fernando Guterres, Helder Silva e Madeira Correia. Belenenses — José Petinga, Rui Santos, F. Cavaco, Rui Pinhão, Wilson Neto, Ramiro Silva e Fernando Dinis.

A jornada ficou incompleta, por adiamento do jogo Cascais-Técnico, motivado por estar ocupado o ginásio do Liceu de Oeiras, onde devia realizar-se o encontro.

O maior interesse do campeonato continua a fixar-se no despieque Técnico-Benfica (jogam na última jornada) dada a excelente estrutura benfiquista, capaz de vir a obter bom êxito.

No «Regional» feminino, a equipa (A) do Benfica mantém-se favorita, e em juniores e juvenis, além do mais, o interesse desenrola-se entre os conjuntos do Nacional de Ginástica e do Benfica, a que o Lisboa Ginásio (em juvenis) continua a opor-se com apreciável eficiência.

Os jogos que amanhã o Benfica e o Lisboa Ginásio realizarão em juniores e juvenis, rodeiam-se, como sempre, de peculiar expectativa.

CLAROS E ESCUROS DO DESPORTO

Por FERNANDO SOROMENHO

A PLATE, UM GRAM

António Liberti é presidente do River Plate (Buenos Aires) há 26 anos. E não é mais porque, durante 5 anos, foi cônsul do seu país em Itália. Quando foi indicado para dirigente era de menor idade. Esperou um ano e agora é o decano dos presidentes dos clubes da América do Sul.

No River, os sócios (tem 70 mil) pagam 600 pesos (frequentar o campo e ver futebol) e 700 pesos (todas as regalias). O clube dispõe de um estádio para 120 mil espectadores e, além disso, possui um

hotel em Corrova, na montanha, para veraneio dos filhos dos associados. Ainda oferece cursos de línguas, economia doméstica, taquigrafia, dactilografia, ensino secundário, xadrez, etc.

Por dia, o River tem uma despesa que ronda os 5 mil dólares.

António Liberti declarou-me, com evidente orgulho: «Não temos problemas económicos. Aliás, o nosso capital actual é de 10 milhões de dólares».

FUTEBOL — O assunto das regras não estava esgotado. Crabay, da U. E. F. A., informou que foram já feitas experiências sobre a substituição do lançamento da linha lateral por um «divre» e que a tentativa fora posta de lado. Schwint, o árbitro do Benfica-Santos («quelle nuit de Pelé...») e do Portugal-Inglaterra («des portugais etaient confus avec les anglais») preconizou, também, a disputa de um jogo com o alargamento das balizas e que o «offside» se limitasse à grande área, alongando, no entanto, as linhas desta até às linhas limites laterais do rectângulo. A F. I. F. A. pode consentir numa experiência, se um grupo de pessoas a solicitar. A mesa-redonda vai requerer nesse sentido.

Liberti, presidente do River, não concordou com as sugestões e considerou mais necessário estudar o sistema do «goal-average». O mesmo dirigente defendeu o sistema actual da pontuação. Neste aspecto não houve concordância. Melhor, reinou a discordância.

E os árbitros? Schwint, muito escutado, insurgiu-se contra o lançamento de jovens árbitros em jogos internacionais importantes. O «calo» deve ser feito «em casa». O jornalista francês Lemeigniere atirou com a ciência electrónica para o «barulho». «Olho electrónico» para julgar os golos duvidosos e «célula foto-eléctrica» para assinalar os «offsides». E não contente alvitrou que num jogo intervissem quatro juizes de linha. Carrara aflorou a quantidade dos árbitros: dois para cada jogo. Afirmção importante: «E' preciso melhorar a técnica da arbitragem, já que tudo evoluiu, e não se recorrer aos filmes e processos marginais que só fazem retardar o conhecimento do resultado final. Este deve ser homologado pelo árbitro dentro das quatro linhas». Na minha agenda, dei uma nota de distinção ao «signor» Carrara. O Milan teve um bom representante em Mônaco.

O «clou», no entanto, desta fase dos trabalhos foi proporcionado, por Alfredo Corvelo, representante da Confederação Brasileira dos Desportos. Fiquei triste e ainda mais quando Crabay lamentou os termos da comunicação: «Este não é o lugar próprio para se fazerem acusações dessa natureza». Corvelo ficou silencioso. Cocei o nariz, muito atrapalhado. E não era nada comigo...

Em que consistiu a primeira intervenção brasileira na mesa-redonda de Monte Carlo? Dar, única e exclusivamente, uma sova na F. I. F. A., especialmente em «sir» Stanley Ross, o seu presidente, agora em jornada de turismo pelo México. A C. B. D. julgou-se prejudicada no «Mundial» pelos árbitros ingleses, mesmo no jogo disputado contra Portugal... Uma afirmação provocou rumor reprovativo na sala: «A brutalidade que caracterizou os jogos dos adversários do Brasil foi uma prova irrefutável que qualquer coisa foi preparada contra a selecção nacional». Os portugueses presentes em Mônaco, amigo Corvelo e amigo Geraldo, não mereciam ouvir tão infundada acusação. Uma infelicidade, que lamento.

A C. B. D. pôs ainda em dúvida a neutralidade dos árbitros, aludiu a má vontade contra os brasileiros, considerou de «arbitraria, ilegal e ridícula» a decisão da Comissão de Disciplina da F. I. F. A. sobre a ameaça à futura inscrição da Argentina e rotulou de «falta de coragem» a não punição do inglês Ramsey «que violou as leis». E para remate censurou o facto de a selecção da Inglaterra ter tido o privilégio de jogar, apenas, em Londres.

Não gostei da intervenção da C. B. D., organismo que podia ter apresentado algo de mais proveitoso para o progresso do futebol. Acusações sobre factos passados não adiantam. «E' chover no molhado». Dizem lá no Brasil...

PINGOS MONEGASCOS

● O dr. Alberto Armando, presidente do Boca Juniors, informou-me que o seu clube está a construir uma cidade desportiva, que importará em 40 milhões de dólares.

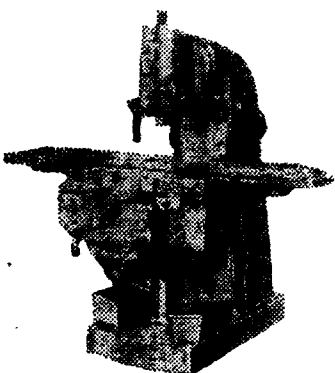
ca de Lisboa. Por to foi a cidade imediatamente lembrada.

● Sugestão do La Chaux-de-Fonds: «Um torneio europeu destinado aos grandes clubes das pequenas cidades».

● Thibaut, camara da belga, revelou-me que atingiu as raízes do escândalo o «mercado» dos jogadores brasi-

leiros que pretendem ingressar em clubes belgas. Um, abandonado pelo empresário (não identificado) acabou no Anderlecht por ser varredor. Morreu num quarto do estádio. Geraldo Romualdo deve estar, agora, em Bruxelas para fazer a reportagem devida dos jovens captados por palavras douradas...

MAQUINAS-FERRAMENTAS DE QUALIDADE MODERNAS E PRECISAS



«SKODA»



TORNOS — MAN-
DRILADORAS —
MAQUINAS PARA
CHAPA — FRESA-
DORAS — RECTIFI-
CADORAS — MA-
QUINAS AFIAR —
ESCATELADORES —
PLAINAS — LEMA-
DORES — SERRAS
PARA METAIS —
MAQUINAS
DE FURAR

EM ARMAZÉM (E DE UMA MANEIRA GERAL), TODAS
AS MAQUINAS PARA METALOMECANICA

MAQUINAS DE PRECISAO, S. A. R. L.

LISBOA: R. da Boavista, 45-49-1.ª — L. da Estrela, 3

PORTO: R. Santa Catarina, 659

A ACTIVIDADE PARA ESTA NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. —
26.º Campeonato Nacional de basquetebol (distrito de Lisboa), 2.ª categoria: F. C. Tejo-TAP e S. C. Cervejas-J. N. Frutas, no ginásio da Escola Franciscana de Arruda, a partir das 20 e 30.

TENIS DE MESA — Campeona-
to de Lisboa — Equipas, 1.ª Divi-

são: R. Janeiro-Benfica, Belenenses-Intendente, Avila-F. C. Lisboa e C. Católico-Sporting. 2.ª Divisão: G. I. P. Amoreira-Armadorense, Ateneu Comercial-Arroios, Arte e Sport-Acad. Amadora e S. L. Amoreiras-P. Arcos. 3.ª Divisão: Bela Vista-Atl. Cacém, Operário-S. L. Aguias, Lisgás-Ferrovial e Miran-tense-G. D. Operário — todos nas

sedes dos primeiros, em 1.ª cate-goria.

— TORNEIO POPULAR DE JU-
VENIS — C. Moura-Atlético (B), C. E. Operária-G. D. Azambuja, Armadorense-Bela Vista e Atlético (A) — Os Económicos.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, 2.ª Divisão: Colégio Militar-Sintrense, às 21 e 45.

QUINTA-FEIRA, 16 DE MARÇO DE 1967

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
O MISTERIOSO DR. FU MANCHU — no AVIS
UM IATE PARA JAMAICA — no POLITEAMA

TIVOLI
 As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
 2.ª SEMANA
 (M. 12 anos)
 Raquel Welch
 e Stephen Boyd
 na famosa AVENTURA
VIAGEM FANTÁSTICA
 Telef. 5 05 95

MONUMENTAL
 As 15.15 e 21.30
 (M. 17 anos)
 3.ª SEMANA
 Telef. 55 51 31
 Um filme verdadeiramente sensacional e que os diálogos de Michel Audiard dão um humor irresistível
O AVENTUREIRO DE TAHITI
 com Jean-Paul Belmondo e Mylene Demongeot

QUINZENA «OBRAS-PRIMAS»
 Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O BANDIDO DA SICILIA
 (Salvatore Giuliano)
 de Francesco Rosi
 Dia 20 — Os Cavaleiros Teutónicos (Adultos)

EDEN
 As 15.15, 18.30 e 21.30
 (M. 17 anos)
 Telef. 32 07 88
A BOLSA OU A VIDA
 (LA BOURSE ET LA VIE...)
 com Fernandel e Jean Poiret

SÃO JORGE
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 6.ª SEMANA (Adultos)
 Telef. 5 41 53/54
 Espectáculo moderno, contado numa linguagem fora do comum
UM HOMEM E UMA MULHER
 com Anouk Aimée, Jean-Louis Trintignant

POLITEAMA
 HOJE, às 21.30
ESTREIA
 Um filme recheado de acção violenta
 Telef. 32 63 05

UM IATE PARA JAMAICA
 com Lino Ventura e Sylva Koscina
 A história de uma luta onde não pode haver sobreviventes
 (M. 12 anos)
 HOJE, às 18.30: Novamente o ciclo «GRANDES ROMANCES DE AMOR»
 com o famoso filme «Carmen Jones»
 Distribuição de brindes aos srs. espectadores
 (M. 17 anos)

ROMA
 As 15.30 e 21.45
 (M. 12 anos)
 2.ª SEMANA TRIUNFAL!
 Balcão 12 77 78
 Balcão 12 91 92
 Morten Grunald e Easy Person
 numa irresistível paródia aos filmes de agentes ultra-secreto!
BATE PRIMEIRO, FREDDY
 Um êxito de gargalhada fotografado em Eastmancolor!

CONDES
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 2.ª SEMANA (M. 17 anos)
 Telef. 32 25 23
 A classe do cinema francês e o «suspense» de uma história inquietante!
O TIGRE PERFUMA-SE COM DINAMITE
 com Roger Hann e Margaret Lee

ODEON
 As 15.15 (p. r.) e às 21.30
 Uma comédia de alto nível de espectáculo maravilhoso.
 Telef. 32 62 83
FOGO NA CARNE
 com VICENTE PARRA e IRAN EORY
 Eastmancolor (M. 12 anos)
 HOJE, às 18.15: Estreia da comédia musical para regalo das crianças
ROUBARAM UMA ESTRELA
 com a endiabrada «mini-vedeta» Estrellita
 Eastmancolor (M. 6 anos)

LIZ
 As 21 horas (Adultos)
 Telef. 4 85 60
RIFIPI EM PARIS DANÇANDO AO SOL

FERRASSO
 As 15 e 21 h.
 Telef. 32 09 17 (M. 17 anos)
RAINHA DO AMOR CHAMADA PARA A MORTE

SÃO LUIZ
 HOJE, às 6.30 da tarde (M. 12 anos)
 Um grande acontecimento de arte
 A Fundação Calouste Gulbenkian apresenta

TEATRO DE NÓ
 As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
 5.ª SEMANA
 Telef. 55 51 34
 Um monumento da realização cinematográfica
PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?
 33 actores de renome internacional sob a direcção de RENE CLEMENT
 Atenção: Devido à sua longa metragem o filme começa 12 minutos depois do início das sessões.

estudio 444
 As 15.30, 18.30 e 21.45
 15.ª SEMANA (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier
UMA RÉSTIA DE AZUL

ALVALADE
 As 15.45 (p. r.) e 21.45 (Adultos)
 Um autêntico festival de ritmos modernos!
 Telef. 16 30 80
QUANDO ELES E ELAS SE ENCONTRAM
 com Connie Francis, Harve Presnell

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (Adultos)
 3.ª SEMANA DE ÊXITO
 Barbara Rutting — e — Hansjorg Felmy
 no mais ousado filme de Ladislav Vajda

O OUTRO LADO DA VIDA
 Um conflito dramático num mundo estranho onde se debatem ódios e paixões

MUNDIAL
 As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
 4.ª SEMANA
 Telef. 53 87 43
ADULTÉRIO À ITALIANA
 c/ Catherine Spaak e Nino Manfredi

AVIS
 As 21.45 (M. 12 anos)
 Christopher Lee, James Robertson
 Telef. 53 23 00
Justice, Karin Dor e Nigel Green
 num filme de permanente mistério e do mais denso «suspense»...

O MISTERIOSO DR. FU MANCHU
 Technicolor — Techniscope
 Uma realização de Don Sharp

EUROPA
 As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
 2.ª SEMANA
 Telef. 66 10 16
 De Capri a Sorrento numa apoteose de luz, música e cor...
 ...e bonitas raparigas!

RAPARIGAS AO SOL
 com Catherine Spaak e Lisa Gastoni

CINE-TEATRO LIDO
 Hoje, às 21.30 (M. 17 anos)
 O último grande sucesso de Lisboa.
 A excepcional aventura:
O RAPTO DE ZELDA
 com Jean Paul Belmond e Jeraldine Chaplin

RESTELO
 As 21.30 (M. 12 anos)
O SOLITÁRIO PASSA AO ATAQUE
 com Roger Hanin e Jean Lefebvre

CINEMA IDEAL
 Telef. 32 41 94
 As 15.15 e 21 h. (M. 17 anos)
TRAÇO VERMELHO 7000 A HISTÓRIA DAQUELA NOITE

MARIA PEREIRA E O SEU ESPECTÁCULO

NA TELA E NO PALCO
PARA DIVULGAÇÃO
DA MÚSICA PORTUGUESA

NUMA OFERTA DA
ROBBIALAC

TEATRO LUÍSA TODI
SETÚBAL

HOJE E AMANHÃ

As 21.30 horas

O ESPECTÁCULO DO DIA 17 É OFERECIDO
PELA ROBBIALAC, AO VITÓRIA DE SETÚBAL
BILHETES À VENDA NA SEDE DO CLUBE E NO TEATRO

MAIORES/12 ANOS



OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
 A B C — As 20 e 45 e às 23: «Sete Colinas» (17 anos).
 AVENIDA — As 21 e 45: «O camarada Mússov» (17 anos).
 CAPITÓLIO — As 20 e 45 e às 23: «Quem tem boca vai a Roma» (17 anos).
 SÃO LUIZ — As 18 e 30: «Teatro de Nô» (12 anos).
 VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Exercício para 5 dedos» (17 anos).
 VILLARET — As 21 e às 23: «Assassinos Associados» (17 anos).
 CASA DA COMÉDIA — As 22: «As noites brancas», de Dostoiévsky (12 anos).

CINEMAS
 ARCO IRIS — As 21: «O obcecado» (17 anos).
 BÉLGICA — As 21: «A sexta testemunha» (17 anos).
 BOMB. V. LOURES — As 21 e 15: «Tu viverás» (17 anos).
 CAMPOLIDE — As 21 e 15: «Rebecca» (17 anos).
 CINEARTE — As 21: «O ídolo quebrado» (17 anos).
 COLISEU — As 21 e 30: «Inferno no Pacífico» (12 anos).
 IMPERIAL — As 21: «Braços de veludo» (17 anos).
 JARDIM — As 21: «A beira do abismo» (17 anos).
 MOSCAVIDE — As 21: «A aranha branca» (17 anos).
 OLÍMPIA — As 19: «O tesouro de Makubas» (17 anos).
 ORIENTE — As 21: «A estranha condessa» (17 anos).

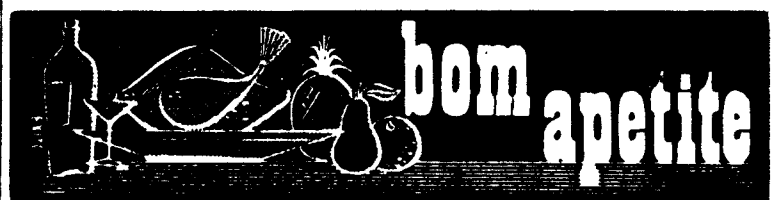
PARIS — As 21: «Roubaram a Graçanda» (17 anos).
 PROMOTORA — As 21: «O colosso de Roma» (12 anos).
 REX — As 21 e 30: «Fim de semana perigosos» (17 anos).
 ROYAL — As 21: «Rainha do amor» (17 anos).
 SALÃO LISBOA — As 19: «O grande massacre» (12 anos).
 VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «Falso culpado» (17 anos).
 SPORT L. BENFICA — As 21 e 15: «Um milhão de anos antes de Cristo» (12 anos).

Na Linha de Sintra
 VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «A pantera dos sete mares» (12 anos).
 DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — As 21 e 30: «Operação moeda falsa» (17 anos).
 AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Chamada para a vida» (12 anos).
 LIDO — As 21 e 30: «O rapto de Zeldas» (17 anos).
 QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Os temerários» (12 anos).
 MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Caçadores de dotes» (17 anos).

2.ª e 30: «Caçadores de dotes» (17 anos).
 SINTRA — CINE-TEATRO — As 21 e 30: «A fronteira do Mississippi» (12 anos).
 CARTAZ — OUTROS ESPECTÁCULOS

Na Linha de Cascais
 ALGÉS — STADIUM — As 21: «O último moicano» (12 anos).
 OBRAS — OBRAS-CINE — As 21: «Choque na alta roda» (17 anos).
 PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Sete homens de ouro» (17 anos).
 CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O estrangulador de Baltimore» (17 anos).

Na Outra Bando
 ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Os gladiadores esportivos» e «Ruínas, loas e morenas» (12 anos).
 ACADÉMIA — As 21 e 15: «Hotel Paraíso» (17 anos).
 COVA DA PIEDADE — UNIÃO — As 21 e 15: «Pony em pijama» e «Eu sou mau» (12 anos).
 BARREIRO — GINÁSIO — As 21: «Salteadores da montanha» (12 anos).
 TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «As suecas» e «Os amotados do Albatroz» (17 anos).



RESTAURANTE MONTE ALENTEJANO
 Diariamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco, Enchido de Borrego, Sopa de cachola, e mais pratos regionais.
 Rua D. Luís de Noronha, 32-A
 (A Av. de Bernal — Telef. 778095)

Parreirinha do Rato
 — O MELHOR CHURRASCO DE LISBOA —
 Largo do Rato, 1, porta, 1
 Tel. 685908
 Restaurante, snack-bar, cervejaria e mariscos
 Refeições ao domicílio
 Aberta até às duas da madrugada
 Parque anexo para automóveis

RESTAURANTE CASTANHEIRA
 Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
 SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
 AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
 (Maiores de 5 anos)

RELÂMPAGO
 RESTAURANTE — BAR
 Se deseja almoçar ou jantar bem vá ao Relâmpago
 As 6^h-feitas
 BACALHAU + RELÂMPAGO
 R. Mouzinho de Silveira, 19
 Telef. 47255 (Aberto aos domingos)

Penas de prisão e medidas de segurança

(além de pesadas multas)

para sete implicados no abate de burros

No Tribunal dos Gêneros Alimentícios, em audiência presidida pelo sr. dr. Gonçalves Pereira, tendo como assessores os srs. general Fernando de Oliveira e coronel Fernando Caetano, terminou, ao princípio da tarde, mais um julgamento de indivíduos implicados no abate clandestino de burros para fins comerciais.

A audiência (a quinta do processo) foi aberta às 10 e 30. O sr. dr. Gonçalves Pereira perguntou aos réus se tinham alguma coisa mais a alegar em sua defesa. Os réus disseram que não — e a audiência foi suspensa até às 12 e 30.

Reaberta a audiência, o sr. dr. Gonçalves Pereira afirmou que as

sentenças a pronunciar tinham sido elaboradas com toda a consciência.

— Espero — disse — que os réus, terminada a pena, se integrem na sociedade e não a lesem. Lembro que as medidas de segurança podem ser abreviadas consoante o comportamento dos detidos e a sua recuperação em potência.

Seguidamente, foram tornadas públicas as condenações.

Eis os nomes dos réus e respectivas condenações: António Duarte — 3 anos de prisão e 150 contos de multa; Francisco Gonçalves Marques — 2 anos de prisão e 60 contos de multa; Manuel Vitor Pereira — 16 meses de prisão e 32 contos de multa; João Manuel Duarte — 27 meses de prisão e 100 contos de multa; Manuel Facote e Pedro Charrua — 21 meses de prisão e 77 contos de multa, cada um; e Francisco Gonçalves — 21 meses de prisão e 72 contos de multa.

Todos estes réus foram, ainda, condenados em medidas de segurança que vão de um a três anos.

Foi absolvida, por falta de provas, Maria Clara Duarte, mulher de António Duarte.

Foram advogados de defesa neste processo os srs. drs. Sargo Junior, Costa Pinto, Duarte Turra e Chandelier Duarte.

Um novo julgamento de outros implicados no abate de burros efectuar-se-á daqui a quinze dias.

Nasceu na Rússia uma das senhoras mais idosas da Beira

BEIRA, 16 — (L.) — Sessenta anos passaram desde o dia em que a sr. Eske Rodrigues, que nasceu em Mudsky, na União Soviética, chegou a Lourenço Marques com um grupo de refugiados russos da guerra entre o seu país e o Japão. Corria, então, o ano de 1907. Porto Artur caiu pouco antes e aquela senhora, bem como os seus companheiros, demandaram Moçambique e procura de gente amiga que os acolhesse e acarinhasse. Pouco depois, casava com o sr. Libério Rodrigues, indo viver para a Beira, em 1913, onde permaneceu até agora. Nunca mais voltou ao seu país nem sequer à Europa.

No passado dia 13, a sr. D. Eske Rodrigues, portuguesa pelo casamento, mãe de dois filhos e avó de uma professora do ensino médio em Lourenço Marques, completou a provecta idade de 86 anos, vindo à sua volta todos aqueles que lhe são mais queridos.

Dotada de uma cultura e educação esmeradas, D. Eske Lewin Rodrigues fala russo, alemão, francês, inglês e o hebreu, assim como português, língua, aliás, que aprendeu com grande facilidade e que hoje fala sem qualquer acentuação.

O elefante matou o caçador

LOURENÇO MARQUES, 16 — (A. N. I.) — Esfacelado por um elefante, que o deixou irreconhecível, morreu na área de Massingir, perto da fronteira com a República da África do Sul, na região limítrofe do Kruger Park, o caçador João Cordeiro Antunes, de 46 anos, residente em João Belo.

Depois de ter sido atingido com vários tiros, o elefante carregou sobre o caçador, trucidando-o.

Devido ao estado em que o corpo ficou e à grande distância do local em relação à povoação mais próxima, João Cordeiro Antunes foi sepultado no próprio local onde morreu.

A expansão das actividades do Banco de Crédito Comercial e Industrial

(Continuação da página central)

carteira de títulos figuram em posição de relevo: Obrigações do Tesouro de Angola e Moçambique.

A criteriosa gestão do conselho de administração — aplaudida no parecer do Conselho Fiscal — inseriu-se numa linha em que o dinamismo necessário à expansão da empresa se alia às exigências de uma ortodoxia que é condição essencial para a consolidação e o progresso das instituições. No relatório observa-se, no entanto, que o Banco norteou a sua actividade no sentido de manter uma colaboração franca e construtiva com as demais instituições de crédito, princípio essencial a atender na vultosa obra que exige o futuro dos nossos territórios ultramarinos.

Deve registar-se, tal como no relatório se faz, que o Banco Borges

& Irmão, fundador e associado do Banco de Crédito, lhe dispensou total apoio técnico, contribuindo por forma relevante para que pudesse ter uma expansão rápida em condições de equilíbrio.

Os dados contidos no documento a que fizemos referência são reveladores do esforço empreendido a fim de conferir ao Banco de Crédito Comercial e Industrial a projecção que visa alcançar no quadro das instituições de crédito nacionais. A análise das suas contas permite-nos asseverar que esse objectivo se concretiza, pelo que ocorreu no ano de 1966, em comunhão com um esforço de cooperação com as actividades económicas de Angola e Moçambique, o qual certamente muito contribuirá para o desenvolvimento dessas parcelas do território nacional — objectivo que, além de merecer a concordância geral, faz jus a amplos louvores.



Setenta alunos do Curso de Sociologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto visitaram, esta manhã, o Laboratório Nacional de Enge. haria, acompanhados pelo prof. dr. Santos Junior. A foto regista um dos momentos da visita, que foi orientada pelo sr. dr. Freitas da Silva, secretário da direcção do L. N. E. C.

Cientistas suecos conceberam uma arma atômica «limpa» — segundo um jornal de Estocolmo

ESTOCOLMO, 16 — (A. N. I.) — «Dois cientistas suecos conceberam uma arma atômica, praticamente «limpa» — anuncia o jornal «Dagens Nyheter», de Estocolmo, acrescentando que se trata de um modelo sem igual no Mundo. A ideia deve-se, segundo o jornal, a Sten Andersson e Bo Holmberg, do Instituto Sueco de Pesquisas para a Defesa.

Trata-se de uma bomba cujas partículas serão tão leves que não cairão imediatamente sobre a Terra, como acontece normalmente, subindo com a onda de calor resultante da explosão.

Depois de alcançarem certa altitude, começarão a cair, mas quando chegarem à Terra já terão perdido a maior parte da sua radioactividade.

A Suécia, país neutral, não possui armamento nuclear, mas tem meios técnicos e capacidade industrial para fabricar armas atômicas num espaço de poucos anos, se o Governo alguma vez o desejasse. No caso presente, nem os cientistas nem o Governo têm quaisquer planos para a concretização do engenho concebido.

A APRESENTAÇÃO DO GAMMA 55 NA IV SEMANA DE ENGENHARIA CIVIL

Na IV Semana de Engenharia Civil, que decorreu, de 6 a 15 do corrente, no Instituto Superior Técnico, e que ontem foi encerrada com a presença de S. Ex.ª o Subsecretário de Estado da Administração Escolar, Prof. Dr. Alberto Carlos de Brito, a Bull General Electric apresentou uma «maquette» em tamanho natural do seu novo «ordenador de bureau» GAMMA 55. Aquele ilustre membro do Governo, acompanhado dos Srs. Prof. Eng.º Herculanio de Carvalho, reitor da Universidade Técnica, e Eng.º Luís Almeida Alves, director do Instituto Superior Técnico, e Eng.º Mercier Marques, bastonário da Ordem dos Engenheiros, e ainda do estudante finalista sr. Leite Pinto, esteve-se junto da representação da Bull GE, onde lhe apresentaram cumprimentos o Director-Geral e Director Comercial desta empresa, srs. Remi Donneaud e Dr. Silvério Ferreira.



Perguntas e respostas na conferência de Imprensa do ministro dos Negócios Estrangeiros

(Continua na 15.ª página)

descrevendo círculos, como o fez. Mas para o fazer parar, só por meio de abaloamento, e é bom lembrar que o pesqueiro é um navio de 131 toneladas e que a lancha portuguesa é de 30 toneladas apenas. Do abaloamento — acrescentou — só poderia resultar o afundamento da lancha.

E rematou: — O Governo português está pronto a atribuir um subsídio ou um abono à família do falecido marítimo espanhol que, ao que parece, deixou a família em más condições financeiras. Quando o sr. embaixador da Espanha se avistou comigo por causa do incidente, pedi-lhe que fosse intérprete do nosso pesar por tal acidente não só junto do Governo espanhol mas também junto da família da própria vítima.

Outros assuntos momentosos

Um correspondente de uma agência noticiosa norte-americana perguntou depois qual a opinião do Governo acerca das recentes e frequentes notícias sobre as actividades da C. I. A., envolvendo porventura Portugal.

O dr. Franco Nogueira respondeu:

— É uma pergunta com difícil resposta. Desde há muito que temos a convicção de que organizações particulares norte-americanas têm contribuído com fundos para auxiliar movimentos terroristas contra Angola e Moçambique. Sendo particulares essas empresas, especialmente fundações, não comprometem o seu Governo. Mas agora, segundo essas notícias, existe uma organização pos detrás dessas actividades, mas isso escapa à nossa apreciação.

Quanto às conversações em curso com a missão do Malawi que se encontra em Lisboa, o dr. Franco

Nogueira respondeu da seguinte forma à questão posta pelos jornalistas:

— É internacionalmente sabido que, enquanto duram conferências, não se pode, não é correcto, revelar aquilo de que se trata, em particular. Esse princípio adapta-se também a essa pergunta. No entanto, posso acrescentar que o objectivo fundamental é estudar em comum problemas de transporte e de comunicações a fim de permitir um desenvolvimento mais rápido, eficiente e económico nas áreas a que dizem respeito.

A propósito da declaração do ministro, feita momentos antes, acerca das relações Suécia-Portugal, um jornalista quis saber se, quando o Governo sueco diz que «Portugal conhece a nossa posição», isso significava ter havido qualquer comunicação oficial do Governo de Estocolmo ao de Lisboa.

O dr. Franco Nogueira respondeu:

— Não houve qualquer comunicação oficial, quer verbal quer escrita, mas o Governo português tem disso conhecimento através de outros canais: por um lado, através de intervenções suecas em assembleias internacionais; por outro, em declarações de membros do Governo sueco no próprio Parlamento de Estocolmo.

A uma pergunta sobre se Portugal desejava reforçar os laços diplomáticos com a Finlândia, o ministro afirmou:

— Portugal teria o maior prazer em reforçar essas ligações, acreditando-se um embaixador permanentemente, em cada capital.

O ministro afirmou ainda não ter havido qualquer outra correspondência entre o Governo português e U Thant, a respeito do conhecido pedido português de indemnização por prejuízos causados à província de Moçambique pelo bloqueio à Rodésia.

E, a este respeito, sublinhou:

— Não há qualquer contradição na posição portuguesa. Dizem que Portugal não tem o direito de pedir indemnizações enquanto não concordar em aceitar as sanções contra a Rodésia. Mas não há, de facto, qualquer contradição, pois Moçambique, geograficamente, não pode deixar de ser prejudicado pelo bloqueio imposto à Rodésia.

EXPULSO DE MADRID O CORRESPONDENTE DO JORNAL «FIGARO»

MADRID, 16 — (R.) — O Governo espanhol recusou-se a retirar a ordem de expulsão dada, na semana passada, contra Jacques Guillaume-Brulon, correspondente em Madrid do jornal francês «Le Figaro».

Numa carta dirigida à Associação de Imprensa Estrangeira, o ministro espanhol da Informação, Fraga Iribarne, diz que os 108 jornalistas estrangeiros acreditados em Espanha gozam de inteira liberdade, não estão sujeitos a qualquer censura e têm diversos privilégios.

Em contrapartida, espera-se deles um mínimo de correcção e de «respeito pela verdade e pela honra do país que lhes dá hospitalidade e, também, pelas instituições políticas e pelas pessoas que o representam».

Autoridades da Horta deslocam-se a Lisboa

HORTA, 16 — (A. N. I.) — Com o governador do distrito da Horta, dr. Freitas Pimentel, embarcam hoje no paquete «Angra do Heroísmo» o presidente da Câmara Municipal, Fernando Rocha, e o director das obras públicas, eng.º Santinho Horta.

No mesmo navio, desloca-se também a Lisboa o delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, dr. Manuel Carvalho Pante.



Vida literária e artística

2.º CADERNO

SUPLEMENTO
SEMANAL DO

Diário do Trabalho

N.º 450

16-3-1967

Evocação e depoimento sobre Abel Salazar

(Páginas para um possível
«In Memoriam»)

Por
ASSIS ESPERANÇA



Auto-retrato de Abel Salazar

SEMPRE entendi que jamais, depois da morte de um escritor, deveriam ser publicados os seus «papéis», correspondência, ou diários íntimos. Regra geral, ou ele os manipulou para a posteridade e encobre toda a sorte das suas inferioridades de homem: malquerenças, invejas, emulações, e fica outro; ou, nos seus escritos de desabafo e cartas «apenas» para os destinatários, quantas vezes, joguete de paixões introvertidas, empresta os ouropéis das

resoluções definitivas a impulsos transitórios, o imediato, muito principalmente em casos amorosos, a mascarar-se de definitivo, desalentos de uma determinada hora a adquirirem, por exibicionismo, o peso das catástrofes morais. Que foi, por exemplo, entre tantas outras, a devassa, de há uns quarenta anos, a vida íntima de Camilo, o maior numero desses seus candidatos a biógrafos em demanda de «êxitos de livreria», os preconcebidos pontos de vista de qualquer deles, intenções e hipóteses a «valorizarem» apenas tudo quanto na obra e nas cartas (quer nas do seu biografado, quer nas de Ana Plácido), lhes servissem

para «interpretar», compreender, esclarecer determinados passos, atitudes e acções do «génio de S. Miguel de Seide»? Destacar, valorizar «devidamente» o mais insignificante dos sucessos, extrair de uma simples frase um sem-numero de conceitos não equivaleria, segundo todos eles, a prestar as melhores provas de críticos ou «ensaístas» omniscientes?

Contra essa feira franca de bisbilhote comadresca se levantaram, então, e em boa hora, as vozes de uns tantos homens de letras, a castigar esses recrutadores de inferioridades — única maneira de sanear a avidez, amlude sexual, dos gulosos e charavascadores das intimidades dos artistas e escritores de nomeada. Felizmente, a essa vaga enjoadora sucedeu a acalmia dos estudiosos, sensibilidade e inteligência sempre alerta, cada um deles a integrar o seu biografado nos jogos de influência, possibilida-

des da integral realização da obra de arte, fins a atingir, reacções contra ou a favor de determinado estatuto social, o homem a corresponder, a identificar-se, ou não, com a moral apregoada nos seus escritos, se

(Continua na página seguinte)

TEATRO CLÁSSICO JAPONÊS E TEATRO DO OCIDENTE

TAL como aconteceu com o teatro grego, o teatro medieval, antepassado do moderno teatro ocidental, nasceu do culto. A missa católica era já um simbólico drama: drama na sua forma, pelos cantos alternados com a recitação, pelo diálogo do oficiante e dos coadjuvantes e

fiéis; drama, também, no seu fundo, pela comemoração simbólica do sacrifício.

No segundo volume do interessante estudo de E. K. Chambers, «The Medieval Stage», dá-se a tradução das instruções escritas em latim no século X, pelo bispo de Winchester para a representa-

ção de um introito à Missa da Páscoa por um padre que personificava um anjo e por três, que personificavam as Três Marias. Os gestos prescritos e os movimentos e colocação do oficiante e coadjuvantes dão o esboço de uma representação dramática. No manuscrito de São Marcial de Limoges, há uma cena na qual, á chamada do sacerdote, surgem na igreja Moisés, Habacuc, David e Isabel.

O drama litúrgico deriva directamente das cerimónias religiosas, das quais ainda faz parte, introduzindo-lhes a acção e a música pela narração de episódios com elas relacionados. Os dramas litúrgicos são escritos em latim e a sua representação revestia sempre um carácter hierático. O drama litúrgico nasce á volta do ano mil, na altura em que, no Japão, Murasaki Shikibu escrevia «Genji Monogatari» e Sei Shonagon, «Makura no Soshi».

Em França, onde surgiram, no Norte, os primeiros indícios do drama religioso, os principais dramas litúrgicos são o drama dos «Pastores» — representado no Na-

(Continua na 3.ª página)

Ferreira de Castro foi convidado a visitar novamente o Brasil

A agremiação cultural «Casa dos Quixotes», do Rio de Janeiro, a que preside o nosso ilustre colaborador dr. Oliveira e Silva, poeta, novelista e jurisconsulto de grande prestígio, dirigiu convite expresso a Ferreira de Castro para visitar novamente o Brasil, assinalando com a sua presença o lançamento do romance que está a concluir e que tem por tema a acção humanista de Rondon. Ferreira de Castro encontra-se, como noticiámos, na ilha da Madeira, donde deve regressar no final de Abril próximo com o seu romance terminado.

A visita do escritor ao Brasil, se vier a concretizar-se, constituirá motivo para que se renovem as vibrantes homenagens que o consagraram naquele país em 1959.



Uma encenação de teatro japonês

EVOCACÃO E DEPOIMENTO SOBRE ABEL SALAZAR

[Continuação da página anterior]

O sentido construtivo da dúvida, angústia, revoltas, lhe provocassem as suas mais vivas reacções — esse possuir-se de razão a única maneira de, sobrepondo-se à sua época, muito justamente lhe sobreviver.

Tenho para mim que, exemplo de sinceridade, de coerência, Abel Salazar é um daqueles Mestres a quem a posteridade não pedirá contas. «Dos maiores vultos do nosso tempo», como o classificou Egas Moniz, «sedento de justiça, não tendo indulgência para o que supunha ser uma injustiça, e que, no seu ardor, algumas vezes terá sido excessivo ou mesmo injusto», na classificação do prof. Celestino da Costa, «consciência actuante, interveniente», a sua obra científica, filosófica, literária e artística mereceria a devida consagração dos, certamente, muitos colaboradores de um «In Memoriam». Por minha parte mais que discorrer sobre o seu multifforme talento, me parece oportuno dar do Pintor e do homem que pretendeu, sempre, defender a Cultura, uma carta-confissão e um plano editorial, que julgo relevantes. (A carta pertence a Cristiano Lima; o «plano» deve estar no espólio de Jaime Brasil).

Está ainda na memória de todos nós o que foi a primeira exposição de pintura de Abel Salazar, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, de Lisboa. A esse tempo, Novembro de 1938, Cristiano Lima dirigia «O Diabo», muito embora, e por força da sua qualidade de redactor de um jornal, o seu nome não figurasse no cabeçalho desse semanário. Intenção do Mestre: a de vender os seus quadros a preços acessíveis, tanto desejava que fossem adquiridos pelos seus admiradores de posses modestas: «— A vendê-las, prefiro, sempre, oferecer as minhas obras». Mas os coleccionadores disputaram-nos ávidamente. Resultado: logo às primeiras horas, a sua quase totalidade ostentava o dístico de «vendido», o que poderia corresponder, apenas, a um êxito comercial, se a imprensa, unanimemente, não lhes tivesse trazido, como trouxe, a consagração da crítica.

A carta a Cristiano Lima agradece-lhe as referências elogiosas:

«Muito obrigado pela sua crítica. Mas, sinceramente, o que os jornais têm dito, *c'est un peu trop*... Eu não passo do que os franceses chamam *un croqueur*, *un homme à croquis*. Falta-me o dom da inspiração contínua e o equilíbrio. Os cimos da arte — ou um dos cimos da arte — é só atingido por aqueles que «acabam» com um esboço; aqueles que, dum mesmo jacto, e numa só cristalização, esboçam e terminam: tal é, por exemplo, Velásquez. Assim, os meus bonecos não são senão «embrões» da pintura, germe de um ser

que nunca chega a definir-se... Inspiração por jactos, que se mantêm uns momentos: — depois, patatrás! Tudo em terra... *Cahin-caha*, a coisa vai indo: outro jacto, e, depois, outra vez, patatrás! Tudo em terra... Portanto, um *raté* — que dá tudo nesses jactos, e, depois, fica exausto, a gaguejar. Tal um *boyeur* exausto, o quadro finda «aos pontos», que não por *knock-out*... Desvios de desenho, desleixos, fúrias, brutalidades, tudo se atropela, qualidades e defeitos numa magma por vezes inextricável. E quanta vez — depois do boneco bem desenhadinho, bem pintadinho, bem penteadinho, desesperado, desfaço as «perfeições», e tudo refaço na violência: o boneco, depois de ter atingido a perfeição «mediocre», volta ao estado larvar, embrionário, de simples germe... *Quel enfer!*

Depois, o inferno da cor, porque a cor, em pintura, é a mística das cores, que não o seu grito, ou o seu brilho. Ora esta «música das cores» — *un autre enfer!* Dai, as oscilações desaperadas entre os dois pólos, a quase monocromia, a policromia wagneriana... e o desespero finda no «negro», no carvão, na água-forte — refúgio do desespero na procura dos acordes!

Pinto desde pequeno, por instinto, e cada vez sei menos o que é pintar... Diante da tábua vazia, um mundo de coisas se atropela, que quer sair: qual escolher? Que música tocar? E o boneco ainda não terminou. E já outro se desenha na mente, que o atropela. E tudo interfere, por vezes, tudo se anula...

Portanto: um *croqueur* + inspiração apenas por jactos + imaginação mais rápida de que a execução: soma: *um raté*... Mais curioso o caso sob o ponto de vista psicológico do que artístico: valeria mais fazer a «confissão» do meu pequeno

em que os jornais noticiavam a morte dramática do escritor brasileiro Paulo Rodrigues. O romance trouxe, assim, uma fúnebre glosa — um romance que é, afinal, cheio de vida palpante, de naturalidade no humor e na dor. «O Sétimo Dia», como escreve em abertura Carlos Heitor Cony, é «um episódio composto de pequenos episódios que valem, cada qual, por um drama; ...uma sucessão extensa e intensa de grandes e pequenos conflitos, trágicos e cómicos, que não apenas constituem uma atmosfera novelesca mas atingem a própria vida. Com cenários e personagens caricatas, destacados pela perspectiva que Dostoevski tornou clássica, a novela de Paulo Rodrigues possui todos os elementos que constituem uma obra maior. Poucas vezes o Rio de Janeiro viveu tanto e tão bem em páginas de ficção e verdade».

O testemunho é claramente expressivo. Os leitores portugueses encontrarão neste livrinho breve de um autor que partiu prematuramente a representação qualificada da novelística brasileira contemporânea. Edição da *Livraria São José*, do Rio de Janeiro.

«O MOLEQUE RICARDO»
por José Lins do Rego

Não são estes o lugar nem a ocasião apropriados para exaltar a obra de José Lins do Rego. É um dos primeiros entre os maiores escritores da língua portuguesa neste século. Regista-se, apenas — porque nos foi amavelmente enviado o exemplar — a 7.ª edição do Brasil de «O Moleque Ricardo», um dos primeiros e um dos decisivos romances de Lins do Rego, obra de frescura intensa e emocionante que marca por si só o rumo de um extraordinário escritor.

A edição é da prestigiosa *Livraria José Olympio* e insere uma «breve notícia da vida de José Lins do Rego» e um estudo literário sobre o autor por M. Cavalcanti Proença, que salienta expressivamente o singular poder de comunicabilidade na obra do romancista.

«O SÉTIMO DIA»
por Paulo Rodrigues

Chegou este livro ao «Diário de Lisboa» quase na mesma ocasião

e misero drama, do que pinturas — mas não vale a pena marcar os outros com «casos psicológicos» e dramas artísticos... Do «plano editorial», e em seguimento à troca de impressões com Jaime Brasil, Abel Salazar assinala, por escrito:

«... Trata-se, pois, de vulgarização científica de uma categoria média. Nesse sentido é natural estabelecer um plano respondendo às interrogações e curiosidades mais acentuadas no público. Por exemplo:

A — 1.º: O que é o electrão? 2.º: O que é o átomo? 3.º: O que é a molécula? 4.º: O que é a arquitectura nuclear? (Arquitectura de conjuntos de moléculas). 5.º: O não-vivo e o vivo são função da «arquitectura» nuclear? 6.º: Matéria e Energia: o que se pensa sobre elas? — Etc.

B — 1.º: O que é a célula? 2.º: O que é o microbio? 3.º: O que é uma hormona? 4.º: O que é o vírus e o ultra-vírus? 5.º: Os novos conceitos de «doença»? — Etc.

C — 1.º: O que é a Psicossomática? 2.º: O que é a Psicanálise? 3.º: O que é a Psicologia da Forma? 4.º: Psicologia-Síntese ou Psicologia-Análise? — Etc.

D — 1.º: O que são os novos Conceitos e os novos caminhos da Matemática? 2.º: O que são as novas Lógicas? — Etc.

E — 1.º: O que é Ciência e Proto-Ciência? 2.º: Por que razão a História, a Sociologia, a Estética, etc., não são Ciências? 3.º: Porque razão se deve distinguir Ciência e Filosofia? 4.º: Porque razão a Filosofia segue atrás da Ciência? etc.

F — 1.º: O que é Religião? Obedece a Religião a leis históricas? 2.º: O que é o Cristianismo? E o Budismo? E o Bramanismo? Etc.

G — 1.º: O que é Civilização? 2.º: O que é Cultura, Progresso? 3.º: O que é o Homem e a Sociedade através dos tempos?

H — 1.º: O que é o Homem no Universo? 2.º: O que é o papel social e histórico da Ciência?

«Para ser uma colecção coerente, ela devia, a meu ver, obedecer a um plano, ser «planificada», como se diz agora. Ela devia conduzir o leitor à compreensão do esforço gigantesco do Homem para entrar na consciencialização de si próprio, da vida, da sociedade e da História e que só por esta consciencialização ele pode transcender a mecanização da História. Só conhecendo-se ele se supera sem deixar de obedecer às leis naturais. Por outro lado, devia o leitor ser conduzido à compreensão de que o desconhecimento das leis históricas nos leva hoje ainda, ante os fenómenos sociais e políticos, a adoptar atitudes que são análogas às de alguém que, querendo desviar um rego de água, em vez de recorrer às leis da gravidade, utilizasse apóstrofes, increpações mágicas ou ideológicas. Assim, o desnível entre o

estado de conhecimentos físicos e naturais, de um lado, históricos e sociais, do outro — causa deste estado de coisas — devia ser focado com nitidez na colecção. Uma secção suplementar deveria apresentar as perguntas de ordem moral mais prementes, em particular as séries de Conflitos em volta dos quais gira a perplexidade do mundo moderno — tais como: *Conflito da Liberdade com a Justiça*, o mais angustioso, a meu ver, do mundo moderno.

Outro: o conflito do Ser e do Fluxo, na raiz da maior parte dos conflitos, não só filosóficos, como sociais e políticos. Etc. Pelo conhecimento dos Conflitos procurar-se-ia conduzir o público a uma consciência mais elevada das questões, sem de nenhuma maneira lhe impor, na prática, qualquer direcção ou orientação ideológica.

Em particular deveria ser bem focado na colecção o mecanismo das Forças Históricas e, em particular, o das Religiões e Igrejas, traçando um esquema comparado da Grécia com o Egipto, por exemplo, e, por outro lado, uma comparação entre a Igreja de Asmara e a Católica, ao mesmo tempo que entre o Bramanismo e o Budismo. Eis um plano concreto, para base de discussões.

Homem de muito saber, a difusão da Cultura foi um dos objectivos de Abel Salazar. Escreveu muito, traço saliente da sua maneira de ser (e como se o tempo sempre lhe chegasse para tudo), o de nunca deixar sem resposta as cartas e consultas, por escrito, de todo e qualquer estudioso. Pormenorizemos.

Na ausência, em férias, de Cristiano Lima, ficara eu a substituí-lo na direcção de «O Diabo», quando Abel Salazar, seu mais assíduo colaborador, se propôs iniciar, naquele mesmo semanário, um «Movimento de Ideias» de acentuado cunho cultural (Agosto de 1938). Embora o seu nome não a encabeçasse, essa secção alcançou tal prestígio que contel, então, por dezenas, as cartas a que, semanalmente, dava origem: pedidos de esclarecimentos, inquéritos, livros a consultar — cartas, essas, a que, prontamente, Abel Salazar respondia directamente, sempre por escrito, solícito, indiferente ou desdenhoso do processo corrente de abrir consultório nas colunas dos jornais, perguntas e respostas, dedo espetado de quem prelecciona. Cartas ainda actuais em relação ao notório avanço das Ciências e Artes? Não mereceriam, pelo menos algumas, a letra de forma do livro impresso, agrupá-las como baliza dos conhecimentos de uma época e do pensar do seu Autor? Recolha de espólio a todos os títulos meritória, não seria mais uma forma de, muito justamente, o homenagearmos?

ASSIS ESPERANÇA

NUNCA COMEU

SE AINDA
NÃO PROVOU

BACALHAU à JANSSEN

o melhor bacalhau de Lisboa!

o bacalhau (alto, de lasca) da cervejaria JANSSEN

cervejaria JANSSEN rua 1.ª de Maio (ao Calvário)

LIVROS DE AUTORES PORTUGUESES

«FIM DE SEMANA»

por Vasco de Matos Sequeira

Em volume de sugestiva leitura reuniu Vasco de Matos Sequeira uma série de gazetilhas em verso que vieram a lume em várias publicações e outras inéditas, formando uma colectânea em que se representa a trajectória poético-humorística do autor desde 1945 a 1966. A facilidade formal, a fluência no desenvolvimento dos temas, a elegância e justeza rítmica do versar, fazem deste li-

vro de Vasco de Matos Sequeira, que há pouco recebemos de Lourenço Marques, um motivo de sa e risonha recreação.

Em posfácio expressivo, acentua o dr. Fernando Ferreira que o humorismo, além de coisa séria, é tão velho como o mundo, mas que V. Matos Sequeira soube encontrar-lhe uma linguagem acesa e subtil, correspondendo com incedível perfeição ao que sempre se busca na gazetilha, mas raras vezes se encontra. E acrescenta.

«Usa o verso, sempre formalmente impecável, como veículo preferido de expressão, mas isto explica-se pelo facto de ser um poeta nato, daqueles para os quais a métrica e a rima são elementos obrigatórios do discurso».

«Fim de Semana» é um livro de sedutora originalidade, editado pelo «Notícias» de Lourenço Marques.

«O CINEMA ENTRE NÓS»

por Lauro António

Num livro breve, exemplarmente condensado, reuniu Lauro António um balanço informativo e crítico completo do que foi o ano de 1966, em Portugal, no campo cinematográfico. Na ausência de um anuário que documente a visão global de cada temporada para o largo publico interessado, o traba-

lho de Lauro António vem oferecer um panorama esclarecedor. Se o publico assim o entender, diz o autor, outros se seguirão, possibilitando ao fim de uns quantos anos de regular tiragem a apreciação geral do que tem sido o cinema neste «Portugal provinciano». Edição Cromos.

«CANHENHOS DA ILHA»

por Horácio Bento de Gouveia

Romancista e ensaísta madeirense, que teve num dos seus livros a consagração de um prefácio de Aquilino Ribeiro, reuniu Horácio Bento de Gouveia em «Canhenhos da Ilha» escritos vários de memorialista, de ensaísta, de espectador empenhado na visão intensa da paisagem natural e humana. Como escreve o autor, a evocação multimoda que se desdobra neste livro não é «fotografia fixada pela retina, mas vivência, causa e efeito, presença que atesta uma herança, presença evolução do passado».

Há em «Canhenhos da Ilha» belas páginas de sugestiva visão da ilha da Madeira, muitas delas tocadas pelo romanesco da própria vida. Ilustrações excelentes de António Aragão valorizam o volume e as suas atractivas sugestões. Edição da Junta Geral do Distrito do Funchal.

ESCAPARATE

(De 6 a 13 de Março de 1967)

Autores portugueses

Título — «António Marinheiro (O Édipo de Alfama)» — Peça em três actos.

Autor — Bernardo Santareno.

Editora — Atica.

Número de páginas — 150.

Preço — 50\$00.

Título — «Biografia da Noite».

Autor — Cochat Osório.

Editora — Lello (Angola).

Número de páginas — 216.

Preço — 25\$00.

Título — «A Psicologia do Casamento».

Autor — Mário Gonçalves.

Editora — Domingos Barreira.

Colectão — Biblioteca de Cultura Portuguesa, n.º 13.

Número de páginas — 394.

Preço — 50\$00.

Autores estrangeiros

Título — «A Última Batalha. (A Queda de Berlim)».

Autor — Cornelius Ryan.

Tradutor — Augusto Pastor Fernandes.

Editora — Livraria Bertrand.

Colectão — Documentos de Todos os Tempos.

Número de páginas — 501.

Preço — 100\$00.

Título — «Cartas a Léontine Zantata».

Autor — Teilhard de Chardin.

Tradutor — Belmiro Narino Figueira.

Editora — Livraria Moraes.

Número de páginas — 148.

Preço — 30\$00.

Título — «História Polémica da Segunda Guerra Mundial» — Vol. I — 1939.

Autor — Eddy Bauer.

Editora — Publicações Europa-América.

Número de páginas — 382.

Preço — 140\$00.

EDIÇÃO DE LUXO

DAS OBRAS ESCOLHIDAS

DE BOCAGE

Ainda na sequência das comemorações do segundo centenário do nascimento de Bocage, que se celebrou no ano passado, a editorial Realizações Artis vai lançar em breve uma edição de luxo de «Obras Escolhidas» do poeta. O prefácio e notas são da autoria do prof. Hernani Cidade e as ilustrações do consagrado pintor Lima de Freitas.

Associando-se assim, às comemorações que tiveram lugar em Portugal e no Brasil, vai aquela editora, que se tem destacado pelo cuidado gráfico e beleza das suas edições, publicar o grande poeta numa edição monumental e ilustrada, homenageando desta forma um dos maiores e mais populares mestres da poesia portuguesa de todos os tempos.

Para garantir a probidade e qualidade desta sua edição, encarregaram Realizações Artis, o prof. dr. Hernani Cidade da escolha dos textos, do seu estudo e das respectivas notas, e das ilustrações o pintor Lima de Freitas, procurando assim reunir todos os elementos indispensáveis à valorização de uma obra que ficará como a edição definitiva de um dos mais altos valores da nossa literatura.

Seguindo o mesmo critério adoptado para anteriores publicações, como «As Obras Completas de Luís de Camões» ou «Portugal — a Terra e o Homem», de Jaime Cortesão, que tanto êxito obtiveram, e procurando levar junto do grande publico os maiores valores das nossas letras, em edições de luxo ilustradas e de grande formato, habitualmente de um preço pouco acessível, resolveram Realizações Artis, publicar também em fascículos mensais, ao preço de 30\$00 cada, as «Obras Escolhidas de Bocage», facilitando desta forma a sua aquisição. Além desta edição, Realizações Artis fará também, como habitualmente para as suas outras obras uma tiragem especial para bibliófilos, numerada e assinada pelo prefaciador, que incluirá ainda uma estampa pintada à mão pelo artista ilustrador da obra.

Nova edição de «Frei Luís de Sousa»

Destinada ao grande público e com o objectivo expresso de contribuir para a divulgação mais larga da obra, promoveu a editora Publicações Europa-América uma nova edição de «Frei Luís de Sousa», de Garrett. Nesta 5.ª edição, além do texto completo do drama, acompanhado do prefácio do próprio autor, incluem-se a «memória» dirigida ao Conservatório Real e as notas escritas pelo autor, em arrumação no final do volume que se afigurou aos editores mais condizente com o seu propósito: oferecer ao publico «Frei Luís de Sousa» como uma obra viva.

A iniciativa é de evidente actualidade cultural e a modicidade do preço da edição, em livro de bolso, assegura a sua merecida irradiação.

A. M. J.

TEATRO CLÁSSICO JAPONÊS

(Continuação da 1.ª página)

tal, em que se encenava o *Evangelho*, com o presépio, a Virgem e o Menino e um anjo anunciando a Natividade aos pastores e as *Virgens Sábias e as Virgens Loucas*, em que o provençal aparece já ao lado do latim, e os *Profetas de Cristo*, de meados do século XII. O «Jeu d'Adam et Eve», primeira peça representada fora da igreja, no adro, escrito em dialecto anglo-normando, representa a transição do drama litúrgico para os *mistérios*; o manuscrito contém algumas curiosas indicações sobre a encenação, sobre o treino e representação dos actores. «Le Jeu de Saint Nicolas», escrito por Jean Bodel, é o mais antigo milagre em língua vulgar, que acaba pelo canto de um *Te Deum*, misturado com uma história de aventuras e comédia da vida diária.

Os milagres surgem nos séculos XIII e XIV. A mais célebre colectânea é a de Gautier de Coinci, que compreende trinta mil versos.

«Le Miracle de Théophile», de Ruteboef, inaugura a série dos «Miracles de Notre Dame», de que chegaram até nos quarenta, são já peças de uma intriga complicada, que nos oferecem o interessante espectáculo da fé e das superstições medievais, juntamente com uma curiosa observação dos costumes populares. Um desses milagres, «La Femme du Roy de Portugal», contém um entredo da vida sem qualquer nota religiosa: um rei quer casar com uma donzela, mas como o casamento tem de ser adiado, o rei morrerá se a não possuir logo; ela defende-se com a sua honra, depois cede e dá-lhe a chave do seu quarto, dizendo-lhe: — «Tendes nas mãos a minha e a vossa honra».

● A forma evoluída do «mistério» na Europa

No século XV, ao tempo em que, no Japão, Zeami escrevia os seus *Noh* e compunha o seu tratado de representar, aparece na Europa uma forma mais evoluída, o *mistério*, ou, em português e espanhol, o *auto*. A palavra *mystère*, em francês, ou *mystery*, em inglês, deriva do latim *ministerium*, na acepção de função, exercício, e daí *representação*. A palavra *auto* em português relaciona-se com *acto*, *representação*, assim como a palavra grega *drama* significa, também, *acção*.

Os primeiros *mistérios* deveriam ter sido simples pantomimas ou quadros vivos organizados em certas festas, por ocasião da entrada de reis, chegada de embaixadores. Porém, desde o começo do século XV, o termo aplica-se especialmente às peças inspiradas no *Antigo* e no *Novo Testamento*, sobretudo, na vida e na paixão de Cristo, lendas de santos e, excepcionalmente, na história.

sobretudo, na vida e na paixão de Cristo, lendas de santos e, excepcionalmente, na história.

Os *mistérios*, em França, são muito longos: chegam a ter sessenta mil versos, a contar quinhentos actores e levam vários dias a representar. Exigiam um palco muito comprido, no qual se levantavam várias mansões, ou casas, cada uma representando um lugar diferente — Nazareth, o Templo, Jerusalém, um palácio, o mar, a porta dourada, etc. Num *mistério* representado em Mons, em 1501, erguiam-se setenta mansões. O Paraíso destacava-se em lugar mais alto e o Inferno ficava sob o palco, mostrando os condenados, a arder por detrás das grades, e dragões que abriam as bocarras de onde saltavam os demónios. A descrição dos prodígios da maquinaria complicada podem ler-se, por exemplo, nos manuscritos dos *mistérios* representados em Mons, no Norte da França. A encenação múltipla e acções simultâneas eram já uma notável realização cénica, que depois se perdeu, para se redescobrir já nos nossos dias.

Em França, os principais *mistérios* são, do ciclo do *Velho Testamento*: «Job», «Tobias», «Suza e Daniel», «Judite e Estera», «Osteviano e as Sibilas», num conjunto de 49 200 versos; do ciclo do *Novo Testamento*, os *mistérios* tratam os temas da Natividade, Paixão e Ressurreição. O mais célebre é «Le Vray Mystère de la Passion», escrito nos meados do século XV, por Arnoul Grébin, com 34 575 versos e 393 figuras. Uma adaptação curta desta obra-prima do teatro religioso da Idade Média, vem sendo representada, de quando em quando, em frente da catedral de Notre Dame, desde 1935, com uma encenação impressionante que utiliza os mais modernos processos de som e luz sobre o fundo imponente da catedral.

Na Inglaterra, os *mistérios* inspiraram-se, igualmente, nos *Velho e Novo Testamento*: «Abraham and Isaac», «Burial and Resurrection», «The Shepherd's Play». No Museu Britânico existe um manuscrito contendo 48 *mistérios*.

Na Itália, a forma do teatro religioso medieval é o *trionfo*, procissão espectacular em que colaboravam os grandes artistas de então, e os *laudi*, diálogos piedosos, dos quais o mais belo é o breve «Pranto a Nossa Senhora», do frade Jacopone da Todi, falecido em 1306.

● Tendência para o simbolismo

A fidelidade ao original ia permitindo, a pouco e pouco, um tra-

tamento simbólico e alegórico das personagens e dos acontecimentos, acentuando-se nestas peças didácticas, de propaganda religiosa, a tendência para o simbolismo, característica da arte medieval.

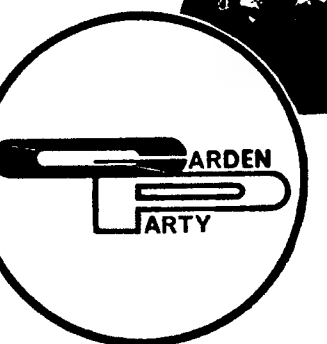
Os *mistérios* eram, em geral, representados na respectiva data litúrgica, com o fim de invocar a protecção do Céu, para pedir ou render graças, e eram encenados a expensas das corporações de vários ofícios.

O valor literário de todos estes *mistérios* é, com raras excepções, muito pequeno. Os seus escritores não pretendiam mais, no fim de contas, do que colaborar, com os carpinteiros, pintores, maquinistas, numa sumptuosa obra colectiva — ser apenas modestos servidores da ambição da cidade.

Nos *mistérios* aparecem já personificações de caracteres bíblicos, de qualidades morais. Foi daqui que, provavelmente, derivou um novo tipo de peça medieval, a *moralidade*. Na *moralidade*, as figuras representam personificações abstractas, geralmente das virtudes e dos vícios.

Os títulos destas *moralidades* sugerem, por si, a sua natureza. São, em França, as principais: «Bien-Avisé et Mal-Avisé», «L'Homme Juste et l'Homme Mondain», «L'Homme Pêcheur», «Charité», «Les Enfants de Maintenant». Restam umas sessenta e cinco *moralidades* em França. Mas a mais importante de todas as *moralidades* medievais é, dos fins do século XV, a inglesa «Everyman», ou holandesa «Elckerlijck», de Peter de Diest, cujo tema — o do Homem (*Everyman*), que a Morte quer levar e que pede adiamento, procurando entre parentes e amigos alguém que o queira substituir — passa à Alemanha, onde, no começo deste século ainda foi revivido no «Jedermann», de Hugo von Hofmannsthal. A peça de Hofmannsthal é representada todos os anos no festival de Salzburgo. «Elckerlijck» vem sendo dada, anualmente, em Delft, a partir de 1950.

A *moralidade* vai mais longe que o *mistério* no esboço psicológico das personagens. A personificação das virtudes e dos vícios é feita com intenção didáctica e moralizadora. O Paraíso, o Inferno já não tem aqui o mesmo relevo que nos *mistérios*; valem mais como elemento decorativo do que como verdadeiros agentes do drama. As *moralidades* marcam o ultimo estágio na evolução do teatro francês antes da sua ruptura completa com a influência religiosa, constituindo a transição entre o teatro medieval e o teatro clássico.



As Camisas
GARDEN-PARTY
têm todas as
características que
agradam à mulher...
do homem moderno.

- * dispensam o ferro
- * não enrugam
- * duram
- * têm um toque agradável

CAMISAS
GARDEN-PARTY
confeccionadas com
* TER-E-TEL

Confeccões CONDAL
Aguada de Cima

Ainda Raul Brandão

por MARIO DIONÍSIO

RELEIO páginas soltas, capítulos saltados, livros inteiros deste visionário «alucinado» que, todavia, também sabia atentar na realidade imediata com o tom preciso, por exemplo, de Algumas notas e uma velha sem importância. E é sempre a sua sensibilidade plástica do mundo e do homem que nele me fascina.

Não tanto, repito, pelas notas visuais que seria fácil citar aos centos — a descrição da ilha do Corvo, o sorriso e aquele único dente de Maria Emília mance-mancie, a saia de riscas azuis da tia Iria, a evocação da mãe «pura e doirada»... —, mas pelo permanente flutuar interior que tudo liga: «uma escorrência fosforescente».

Talvez nunca os «géneros» tenham tido a misturar-se tanto como hoje. É o homem todo que reage a um desmembramento a que o próprio desenvolvimento da cultura, mais e mais especializada, necessariamente o conduz e no entanto contraria a sua necessidade interior de unidade. Mas o que há de mais surpreendente nesta crescente interpenetração de géneros, que tudo parece confundir, é que nela mesma se desenham como nunca os limites específicos de cada domínio da expressão. E dir-se-ia que Brandão o anteviu.

Procurar nele o filósofo ou o historiador será bater a uma porta errada. Filósofo? Os especialistas o dirão. Historiador? Como havia de sê-lo quem tinha este programa: «A história é dor, a verdadeira história é a dos gritos»?

No El-Rei Junot o que me interessa é, por exemplo, o retrato de Carlota Joaquina, goyesco, sim, como se sabe, mas sobretudo tão Brandão que a retratada é uma outra Candidinha. É a «marcha atroz, de jacto de dor — lama, chuva, espanto —», o povo «aos bandos pelas ruas», aquela chuva diferente de todas as chuvas, mil notas de relâmpago, como a de Madame Foy saltando barreiras a cavalo e arrancando «românticamente de pistolas, desfechando-as no ar». Ou seja: a escrita.

A escrita de que tudo isso nasce e que o autor involuntariamente define assim: «O céu pardo desfaz-se em água, e atrás de grossas nuvens em farrapos, outro tropel cresce logo, cerrado, disforme» (dir-se-ia disforme). Ou assim, falando da Joana de A Farsa: «Toda a sua vida é simples emoção — e a emoção não se narra: pega-se».

O que é vago e susceptível de levantar equívocos sobre a importância da técnica no acto de escrever. Mas nos ajuda alguma coisa a entender o que separa a prosa narrativa de hoje da tradicional,

que pretende mostrar, provar, demonstrar e não directamente captar o que se vive antes da análise começar, isso que fez Pingaud dizer a propósito do romance actual: «Descrever o que (o autor) vê equivale a dizer o que ele é». Sem aceitar o que, não é fácil compreender, nem Sarraute, nem Simon, nem Marguerite Duras — nem, também, Raul Brandão.

Ele não pensa antes. Escreve (como Robbe-Grillet pretende para o romancista), tendo «na cabeça movimentos de frases, arquitecturas, um vocabulário, construções gramaticais, exactamente como um pintor tem na cabeça linhas e cores», de onde resulta que «o que se passará no livro vem depois, como que segregado pela própria escrita».

«E ainda o que nos vale são as palavras para termos a que nos agarrar», lê-se no Humus. Mas a maneira de se lhes agarrar é que é inteiramente nova em Brandão. Nele, como Barthes verifica que se passa na poesia moderna, a palavra é que «alimenta e enche como o desvendar súbito duma verdade». Que não nos põe diante dos olhos: em que nos introduz.

Entre a Juliana do Eça e a Candidinha de Brandão há muitos pontos de contacto. Mas há também uma distância enorme de processo, uma mudança não só no que se diz mas no como se diz, que nos faz pensar: ontem e hoje. Um hoje extremamente diversificado, naturalmente, mas que passou pela «desordem» linguística do autor do Humus, em que o período relativamente curto é mais aparência (gráfica) do que verdadeira suspensão (muitos dos seus pontos poderiam ser vírgulas ou pontos e vírgulas), o fluxo de oralidade não vem só do facto de muitas vezes ditar em vez de escrever, os «caos» de notas, em vez de romperem a unidade da composição, são elementos de equilíbrio.

Escritores tão diferentes como Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira ou Vergílio Ferreira não seriam exactamente os mesmos se Brandão não tivesse existido. E se isto acontece, com resultados tão diversos, sem que nenhum deles lhe tivesse batido à porta como «discípulo» voluntário é porque alguma coisa de profundamente actual nele existe, que se nos impõe.

Os seus temas e as suas figuras terão envelhecido, ou não. Mas cada vez se verá mais que, numa antologia crítica da linguagem literária, Raul Brandão (pelo que destrói e pelo que abre) terá de figurar como o primeiro em data dos nossos escritores modernos



FIDELINO DE FIGUEIREDO

«IDEIAS DE PAZ»

— um livro de ensaios de Fidelino de Figueiredo

Do seu refúgio onde o estado de saúde o obrigou a isolar-se, Fidelino de Figueiredo faz chegar com frequência aos leitores e admiradores fiéis que conserva numerosamente em Portugal os seus livros de brilhantíssimo escritor de ideias. «Um Homem na sua Humanidade», «Diálogo ao Espelho», «Símbolos e Mitos», «Um Coleccionador de Angústias», entre outros, têm sido no caminho do tempo, durante anos recentes, os marcos da permanência de um alto espírito — figura de realce na cultura portuguesa deste século e na sua projecção no Brasil.

Com o volume de ensaios «Ideias de Paz», agora apresentado pela *Portugália Editora* na série da Coleção Problemas, retoma Fidelino de Figueiredo, na ordem conjunta de um livro, os estudos e reflexões que se dispersaram em antigas colectâneas: «Motivos de Novo Estilo», «Menoridade da Inteligência», «Interpretações», «Cultura Intervalar». Foram escritas estas páginas, que ressurgem na plena actualidade da sua temática, em momentos e lugares muito diversos, entre 1928 e 1943, desde Madrid e Lisboa a Berkeley (Estados Unidos) e a S. Paulo (Brasil). Nelas se retratam não só a trajetória como a permanência de um espírito de lucidez e penetrantes visões sobre o mundo e o homem que cabem na larga mira da sua observação. Temas como o do conceito de geração, das articulações entre política e inteligência, dos «novos bárbaros», da arte de viajar, da cultura ameaçada, da solidão do intelectual, entre muitos outros, são meditados e clarificados ao longo deste livro de Fidelino de Figueiredo — rico, como todos, de sugestões vivas de inteligência e de boa vontade humana.

Entretanto, anuncia-se para breve «Paixão e Ressurreição do Homem», que a *Portugália Editora* traz no prelo. E, como assinala o autor no breve prólogo ao volume que veio agora a público, «nesse livrinho de epílogo resume o autor longas meditações,

Onze visitantes de exposições de artes p falam de pintura

Entrevistas conduzidas por CA

AGORA que as artes plásticas e, em especial, a pintura estão na ordem do dia, que Picasso expõe em Paris numa lampar retrospectiva da sua obra, onde acore uma multidão de visitantes, resolvemos nu-

ma breve reportagem auscultar o panorama dos visitantes às nossas exposições de pintura, atendendo à contribuição inegável que elas trazem como fonte ofertada à incontida sede pública.

Se é possível tirar algumas conclusões, o leitor as tirará para si após a observação destas onze curtas entrevistas.

Uma tarde instalámo-nos nas salas do S. N. I., onde expunham, de um lado, A. Loureiro; do outro, o grupo alentejano «A Trave».

Foram estas as perguntas que efectuámos a onze visitantes ao acaso:

- 1 — Que o leva a entrar numa exposição de pintura?
- 2 — Costuma visitar todas as exposições de pintura?
- 3 — Que procura na pintura?
- 4 — O nome de um pintor que sempre o tenha impressionado?
- 5 — É um Português?
- 6 — Gostou desta exposição?
- 7 — Qual o quadro ou quadros que mais apreciou?

E estas as respostas:

1.º — Jovem estudante do 3.º ano da Escola António Arroio — 15 anos:

1 — Porque aprecio a arte... a... pintura...

2 — Venho a quase todas as exposições do S. N. I.

O estilo de Raul Brandão

por MARIA DA GRAÇA MA

No estudo de um escritor na sempre elementos que são produto do gosto estético da época e reflexo do ambiente ideológico, social, económico, artístico, que age como pano de fundo.

O final do século XIX, período da formação literária de Raul Brandão, é fortemente marcado por uma crise de pensamento e das estruturas, abaladas pela derrocada da monarquia, pelo malogro do positivismo e do racionalismo do século das «Luzes». Daqui sobrevém um sentimento de instabilidade e de desconfiança nas possibilidades da ciência — «a ciência (...) bateu num grande muro e parou» diz Raul Brandão — uma inquietação perante os problemas sociais, um anarquismo, uma visão pessimista e dramática da existência.

Os espíritos obcecados pela ideia da decadência irremediável não reagem, fecham-se num mundo de sonho e são arrastados para uma espécie de «delírio filosófico, imaginativo e verbal» como lhe chama Tulio Ramires Ferro.

Perfeitamente dentro deste clima Raul Brandão, mesmo ao escrever história, não é o cronista

longínquo e impassível, e antes o continuador da «historiografia filosófica» de Oliveira Martins e tanto no «El-Rei-Junot» como nas «Memórias», sucedem-se séries de quadros dramáticos em que se nota o desejo de o autor ver em tudo a loucura e o grotesco, o trágico e o reles da existência.

Como resultado da anarquia social surge, pois, em literatura, o movimento decadentista em que Raul Brandão toma parte, no qual se corta com a Razão e se busca como compensação a intuição obscura, o irracionalismo, a loucura, o sonho, ou um movimento simbolista em que se refugia a poesia, e é também uma forma de reacção, negativa, pela evasão, aos problemas da época.

Não podemos no entanto esquecer que o estilo é também um produto da personalidade do autor, qualquer coisa de individual e intransmissível, porque é, como diz Guerra da Cal, «Tener una visión propia del mundo, y haber logrado una forma adecuada para la expresión de ese paisaje interior».

Assim, se Raul Brandão não pode fugir às correntes ideológicas da sua época, e, se temas como o tédio da existência, a situação miserável do homem, a inquietação metafísica, a obsessão da morte, não são originais, se no seu estilo há uma certa insistência em determinadas imagens e palavras, sobretudo dos campos semânticos da morte, do sofrimento, do sonho, do tédio, se como os decadentistas procura ver em tudo o patético e o ridículo, se algumas das suas páginas gozam de uma pretensa sublimidade à maneira de Dostofevsky, também muito de original e de novidade existe no estilo do que foi considerado por Teixeira de Pascoaes «o maior escritor de Portugal e, talvez, o maior escritor contemporâneo». É que Raul Brandão, o verdadeiro grande intérprete da vida, soube exprimi-la num estilo todo feito de emoção e de sentimento.

Ao estudar o estilo deste escritor, não podemos deixar de notar a diferença entre obras como «Os Pescadores» e «As Ilhas Desconhecidas» e obras como o «Humus», «A Farsa», «Os Pobres», em que ressaltam características que

HERÁLDICA, CIÊNCIA DE TEMAS VIVOS

VOLUME I — A HERÁLDICA EM GERAL E AS SUAS APLICAÇÕES

VOLUME II — A HERÁLDICA DAS ARMAS NACIONAIS EM PORTUGAL

No meio da intensa preocupação actual de sinalizar e de simbolizar, o recurso à Heráldica como Ciência, como Técnica e como Arte, é uma necessidade evidente para que o espírito e a linguagem dos símbolos estejam certas consigo próprias.

É ISTO QUE SE EXPLICA NOS DOIS VOLUMES DESTA OBRA ESCRITA PARA TODOS E PARA OS ESPECIALISTAS POR F. P. DE ALMEIDA LANGHANS

EDIÇÃO DA

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

A VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS

Artes plásticas

das por CARLOS D'ABREU

ultar o
nossas
ndendo
ue elas
a á in-
as con-
para si
nze cur-
nas sa-
nam, de
outro, o
re.
as que
ates ao
r numa
as ex-
ura?
tor que
nado?
ção?
quadros
do 3.º
roio —
e... a...
as ex-

3 — ...a arte...
4 — Miguel Angelo.
5 — ...Português?!...
6 — Ainda a não vi toda.
7 —
(Levou 10 minutos a percorrer a exposição «A Trave».)
2.º — Empregado. Frequentou a Escola António Arroio e tem o curso de desenho — 21 anos:
1 — Porque gosto de pintura.
2 — Venho a quase todas as exposições.
3 —
4 — Nuno de Siqueira.
5 — ...Portugueses?!...
6 — Não gosto do género de A. Loureiro. Apreciei mais o processo de pintura dos alentejanos.
7 — O 64 e o 66 (dois quadros de Cândido Teles).
(Demorou cerca de 15 a 20 minutos a percorrer a exposição de «A Trave».)
3.º — Jovem estudante. Natural do Alentejo — 19 anos:
1 — Para ver como os artistas exprimem os sentimentos humanos e por vezes por curiosidade.
2 — Todas.
3 —
4 e 5 — Uns peruanos que estiveram aí há pouco. Daqui: Ilídio e

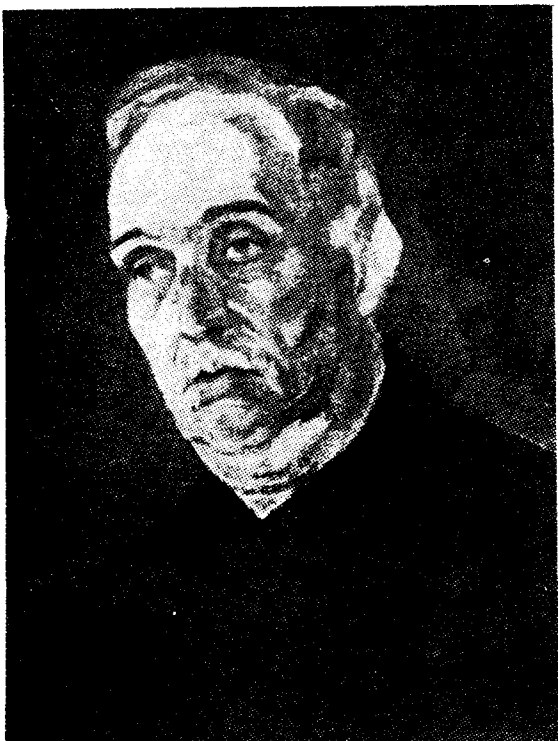
(Continua na 7.ª página)

Brandão

A GRAÇA MARQUES

antes o
grafia fi-
rtins e
mo nas
ries de
que se
ver em
esco, o
ência.
guia so-
tura, o
em que
te, no
ão e se
a intui-
ismo, a
movi-
se refu-
uma
ra, pela
época.
esque-
em um
do au-
dividual
é, como
er uma
y ha-
equada
paisaje

Paul Brandão, num retrato inacabado de José Tagarro



«Aristide Bruant no seu cabaret», cartaz de Toulouse-Lautrec apresentado na exposição de Marselha

A arte do cartaz

— uma sugestiva exposição em Marselha

No Museu Cantini, em Marselha, foi recentemente aberta ao público uma interessante exposição consagrada à arte do cartaz desde há um século. A peça mais antiga das

coleções expostas é de Edouard Manet e intitula-se «Os Gatos»; e destacam-se, entre outras, «Les Entrepôts d'Ivry», de Honoré Daumier, «France-Champagne», de Pierre Bonnard, «Le Moulin Rouge», de Toulouse-Lautrec. A retrospectiva inclui importante criação de Puvion de Chavannes, Steinlen, Jacques Villon e muitos outros.

A exposição marselhesa tem motivado um flagrante ressurgimento de interesse pela arte do cartaz que o rodar do tempo tem relegado para esquecido plano nos criadores plásticos do nosso tempo.

Bibliografia de Jaime Cortesão

José Neves Aguas, devotado estudioso que publicou em 1962 o primeiro volume do seu trabalho «Bibliografia de Jaime Cortesão» (Editora Arcádia) vai em breve ao Brasil, a convite do Governo deste país, para prosseguir as suas investigações na sequência da referida obra. Nessa jornada de estudo vai Neves Aguas colir os elementos, tanto quanto possível completos, para o 2.º volume da «Bibliografia de Jaime Cortesão», no sector da vastíssima obra do escritor que ficou dispersa em publicações brasileiras.

O convite do Governo brasileiro a Neves Aguas é testemunho consagrado, não só do interesse e da admiração que a obra de Jaime Cortesão continua a merecer além-

LÍNGUAS MORTAS

por JOSÉ PEDRO MACHADO

O Grego é uma língua morta...
O Latim é uma língua morta...
Se-lo-ão na verdade?
Se contemplarmos atentamente o quadro dos idiomas que deixaram de ser entendidos regularmente (embora nos tenham ficado notícias deles), notaremos com facilidade que tal facto não se verifica sempre nas mesmas condições.

Hoje ninguém diz que o povo tal, fala Latim, como ninguém se sente em condições de afirmar que continuam em uso o Gaulês, o Etrusco, o Córnico ou o Hitita. Mas hoje continua a haver quem fale Grego...

Mas o Grego de hoje não é evidentemente o de Homero, Platão, Tucídides, Heródoto, ou mesmo o de Procopo, S. João Crisóstomo, Clemente, Eusébio de Tessalónica, estes últimos já da época bizantina...

O Grego actual está para o dos tempos clássicos como estão para o Latim Clássico as línguas românicas de hoje: estas não passam, afinal, de fases avançadas do Latim Vulgar, que, por sua vez, coexistia com o Clássico, o idioma escrito dos mais célebres astros da cultura romana. Do mesmo modo o actual Grego (a que muitos chamam também *românico*) não passa de evolução de uma das modalidades do *koiné*, a linguagem vulgar da antiga Grécia, correspondente popular da culta em que brilharam os autores que mais acima indiquei.

Daqui se conclui, portanto, que o Latim e o Grego só não se consideram idiomas desusados na medida em que deixaram de ser utilizados como veículos de cultura numa das suas modalidades.

Por outro lado, porém, existem hoje línguas faladas por milhões de pessoas que nada mais são do que a evolução das modalidades vulgares desses mesmos Latim e Grego, que, portanto, ainda não deixaram de ser falados: não são, portanto, línguas mortas.

Mas o Etrusco? E o Hitita? E o Gaulês? E o Córnico?

Esses e tantos outros factos que a fatalidade quis apagar dos usos e da lembrança dos homens, esses, sim, esses são idiomas mortos porque deles nenhum outro falar nos resta hoje.

Se a ciência conseguiu comprovar a sobrevivência de meia dúzia de vocábulos seus aqui ou ali, não poderemos por isso julgar que eles continuam a viver.

Para tal, o que importa era provar-se a existência actual de idiomas que, pelas suas mecânicas morfológicas, sobretudo, e, depois, pela sintaxe e pelo vocabulário, muito conservassem dessas línguas do passado.

Mas não.

Essas palavras são como o anel, o relógio e a corrente que guardamos de morto muito querido: recordam-nos durante algum tempo, mas não são parte do seu ser, do seu corpo. E tanto assim que, anos passados, aqueles objectos poderão continuar a existir sem que, no entanto, haja então quem seja capaz de os ligar à memória do seu primitivo proprietário.

Só a investigação, o estudo, o interesse de alguns o conseguirão identificar e revelar aos menos versados na matéria quem ele era, tal como, afinal, acontece com as tais palavras que certos idiomas actuais poderão ainda conservar como herança legada por falares que de há muito deixaram de ser ouvidos. — J. P. M.

Edições espanholas

de J. P. M.

de Urbano Tavares Rodrigues

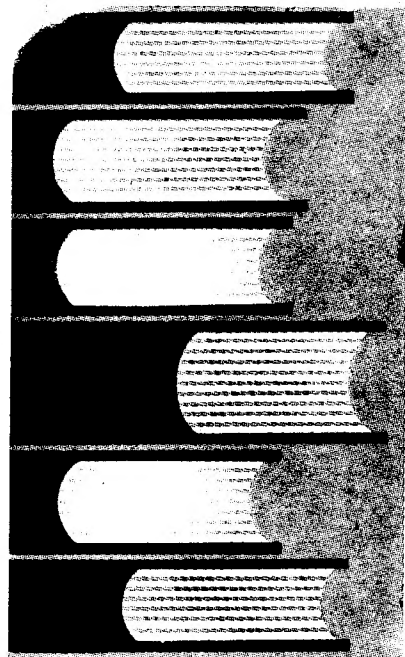
A editorial de Madrid *Ciencia Nueva* vai publicar em breve a tradução em língua espanhola do livro de Urbano Tavares Rodrigues «Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura». Também se anunciou já em Espanha, para publicação próxima, a tradução do romance do mesmo autor «Exílio Perturbado». Urbano Tavares Rodrigues está a conquistar com a sua obra irradiação crescente no estrangeiro, onde é justificadamente apresentado como um dos intérpretes mais representativos da literatura portuguesa contemporânea.

TEILHARD DE CHARDIN DIVULGADO EM PORTUGAL

Na continuidade da oportuna contribuição que tem vindo a dar à divulgação em língua portuguesa da obra de Teilhard de Chardin, a Livraria Moraes Editora anuncia para muito breve a aparição de mais um volume, «Cartas a Leontine Zanta», a que em breve se irá seguir a publicação das «Cartas do Egipto», correspondentes ao período em que aquele sa-

cerdote se encontrava como professor no Cairo. Juntamente com o volume «Génese de um Pensamento», anteriormente publicado e contendo as cartas do tempo da guerra 1914-18, estas duas obras vão contribuir para um melhor conhecimento do carácter profundamente humano do grande pensador.

novidades literárias



- **A BARCA DOS SETE LEMES** — Alves Redol
5.ª edição de uma obra das mais vigorosas do neo-realismo. Col. «Obras de Alves Redol» 432 págs. — 60\$00.
- **A VIDA ANTES DO NASCIMENTO** — Ashley Montagu
A alimentação e a higiene, o ambiente familiar e psicológico, a ginástica e a saúde. — Uma obra indispensável dirigida às futuras mães. Col. «Prisma» 312 págs. de texto e 8 de ilustrações a preto e a cores — 40\$00.
- **TRES VIDAS** — Máximo Gorki
O mais recente livro de Máximo Gorki editado em França. Col. «Biblioteca Europa-América» 336 págs. — 60\$00.
- **A COOPERAÇÃO** — Georges Lasserre
Cooperativismo: — seus problemas — sua evolução — sua panorâmica — sua acção na estrutura económica dos povos. Col. «Saber» 124 págs. — 20\$00.
- **ROMEU E JULIETA** — William Shakespeare
Uma das obras-primas do genial criador do Hamlet. Col. «Prisma» 220 págs. 25\$00.

ENVIE A PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA — APART. 8 — MEM MARTINS O SEU NOME E ENDEREÇO E RECEBERÁ TODOS OS MESES INFORMAÇÕES SOBRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES LITERÁRIAS.

DE PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Março de 1937 publicava:

«NOVA YORK — A «German American League for Culture», que conta 110 mil anti-nazis americanos de origem alemã, reclama ao Congresso um minucioso inquérito à actividade da «Amerika Deutscher Volksbund», que reúne 200 mil membros em 42 Estados dos E. U., pedindo que Fritz Kuhn, presidente da Volksbund, compareça perante os tribunais e intente já uma acção legal contra a Volksbund, por motivo de não ter pedido autorização ao Departamento do Estado por ocasião da sua constituição.»

ANEDOTAS

— A minha mulher gosta excepcionalmente de animais: gatos, cães, canários, pintassilgos...
— A minha também, e eu quero ver se lhe tiro a mania.
— Mania? Ora essa, os animais são inofensivos!
— Pois sim, mas a minha mulher prefere as raposas prateadas e as chinchilas...

Detestava as chamadas «horas de ponta». E tinha razão: era faguir.

— O Joãozinho entra em casa a chorar, perante o alarme dos pais.
— Que foi? O professor ralhou-te?
— Ralhou — soluça o Joãozinho. — Eu não sabia onde estavam os Alpes...
— Pois fica-te de emenda — sentença o pai. — Da próxima vez já não te esqueças dessas coisas em casa.

— Era um apaixonado pela literatura russa. A um amigo que pretendia saber qual o seu autor preferido, respondeu sem hesitação: — Tolstóiévski!

CURIOSIDADES

Angola: 4700 habitantes

Angola tem apenas 4700 habitantes. Trata-se, evidentemente, da cidade norte-americana de Angola, no estado de Indiana... O nome provém de uma antiga plantação de algodão que ocupava trabalhadores da costa ocidental africana.

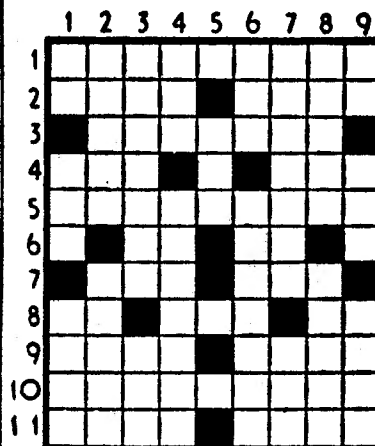
Merlim

O célebre feiticeiro Merlim, associado a corte do Rei Artur, parece ter sido uma personagem histórica. A investigação moderna dá-o como nascido no século V, na localidade galesa de Carmarthen. Segundo uma lenda muito conhecida, o «carvalho de Merlim», existente nessa pequena cidade, acarretará a destruição do burgo quando se esboçar em pó. E lá está o carvalho muito bem rodeado por um gradeamento — desde o século XVII, data em que de facto foi plantado...



— Parece que a dr.^a Juliette descobriu qualquer coisa de sensacional...

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4402



HORIZONTAIS: 1 — Misturavas. 2 — A totalidade das coisas. Engaste de pedra preciosa. 3 — Omara de nímbo. 4 — Nome de mulher. Povoação do concelho de Condeixa. 5 — Pteroclerium. 6 — Nesse lugar. Símbolo químico do érbio. 7 — Três mil em romano. Figura que simboliza o povo americano. 8 — Em o. Ponta aguda (inv.). Preposição. 9 — Rezar. Cidade da Alemanha. 10 — Inflamação da laringe. 11 — Superfície plana delimitada. Campeões.

VERTICAIS: 1 — Abreviatura de átomo. Mau cheiro. Cidade de Itália. 2 — Universo. Habitat. 3 — Transferiram para outro dia. Medida de superfície. 4 — Ruido. ersejano. 5 — Concelho do distrito do Bié-Cuando-Cubango. 6 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Apanha as espigas depois da ceifa. 7 — Varina. Aqui está. 8 — Inunda. Falta a verdade. 9 — Apelido. Gosto muito de Origens.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

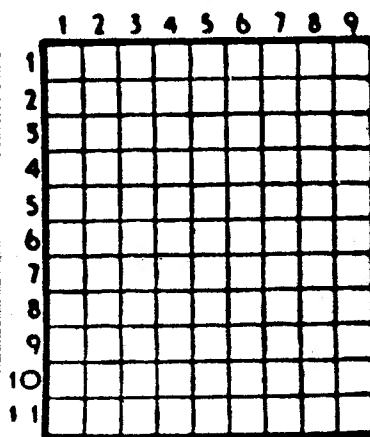
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4401

HORIZONTAIS: 1 — Sisa. QUEM. 2 — Ada. Rio. 3 — Camareira. 4 — As. Mar. Ad. 5 — FALOU. 6 — Sr. Tré. 7 — Aguiar. 8 — Al. Arc. Co. 9 — Guardos. 10 — Oia. Ras. 11 — Usar. Case.

VERTICAIS: 1 — Sacam. PAGOU. 2 — Idas. Luís. 3 — Sam. Fia. AAA. 4 — Amargar. 5 — Aral. Urdo. 6 — Erótico. 7 — Uri. Ura Sra. 8 — Eira. Coas. 9 — Moado. Posse.

(Provérbio: QUEM FALOU PAGOU)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8247



HORIZONTAIS: 1 — Molusco que se cria nos rochedos ou no costado dos navios. Empunhei. 2 — Rejuvenesce. Preposição latina que designa movimento. 3 — Empregas. Ramalhete. 4 — Negra. 5 — Leite de água fermentado, usado pelos Tártaros. Vagueia. 6 — Fileira. Rezo. 7 — Apre. Prende. 8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. Vazia. 9 — Diz-se dum ácido derivado de ósmio. Nota musical. 10 — Prefixo de negação. Seguias. 11 — Que tem sâmaras.

VERTICAIS: 1 — Expedição de cruzados, contra hereges ou infiéis. Primeira das três palavras que formam o nome dum freguesia do concelho de Agueda. 2 — Rente. Vinte mãos de papel. 3 — Sofreram em expiação ou compensação de. 4 — Uma das Espóradas. Ica. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». 5 — Antes de Cristo. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 6 — Habilidade. Ferro temperado. 7 — Dá arrastos. Abreviatura de idem. 8 — Vestuário rústico, de peles de ovelha. Origem. 9 — Passado. Preposição e artigo definido. Cimo de outeiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8246

HORIZONTAIS: 1 — Pião. Piro. 2 — Rai. Cor. 3 — Sonre. 4 — Tá. Meu. Ag. 5 — Ossa. Moço. 6 — Ser. Ari. 7 — Bona. Rara. 8 — Ela. Srs. 9 — Rá. Sul. As. 10 — Coais. 11 — Sacaremos.

VERTICAIS: 1 — Prato. Beras. 2 — Io. Assola. 3 — Ais. Sena. CC. 4 — Amará. Soa. 5 — Pré. Suar. 6 — Rumor. Lie. 7 — Ica. Oras. Sm. 8 — Rá. Acirra. 9 — Orago. Assas.

FACTOS REAIS

A LUA AO NOSSO ALCANCE

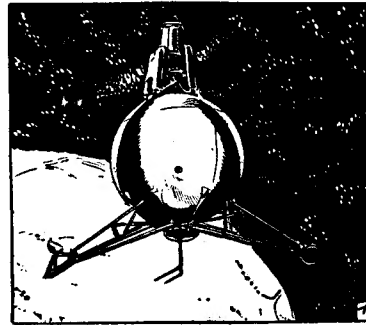
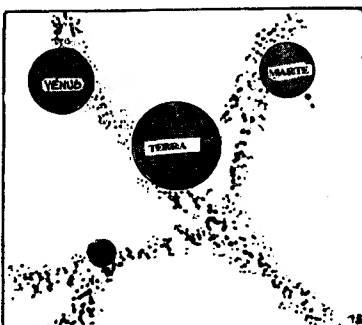
Irlandeses na presidência dos Estados Unidos

Dez descendentes de irlandeses do Norte (Ulster) ocuparam até hoje a presidência dos Estados Unidos. Foram eles Andrew Jackson (1829-37), J. K. Polk (1845-49), James Buchanan (1857-61), Andrew Johnson (1865-69), Ulysses Grant (1869-77), Chester Arthur (1881-85), Grover Cleveland (1885-89 e 1893-97), Benjamin Harrison (1889-93), William McKinley (1897-1901) e Woodrow Wilson (1913-21). Entre 1845 e 1901, no espaço de cinquenta e seis anos, os homens do Ulster dominaram a terra adoptiva durante nada menos de quatro décadas.

AUTOMÓVEL A INGLATERRA TRAVESSIA DO CANAL DA MANCHA

A C. P. informa que tem à disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se deslocarem à Inglaterra e desejem levar o seu carro um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

Peça informações e folhetos no Serviço Comercial e do Tráfego (Santa Apolónia), nas Secções de Informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos Despachos Centrais dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, ou consulte a sua agência de viagens ou automóvel clube.



13 — Para se escapar á atracção terrestre é preciso uma velocidade de 40 mil quilómetros horários. Vencida a atracção terrestre, é suficiente uma velocidade de dois mil quilómetros horários, para atingir Vénus e três mil quilómetros para se alcançar Marte. O difícil, pois, é sair da zona da atracção terrestre. Imaginemos, agora, que a nave espacial conseguiu a velocidade de libertação e voga em pleno espaço...

14 — Qual é a forma da nave espacial? Se for lançada da Terra, tem a forma de um foguetão

alongado. Caso seja construída uma estação espacial, poderá ter todas as formas possíveis. Há uma outra liberdade de movimentos, a qual permite um outro manuseamento dos materiais e dos carburantes. A pressão do ar deixa de existir numa estação espacial. O peso deixa de ser uma dificuldade.

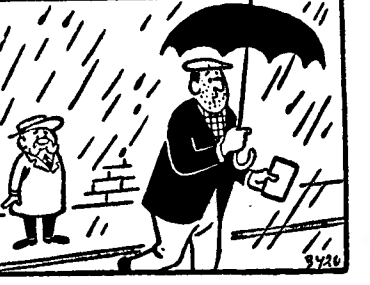
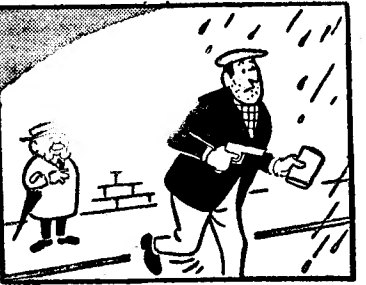
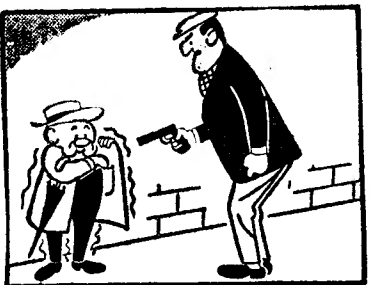
15 — A cabina — eis a questão. Lembremo-nos de que o ar expelido pelos cosmonautas, e outros gases libertados do complexo motor, passam a vogar no interior da cabina, ameaçando asfixiar os seus ocupantes. Impõe-se um sis-

tema especial de purificação, ainda não completamente conseguido para uma viagem de longo curso através do espaço. Outro problema é o que diz respeito ao reabastecimento das naves. Se uma viagem até à Lua não durar mais do que quatro a cinco dias, a verdade é que Vénus só pode ser atingida ao cabo de 180 dias, e Marte no fim de 240... Temos outros tantos dias para a volta — e, assim, muito complexa se mostra para já uma viagem interplanetária...

16 — A nave espacial não aterrará nos planetas. Da nave sairão veículos especialmente concebidos para pousar nas superfícies estranhas. A nave ficará em órbita, aguardando o regresso dos pequenos veículos exploradores. O choque da aterragem será amortecido por foguetões de travagem progressiva. Este sistema será utilizado, particularmente, em relação à Lua — dado que para Vénus e Marte serão utilizados planadores herméticos sem motor, os quais aterrarão, por consequência, sem dispêndio de combustível.

(Continua)

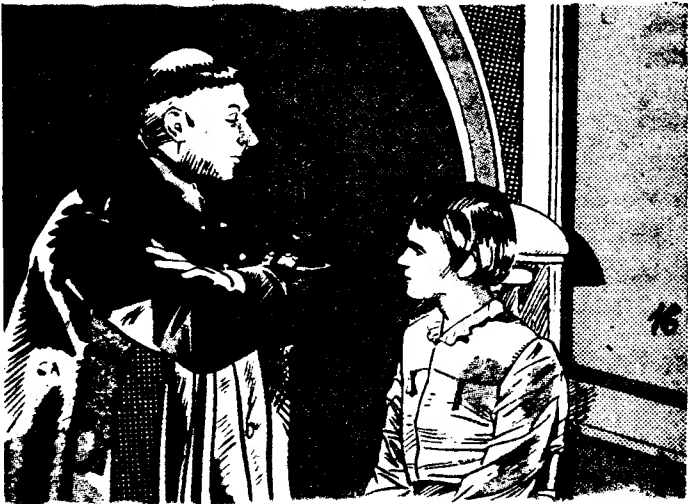
AVENTURAS DO TIO CARLOS



RAVAILLAC

Texto de J. VAGENENDE Desenhos de FRISANO

RESUMO — Reina a mais atroz das misérias na casa da família Ravallac. O pai, bêbedo inveterado, está sem trabalho. O filho mais novo, François, criança muito sensível e temente a Deus, ouve contar as torpezas de Henrique de Navarra, o famoso Huguenote, que por morte do cunhado, Henrique IV, subiu ao trono de França.



16 — Com onze anos, inteligente e bastante precoce, François lê e escreve já muito bem. Conhece três ortografias diferentes, sabe um pouco de Latim. Certa manhã o tio Nicolas chama-o ao gabinete «François», diz ele, «adquiriste excelentes conhecimentos de ordem geral. Para o filho de um valdevinos não se pode dizer que seja mau de todo... Mas é tempo de ganhares o teu pão. Tua mãe está exausta, a miséria instalou-se-lhe em casa. Ora o sr. Dufort des Roziers, que é notário, precisa de um jovem ajudante. Por amizade para comigo, consente em receber-te. Terás cama e mesa, aprenderás o ofício. Quero que o respeites bem, meu filho é um homem generoso!»



17 — Nessa mesma noite o menino despede-se da mãe. Acomete a vida de trabalho com dois lenços estampados, uma camisa que lhe deu uma vizinha caridosa e a magra quantia de dois «soles», oferta da mãe. Despede-se desta com lágrimas nos olhos. Além dos dois tios Dubrenil, foi a mãe quem lhe deu sempre um simulacro de ternura. No limiar da adolescência, sente que abandona a pobre aos dois brutos da casa — o pai e o irmão mais velho. Dirige-se a pé até à casa do notário, que o recebe sem simpatia. Um galfarro de bigodes vem abrir-lhe a porta: «Que é que tu queres?» «Os srs. Dubrenil devem ter falado de mim ao sr. Dufort des Roziers...» A porta bate. Ao fim de meia-hora o tipo dos bigodes chama-o e manda-o entrar para a cozinha. Espera até à noite que o patrão apareça. Os cozinheiros estão a assar uma galinha na lareira. Nunca o menino cheirou coisa tão divina... A fome atena-o sem piedade. Mas antes do jantar, chega o notário, homem seco e rude, que lhe diz: «Os teus tios falaram-me de ti. Vais ter um quarto pequeno. Comerás juntamente com o Gotte. À hora das matinas estás no meu gabinete, não te esqueças. Nada de atrasos!»



18 — A partir da manhã seguinte, meio aprendiz de notário, meio moço de recados, mal dormido e mal comido, o pequeno Ravallac inicia o seu duro aprendizado. Mas o pequeno quarto escuro, onde tem o catre, parece-lhe confortável: não deixou ele uma autêntica pocilga? Os grossos caldos de fava que Gotte lhe dá todos os dias são melhores do que qualquer outra coisa que tenha comido até então. François limpa o cartório, percorre a cidade levando na mão documentos ou recibos. E lá vai aprendendo menos mal o latim jurídico. Tem uma aspiração: saber o suficiente para se estabelecer em Paris, perto do seu inimigo, Henrique IV, que ainda o não conhece, prossegue na difícil e perigosa tarefa de conquistar o reino.

(Continua)

O ESTILO DE RAUL BRANDÃO

(Continuação da página central)

exprimem os seus sentimentos, a sua mundividência.

Na verdade, nas primeiras, Raul Brandão apresenta-se como «colorista inigualável», diz João Pedro de Andrade, e o estilo é límpido, de uma serenidade clássica, arejado, preocupando-se o autor — é ele próprio quem o diz nas «Ilhas Desconhecidas» — «não tirar a frescura às primeiras impressões» colhidas.

Ao contrário, no outro tipo de obras, a quem já alguém chamou «a fase séria», o estilo torna-se denso, difícil, nebuloso, monótono até, pelo repisamento do vocabulário, quantitativamente pobre e pela densidade de atmosfera que o escritor pretende criar.

O vocabulário de Raul Brandão, sobretudo nas obras de maior densidade dramática, em que se pretende sugerir um ambiente mais pesado («Humus», «A Farsa», «Os Pobres», etc.), gira pois em volta do abstracto, do nebuloso, do vago, e vocábulos como Dor, Sofrimento, Sonho, Desgraça, Morte, saturam os seus livros, porque agem não só como entidades abstractas, mas como personagens concretas, dominadoras, poderosas contra as quais nem sequer as mais combativas personagens, como a Candidinha ou as velhas d'«A Farsa», levam a melhor: «A morte! (...) A morte levar-lhe o filho?... que se a tivesse! Mas ouve-lhe os passos... Sente um frio envolvente: penetra, a gela-a, enche-lhe a alma de pavor».

Através da obra de Raul Brandão resalta, pois, o trágico da existência, o fantástico e o absurdo da vida.

Um dos processos de que o autor se serve para no-lo transmitir é a personificação e animização de seres inanimados a quem atribui os sentimentos e as dores humanas. Assim a vila do «Humus» aparece «sufocada de espanto» pelo absurdo, pelo grotesco que agita os seus habitantes. «A casa de granito revê sonhos: o quintal escorre sonhos; as árvores aparecem transformadas com «não sei quê de extraordinário, de irreai e de estranho», sendo para o autor cada uma das suas flores «um grito», o grito de todo aquele que sofre.

Outra maneira de ele chamar a atenção para um mundo miserável e caótico e para o injusto das situações consiste em associações vocabulares ilógicas ou aproximação de termos destoantes. Ao referir-se a Luísa, quando sai do Asilo, diz que sai «com a trouxa debaixo do braço e o discurso do senhor provedor».

As associações, por contraste, também lhe servem esse fim, e, assim, a Joana, que «por dentro é só ternura, por fora (...) é dene-grida». A Joana que inspira repulsa e é espezinhada, toda ela é sonho, amor e sacrifício.

As suas metáforas ousadas e o seu «romatismo simbólico», muito original, em que sobressai o cinzento-tédio, o branco-candura, o dourado-sonho, fazem-nos pressentir, a maneira simbolista, um mundo desconhecido e misterioso.

Quanto à estrutura das suas obras, ocupado em evocar cenas flagrantes do drama humano, em transmitir visões desconexas ou em reflectir sobre o mundo e a vida, Raul Brandão é mais evocador ou pensador do que narrador, e não se preocupa em estabelecer uma ordenação lógica dos factos, em dar aos seus livros uma estrutura romanesca, em desenvolver uma intriga, criar uma acção que desperte o interesse do leitor.

Por este processo consegue valorizar a filosofia das suas obras e dar especial relevo às personagens que nelas intervêm.

Essas personagens apresentam-se pouco complexas, porque o autor as faz agir apenas em função de um sentimento ou de uma ideia (ódio, a Candidinha; sonho, o Gabiru; ternura, a Joana), mas, por outro lado, essa faceta é explorada até ao âmago, surgindo, assim, personagens-típos, singularizadas e caracterizadas desde o próprio nome que usam. Os nomes são, assim, muitas vezes, simbólicos e de grande expressividade. Ora têm um tom pejorativo e caricatural: Lambisgóia, Fáfia, ora, através do nome superlativo, se dá uma intensificação depreciativa: D. Biblioteca das Bibliotecas, ora, pelo emprego de Dona, se pretende sugerir uma cerimónia despropositada: D. Restituta, ora se escolhe um nome vulgar: Joana, sem o poder de sugestão dos outros, justamente para pôr em destaque

uma figura que, pela sua humildade, se distingue das outras.

Senhor de uma inspiração rogosa, e interessado em ser, acima de tudo, fiel ao seu pensamento, Raul Brandão não teve a preocupação de escrever num estilo claro, perfeito, trabalhado. Parece, por vezes, que as suas frases curtas, incisivas, libertas das regras gramaticais, se entrecrocem.

Exposições de arte

(Continuação da página central)

Gabriel Silva. Dos estrangeiros, Murillo.

6 — «Os bêbados», n.º 18.

(Demorou cerca de 15 a 20 minutos a percorrer a exposição de «A Trave».)

4.º — Sargento músico da G.N.R., sócio da S. N. B. A. Foi aluno da Escola António Arroio — 42 anos:

1 — Venho a quase todas as exposições porque gosto de pintura.

2 — Quase todas.

3 — Sobre arte é quase sempre difícil falar. Acarinho sempre a arte e os artistas. Arte é tudo o que é feito pela mão do Homem. Estive na Holanda e no Brasil, tenho visto muita pintura. Aprecio toda a pintura.

4 — Van Gogh.

5 — Há tantos... multíssimos! Basaila... Falcão Trígono.

6 — Gostei. Aprecio todas as formas de arte (excepção para as colagens, coisa disparatada, sem profundidade).

7 — É difícil... O n.º 2 e o n.º 43 (estávamos na exposição de A. Loureiro).

Por fim, acrescentou: A arte é assim: todos lhe batem e todos a acarinham.

(Levou cerca de 30 a 40 minutos a percorrer as duas exposições.)

5.º — Advogada — cerca de 25 a 30 anos:

1 — «Ao S. N. I. venho pouco. Só venho a algumas. sabe o S. N. I. ...»

3 — «Hogan».

4 e 5 — Hogan.

6 — «Hogan».

7 — Agradam-me alguns. São mesmo bastante agradáveis. (Estávamos na sala de A. Loureiro.)

Depois divagou: Estava mesmo agora a pensar quando você se me dirigiu: o que é que esta exposição significa para mim?

Em 1967, em que medida representam estes quadros uma «chapa». — Sabe o que eu quero dizer com «uma chapa»?

Há anos esta pergunta não se faria. Mas hoje, não terá atingido esta pintura o fim de uma forma de expressão? Não vejo neles mais que o que ali está.

Esta forma não é original, mantém-se. Não haverá um pintor igual a ele, mas ele já não é original.

(Demorou mais de hora e meia a visitar as duas exposições.)

6.º — Jovem estudante das escolas técnicas — 18 anos:

1 — «Venho às vezes, mas sempre ao S. N. I.»

3 — Venho buscar, ler na inspiração do pintor quando este se baseia em motivos modernos.

4 — Picasso.

5 — (Tendo levado muito tempo a pensar, inquiri: «Não gosta de nenhum?» Respondeu: «Gosto. Mas... não me lembro agora dos nomes».)

6 — «Venho às vezes, mas sempre ao S. N. I.»

7 — «Venho às vezes, mas sempre ao S. N. I.»

(Levou cerca de 10 minutos a ver a exposição de «A Trave».)

7.º — Jovem natural do Estado da Índia, estudante da Escola Nacional de Belas-Artes — 19 anos:

1 — A atracção pela pintura. Para ver o andamento dos artistas e das pinturas, as novas correntes estéticas e para compreender melhor a arte moderna.

2 — Venho ver muitas. Venho mais vezes ao S. N. I. porque me fica no caminho.

3 — «Gauguin».

4 — «Gauguin».

5 — É um bocadinho difícil. Um grafismo, talvez Maria Helena Vieira.

6 — (Estávamos à entrada da sala de A. Loureiro.) Não entendi bem a pintura de A. Loureiro.

7 — «Depois perguntelhe o que pensava das Belas-Artes como escola de arte, vieto ser aluna».

— As Belas-Artes é uma escola

Trata-se, na verdade, de um estilo essencialmente poético, caracterizado pela ingenuidade, pela irregularidade, pela falta de elaboração técnica. Talvez, por isso mesmo, os seus livros tenham maior poder de comunicabilidade, e, porque foram escritos febrilmente, sinceramente, sentinamente, através deles, a própria força da Vida.

e portanto sempre englobada no academismo.

Para finalizar, inquiri se costumava pintar em casa, para si.

— Sim. Faço grafismos e geometrização das formas.

(Durante 20 a 25 minutos percorreu as duas salas.)

8.º — Natural do Alentejo. Empregado de escritório — 29 anos. Barba e botas altas.

1 — Por motivo de curiosidade e para adquirir cultura e conhecimentos.

2 — A muitas. Vejo quase todas em todas as galerias. Das últimas gostei muito da de Quito.

3 — A pintura que gosto é a que sei descrever à primeira vista, naquela em que sei penetrar logo. Na outra tento descobrir o que o artista viu e nada mais.

4 — Renoir, Rembrandt e Greco.

5 — Henrique Medina.

6 e 7 — Todos os que traduzem o sentir do Alentejo, as cores, a vida alentejana. Árvores, naturezas mortas, etc.

(Não viu a exposição de A. Loureiro e demorou cerca de 20 minutos a apreciar a equipa «A Trave».)

9.º — Caricaturista — 51 anos. (Figura muito conhecida das ruas de Lisboa.)

1 — A curiosidade e também para ver se aprendo alguma coisa mais. Uma pessoa anda sempre a aprender!

2 — Absolutamente a todas.

3 — «Almada Negreiros».

4 e 5 — Almada Negreiros.

6 e 7 — (Divagou-se e entre outras coisas disse-nos, após sorrir amplamente: «Se muitos pintores se dedicassem à pintura a sério, ganhavam muito mais e talvez o público lhes comprasse mais quadros».) E mais adiante: «Não se deve olhar só para o pintor e para o quadro, temos que olhar também para o estado de espírito do pintor na altura em que o pintou».)

(Durante mais de 50 minutos percorreu as duas exposições.)

10.º — Arquitecta — 22 anos:

1 — Interesse e, sobretudo, emoção.

2 — Venho a muitas.

3 — Não procuro, digamos, ser atraída pela pintura. Páro sobretudo nos quadros que mais me excitam, que mais me chamam a atenção.

4 — Renoir.

5 — Olhe! o do quadro n.º 70 de «A Trave» (Cândido Teles).

6 — Os quadros abstractos emocionam-me, mas não estou bem integrada nessa pintura.

7 — «Durante mais de meia hora percorreu as duas exposições».)

11.º — Pintor clássico retratista Custódio do Carmo:

1 — O interesse de ver algo de novo. No novo que vejo não consigo penetrar bem. Mas como pintor clássico admiro os modernos, claro.

2 — Quase a todas.

3 — Como pintor clássico que sou e retratista, não posso ir para o moderno, senão os clientes não me compravam os quadros.

Estilizo, mas no figurativo, estético e humano.

No moderno há coisas interessantes desde que não haja abuso. Mas os modernos valem-se do abstracto para abusar. Não condeno, no entanto, esses pintores. Cada um pinto o que quer, e vice-versa, para os clássicos deve haver condescendência da parte dos modernos.

4 — Goya.

5 — Henrique Medina. Mas lembro-me sempre de Malhoa e de Malta.

6.º — Preferi os alentejanos. É difícil um clássico como eu ser crítico de uma pintura moderna, que aceito como válida, mas aprecio mais as que me tocam.

7 — N.º 68, «Alentejos».

(Demorou mais de uma hora a visitar as duas exposições.)

CARLOS D'ABREU

LIVROS & AUTORES

APRECIÇÕES CRÍTICAS DE MÁRIO SACRAMENTO

«O MUNDO À MINHA PROCURA», autobiografia de RUBEN A., tomo I (Livraria Portugal) e tomo II (Parceria A. M. Pereira)

«A TORRE DA BARBELA», romance de RUBEN A., 3.ª edição revista e precedida de um ensaio de JOSÉ PALLA E CARMO (Parceria A. M. Pereira)

«O OUTRO QUE ERA EU», novela de RUBEN A. (Livraria Portugal)

Dizia Tynianov que «sempre que a vida entra na literatura, torna-se ela própria literatura». No caso de Ruben A., isto é crucial, pois pode dizer-se que ele se procura literariamente na vida. Considero por isso a sua Autobiografia o melhor que até hoje nos deu, o que não pode deixar de ser notável num país de gente bisonha em que esse género literário não só escasseia mas é olhado de través, espécie de pecado contra o pudor e as conveniências que seria.

Descobrir o que exprime um homem, num caso como este, é encontrar o que nos (ou lhe) faltava nele. E eis porque leio ou releio agora com outro interesse algumas das suas obras anteriores e deparo nela, com um outro que também sou eu, — ou que poderíamos sê-lo todos nós. Optar, com efeito, é matar. E, como é impossível viver sem opções, não há ninguém que não traga consigo os seus próprios cadáveres. E esse o sentido da *Mise à Mort*, de Aragon. Pelo que é indispensável confrontarmos-nos, de tempos a tempos, com eles: o que na opção contrária se autodestruiu ou transformou, se reajustou ou renovou inclui valores que devemos rever ou recuperar.

A Autobiografia de Ruben A. é uma obra de sinceridade total. O melhor: brutal. O seu despojamento chega a ser incontinência. E, para quem se reporte às melhores tradições do género, isso é um sinal positivo. Eu e Mundo são as duas tábuas do fole que ataca em Ruben A. a forja do existente, evoluindo dela a refração em fumarola azul dum surreal. O Salvador Dali desbigodado que a televisão nos sugeriu não é, pois, a imagem dum snob que grafasse a sua obra com Ruben A. mas a duma dimensão humana cuja autenticidade importa inquirir e estudar.

Como o nota Albérès nas suas recentes *Métamorphoses du Roman*, este é cada vez menos um género literário definido, para se volver em fenomenologia. E em fenomenologia tão singular que poderíamos designá-la, por paráfrase, de leucotomia pré-literária. O que hoje nos impõe uma obra como sendo de vanguarda é, com efeito, a ausência duma conexão fundamental, compensada pela hipertrofia de outra: a do olhar em Robbe-Grillet, por exemplo, ou a do ouvido em Isabel da Nóbrega. O que exprime com subtilidade a alienação, sem dúvida, nada havendo portanto a opor-se-lhe esteticamente. Mas, se a função da crítica é ler e dar a ler, é indispensável mostrar onde, como e por que se gera um tal processo.

Como a Torre da Barbela é um magnífico achado literário que sincroniza o diacrónico, ou seja, reverte a simultaneidade dum lance fantástico (em que «os mortos são vivos e os vivos são mortos») oito séculos de história. Todavia, a sua efabulação e tratamento estilístico dá-nos sempre a impressão de ficar aquém (excepção feita do mergulho na Fontinha) da tensão implícita. Porque resulta então a obra? Porque a sua chave está nesta frase: «o nosso ópio aqui é a chatice, não são precisos outros estupefacientes». Lida ela, põmo-nos a valorizar tudo o que no livro é, a um tempo, pícaro e satírico. E, sendo ironia *tout court*, o é em sentido fantástico e transcendente também.

Do mesmo modo — mas agora a um nível estético muito mais baixo —, *O Outro que era Eu* aponta a uma alegoria que se dis-

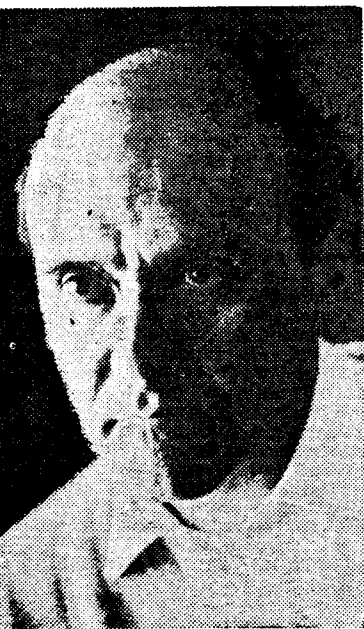
tingue da de Stevenson, Sá-Carneiro ou Rodrigues Miguéis (entre outras) pela «duplicidade carnal» do desdobramento. O embaçamento das intenções, o meio-caminho a que fica a imaginação, o propósito gorado dum câlão estilístico que resulta frouxo e mole, deixam-nos, contudo, um travo muito mais acentuado de pré-literatura. Não obstante, a partir do momento em que lemos que o Eu bivitelino do Outro «estava a ser destruído aos poucos pelas forças ocultas de uma oligarquia de bárbaros», passamos a procurar nesse mesmo tom pardo o que exprima o limite satírico de poder ser «a perversão a melhor pena de morte». Uma vez mais aparece diante de nós uma diacronia que busca sincronizar-se, mas só em termos de incerta ironia o consegue.

Que diacronia é essa? A da própria biografia do autor, evidentemente. E por isso ele cita, no pórtico desta, o seguinte distico de Henry Miller: «Autobiography is the purest romance. Fiction is always closer to reality than facts». Se Eu e Mundo são as duas tábuas do fole que ataca a forja do existencial, a verdade é que o primeiro tende a absorver o segundo e não a incluí-lo nele, pelo que é o Mundo quem O procura e não Ele quem procura o Mundo. Prodigiarei intencionalmente as maiúsculas. «É possível que muitos, ao lerem as páginas que se seguem» — adverte logo de início — «pretendessem memórias fiéis, anos determinados, mais nomes de permissão, etc. Disso confesso-me desde já pouco capaz. Memórias, Recordações, Lembranças são um outro tipo de expressão, nada tem que ver com a contínua busca do eu que me entusiasma e do eu que não me deixa quieto. Eu preocupei-me sempre comigo, essa é a principal razão da minha existência. Eu só me preocupo comigo, o resto é uma paisagem humana com altos e baixos, rios e desertos, lagos e oceanos. O que me interessa sou eu, ver cá para dentro e debruçar-me no poço fundo. Mundo que não conhece maldades, não se perverte de encontro a outros, que se deslumbra a registar vários eus transitando em várias épocas e enriquecendo a estrutura de um eu que vai progredindo incólume, exacto, fio de navalha na sua própria alma».

Eis aí definidos o conceito diacrónico e o conceito sincrónico de eu: o que se desdobra em eus que transitam por várias épocas e o que estrutura um eu exacto, incólume. E, entre um e outro, um sentido proustiano de procura que visa a criar, dentro de si, um modelo — em sentido cibernético — da obra a criar.

Poderá alguém, contudo, repetir a experiência de Proust? Perfeito sobre isso a opinião de Albérès: «André Breton afirmava em 1920: Os dias da literatura romanesca de efabulação psicológica estão contados. Foi o que se produziu no século XX: a explosão do romance para fora das fórmulas romanescas estereotipadas. Sob as formas mais diversas: estilizada e subtil com Proust, ávida com Joyce, irónica com Robert Musil... Assim nasceram grandes obras erráticas. Porque é bem evidente que não lemos Ulisses ou O Homem sem Qualidades como aos romances que lemos de ordinário, como aos romances ordinários. A Procura do Tempo Perdido não é um «romance», é por si só um género literário e um género literário já esgotado, uma vez que é impossível recomendá-lo...» E conclui: «O nosso século engendrou, com o nome de «romances», obras que são monstros sagrados e que ultrapassam o romance como género. Os grandes génios aberrantes que, no nosso século, fizeram do romance o pretexto para uma criação épica e totalmente pessoal (que, em regra, lhes ocupou toda a vida) tornaram-se os inspiradores de escritores mais pacientes, mais hábeis e mais modestos que transformam em técnicas o que, nos grandes criadores, fora exigência interior».

De acordo com isto, direi que o que me seduz na Autobiografia de Ruben A. não é o que o distico de Henry Miller aponta, mas o seu inverso: ao procurar-se literariamente na vida, como já escrevi, Ruben A. recria e antecipa a realidade como em nenhuma outra



RUBEN A.

das suas obras conseguia ainda. E isso, precisamente, porque não o interessaram os factos (os tais factos que poriam a ficção mais perto da realidade), mas sim a sincronização enstática e estética dum eu-mundo que foi estruturado pela sucessão dialéctica de vários e contraditórios eus-mundos diacrónicos.

Quais são estes? Em primeiro lugar, o da classe social. Ou melhor, o das classes sociais, como adiante se verá. Oriundo da alta gurguesia nortenha, Ruben A. descreve esse meio com invulgar acuidade e penetração: «Nascido numa alta burguesia constantemente a casar com os restos amolecidos da aristocracia, essa mesma alta burguesia iria, dentro em breve, dominar o país. O país criava-se com a nossa teta, estava lá, os ordens daquilo que fossem os nossos desejos. De forma que fomos sendo construídos para os lugares de directores, de administradores, de ministros, de chefes; longe o amannense — que mais tarde eu seria —, que só causava tristeza nos quadros mentais dos meus amigos. Restava-me, caso não concluísse o curso, um emprego de favor dos outros, daqueles que estavam estabelecidos já, com os casamentos ou com o dinheiro. Eldorado de um mero manga de alpaca na Shell, no Ultramarino, na Mobil, ou, talvez, em África, onde os falhados continuavam falhados, como outrora os do Porto no Banco Inglês». Entre um e outro limite, um episódio simbólico: Ruben A. é gravemente atingido, mercê de um acidente, pela descarga de uma ratoeira-de-fogo, das muitas que protegiam contra os assaltos a Quinta da família, o que motivava uma longa doença que lhe ensinara os valores da meditação e da clausura. A classe fuzila-o!

Em segundo lugar, o eu ideológico: «Desde pequeno vivi sempre no horror do colectivo, da massa gregária que se exterioriza publicamente em qualquer manifestação de agradecimento, protesto ou aplauso desportivo. Muita gente junta arrepiada-me, cria-me um complexo de superioridade». «Penso que a socialização do mundo para onde se caminha vertiginosa e declaradamente é a maior tragédia que foi distribuída ao ser homem que pensa». «Era minha vocação tomar o comando, organizar e dirigir quando outros titubavam. Então brilhava, não me resignava a ficar na segunda fila». E, na transição de contexto: «A ser escritor, por falhar naquilo que era a minha verdadeira vocação — uma carreira de homem público». Entretanto, um roce pelo integralismo e pelo nazismo, processados a látere.

Em terceiro, o eu psicossomático: «Fui sempre extrovertido, cometendo indiscrições». «Natureza nervosa ao extremo, criava megatomanias». «Quando, depois de esforços medonhos, reprovei uma outra vez, nasceu o complexo de que qualquer coisa não funcionava bem no meu pensamento».

Em quarto, o sócio-cultural: o trânsito por escolas que a democratização fizera comuns de ricos e de pobres, a oscilação e a ina-

daptação nos estudos, o primeiro encontro com mestres de craveira, a descoberta da literatura. «Nos corredores da Faculdade surgia o neo-realismo, receita de um estado novo ao contrário. Eu lia. Comprava esse movimento de sinceros e insinceros, de fome social, sangue na estrada, miséria no lar, justiça que se impunha. O Alentejo dava porcos e neo-realismo». Opta pelo surrealismo e funda, com um grupo de «élites», a Babão, «republica coimbrã, mas «republica de Platão», — «a primeira casa surrealista em Portugal», cujo lema será «Classe e Ambiente» ou, como lhe escreverá um amigo: «Classe! Multíssima classe, caramba!».

Em suma: «Criava aos poucos duas realidades — a nervosa, pública, épica, de orquestrações bombásticas, cheia de intempéries, e a lírica, sentimental, recolhida, de entusiasmo sempre a partir para qualquer coisa, pessoa ou ideia, raro semelhantes ao meu desejo».

Algo, porém, sobrepuja tudo isso, e esse algo é o que dá autenticidade à voz de um escritor, qualquer que seja a classe de que parta ou sirva, a ideologia que perfiar, o temperamento que manifeste, a cultura que tenha ou crie, as contradições que o dilacerem: é a tensão que tende a libertá-lo disso tudo, libertando do mesmo passo os outros — e recriando para si e para eles valores novos. E, por isso, embalde que Ruben A. fiel à classe em todos os sentidos da palavra — os quais a anulam! —, busca «manter a condição do homem-artista em luta com o homem-massa». O simples facto de se poder explicitar, hoje, um propósito desses significa que perdeu todo o sentido. Não há nada nas elites, quaisquer que sejam, que as massas não possam alcançar e incluir, mais tarde ou mais cedo: o nosso singular é singular delas e não nosso. Um homem só se exprime e comunica porque crê e confia nos demais, sejam eles dum presente ou dum futuro. E daí que a crítica pseudo-aristocrática de Ruben A. seja afinal uma crítica demolidora das oligarquias: «não há qualquer relação entre os discursos que se proferem, as parangonas que os jornais estampam e a vida real. São dois mundos completos e totalmente distintos, o mundo dos discursos e o enfrentar imediato do problema do homem da rua, do ser que está a nosso lado. Nada tem que ver um com o outro, não se parecem». Passos como este são numerosos.

Há, assim, um modelo, como disse, que sincroniza o diacrónico, gerando e estruturando a obra. E é inútil dar-lhe um nome contranatural: esse modelo não visa um homem puramente abstracto, mas o que neste se dialectiza com o homem concreto. A Torre da Barbela, por exemplo, inclui uma mensagem social que, *mutatis mutandis*, é o *pendant* novecentista da que trazia a *Ilustre Casa de Ramires*. Não é o que promete que fala nela, mas o que nega: «se falamos no presente é o futuro que está implícito». O Dr. Mirinho sé tem, por isso, um senão: o de Eça de Queiroz o ter já previsto, não só como personagem, mas como homem de carne e osso. De igual modo. *O Outro eu que era Eu* aponta a uma desalienação do homem que só a transformação social poderá permitir. E o que nega e caustica é mais verrinoso ainda, se bem que muito menos artístico.

Em conformidade com isto, a estrutura e o estilo, nos livros de ficção de Ruben A. apresentam-se-me em termos que direi de bancarrota da formalidade castelhana ou do casticismo marialva. O que já não sucede na Autobiografia, que é muito menos anarquizante e cria um renovo de valores que não poderá deixar de influir na obra futura do autor. Páginas como as que relatam o serviço militar ou descrevem a paisagem da Arrábida, transmitem as recordações de Coimbra ou dão a descida do Mondego em barco, são inesquecíveis pela vivacidade e pela sugestão que criam. Creio ver assim ultrapassada nessa obra a tendência para o câlão-poético, que raramente era de bom gosto e lembrava menos o automatismo surrealista que a deterioração do grande-burguês ou pequeno-aristo-

crata, isto é, a «nobreza plebeia» a que, por vezes, alude.

Dito isto, fica-me a roer uma dúvida, que até agora evitei: a da imaginação. Ruben A. tanto se diz pletórico como exangue dela. E a verdade é que lhe senti, muitas vezes, a ausência. Não será essa, afinal, a verdadeira significação da impossibilidade, que se reconhece, de «partir para os outros»? Escreve ele: «Tenho levado a vida a preocupar-me comigo, ainda não chegou a vez dos outros, e creio mesmo que talvez seja difícil que a sua hora se aproxime. Há tanto ainda para trazer do milagre a presença real, que as horas e os anos de existência são curtos para esta manobra». Não leio isto como um egocentrismo ou egotismo agnascas. Mas, por isso mesmo, seria desleal deixar de notar que obras como *O Outro que era Eu* não lhe são favoráveis. E, ou está incluso nisso o problema da própria ficção, ou, então, algo o inibe para a alumagem de si mesmo. Ou, por outras palavras, algo tende a diacronizar indefinidamente o que só pode ser criado sincronizando-se. Note-se, aliás, que é a História e a ressaca da Epopeia o que preenche as funções da imaginação na Torre da Barbela. Criada essa dimensão, contudo, um aspecto surge em que Ruben A. dá excelente conta de si, como o faz notar José Palla e Carmo no seu penetrante ensaio: o do maravilhoso, em sentido surreal. E por ele desabrocham, não só as mais conseguidas subtilidades psicológicas, mas os mais significativos achados estilísticos. Remeto para a excelente análise de Palla e Carmo — a qual o romance muito fica a dever do seu êxito — o leitor que queira ponderar este e outros aspectos. E retiro disto uma pergunta apenas, que, necessariamente, interessa ao futuro da obra de Ruben A.: em que medida o tipo da imaginação criadora deste autor será causa ou será consequência da sua impossibilidade de transfiguração num outro que não seja ele? Responder a isso seria ler a *buena dicha*. Mas deixar de perguntá-lo seria ignorar o que, bem vistas as coisas, ele se procura. afinal, no mundo que o procura.



O poeta Lorand Gaspar

PRÉMIO APOLLINAIRE

Em reunião do júri na sala do célebre café parisiense «Le Procope» foi atribuído o Prémio Guillaume Apollinaire ao poeta húngaro Lorand Gaspar. O livro galardoado intitula-se «Le Quatrième État de la Matière» e é a primeira obra do autor que a crítica considera de plena maturidade. O tema dominante é a representação poética dos desertos da Jordânia, onde o autor tem vivido, em paralelo com os desertos interiores da alma humana.

Lorand Gaspar nasceu na Hungria, em 1925, foi mobilizado em 1943 e enviado para a frente russa com as tropas invasoras nazis, deportado para a Alemanha quando os húngaros capitularam em 1944. Depois de se formar em medicina na França tem trabalhado na Jordânia e exerce actualmente a profissão de cirurgião em Jerusalém.

LUIS SOBRAL HISTÓRIAS MALDOSAS

«O aparecimento de HISTÓRIAS MALDOSAS, de Luis Sobral, no fim de Dezembro, foi um acontecimento assinalável. Livro jovem, agressivo, desigual mas inteligente, incisivo, mental, revela a natureza de um moralista (não de um moralizador) e a pena de um ficcionista de futuro».

URBANO TAVARES RODRIGUES